

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SANDRO ROBERTO DE SANTANA GOMES

SAÚDE E SALVAÇÃO:
O sagrado das rezadeiras em Paulista

RECIFE/2007

SANDRO ROBERTO DE SANTANA GOMES

SAÚDE E SALVAÇÃO:
O sagrado das rezadeiras em Paulista

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre pelo
Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Religião pela Universidade Católica de
Pernambuco. Orientador: Prof. Dr. Gilbraz
Aragão

RECIFE/2007

G633s

Gomes, Sandro Roberto de Santana

Saúde e salvação: o sagrado das rezadeiras em Paulista/

Sandro Roberto de Santana Gomes; orientador Gilbraz Aragão, 2007.
127f. : il.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2007.

1. Saúde. 2. Cura pela fé. 3. Benzedeiros – Paulista (PE).
I. Título.

CDU 265.8

SANDRO ROBERTO DE SANTANA GOMES

SAÚDE E SALVAÇÃO: O sagrado das rezadeiras em Paulista

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial a obtenção o título de Mestre em Ciências da Religião, pela universidade Católica de Pernambuco, por uma comissão examinadora formada pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª Sylvana Maria Brandão de Aguiar – UFPE.
1^ª Examinadora

Prof^ª. Dr^ª Zuleica Dantas Pereira Campos – UNICAP – PE.
2^ª Examinadora

Prof^º. Dr^º Gilbraz de Souza Aragão – UNICAP – PE.
3^º Examinador (Orientador)

RECIFE/2007

RESUMO

Na busca pela saúde muitos recorrem a práticas religiosas que, ao longo do tempo, foram consideradas estranhas e extravagantes. Nossa cultura racionalista perdeu de vista a imensa contribuição que as rezadeiras, ainda hoje, oferecem para a vida de muitas pessoas que a elas recorrem em busca de alívio de suas dores materiais e espirituais. Nesta dissertação nossa tarefa, como cientista da religião, é reconstruir pontes que possibilitem um diálogo integrador e transdisciplinar das ciências com a vida. Nas benzeções, busca-se saúde e se encontra salvação, entre, através e além dessas práticas. Negar a complexidade deste fenômeno é negligenciar a força revitalizadora que anima e fortalece a experiência de fé e de solidariedade que é possível identificar em nossas periferias.

PALAVRAS CHAVES:

Rezadeiras; Benzeções; Transdisciplinaridade; Saúde; Salvação.

ABSTRACT

Searching health, many people resort to religious practices that along the time were considered strange and extravagant. Our racionalistic culture has lost the great contribution that the sorceress offers to the lives of many people who appeal to them looking for relief to their material and spiritual pain. In this dissertation, our work, as a religion scientist, is to reconstruct bridges that could make possible an integrated and transdiscipline dialogue between science and life. In magic blessing practice, health and salvation are in a dialogical relationship between, through and beyond prays and blesses. Deny this phenomenon complexity is the same as negligence the revitalization strength that empowers and encourages the faith and solidary experience which could be find in all society levels.

KEY-WORDS:

Sorceress; magic blessing; transdisciplinarity; health; salvation.

AGRADECIMENTOS

Ao bom Deus, autor e realizador da vida que me possibilitou e me capacitou com a força necessária para enfrentar os inúmeros desafios que apareceram nesta jornada formativa.

Aos meus queridos e amados pais, Severino Correia Gomes e Eunice Estácio de Santana Gomes, pelo dom da vida e pelo incentivo e carinho que sempre demonstraram por mim. À minha amada esposa Alexandra Maria Anes Leão, pela paciência e desprendimento que sempre demonstrou durante a realização do meu mestrado, aos meus filhos Ivan Filipe Leão Gomes e Íris Rafaela Leão Gomes, que mesmo com tão pouca idade, enfrentaram comigo os desafios da arte do aprender. Aos meus irmãos Silvio Ricardo e Sheyla Patrícia.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gilbraz de Aragão, pelo incentivo de conhecer e sonhar com a possibilidade de revelar as nuances da realidade pelo método transdisciplinar, que esse sonho possa motivar outras cabeças e impulsionar o conhecimento de forma relacional e integral.

A todos os meus professores do Curso de Mestrado em Ciência da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. Obrigado pelos ensinamentos que me transmitiram, não somente pela palavra, mas, sobretudo pelos testemunhos oferecidos.

Às instituições em que trabalho, Educandário Nossa Senhora de Lourdes e Colégio Marista São Luís, e de modo especial, às Irmãs Betânia, Ir. Maria José, Ir. Ana, Ir. Cândida,

Ir. Marie Noel, a elas meus sinceros e profundos agradecimentos, que a virgem de Lourdes ilumine a cada uma delas e ao Instituto.

Aos meus amigos de caminhada, e de modo especial ao amigo de todas as horas Wilson Jansen, este nunca me faltou nos momentos de dúvidas e incertezas. Ao amigo e compadre Vanderlei Lain, incentivador primeiro da realização deste mestrado.

Às rezadeiras dos bairros de Paratibe e Arthur Lundgren I, pela paciência e disponibilidade em responder às dúvidas e inquietações deste humilde pesquisador, que sua missão possa continuar fortalecendo a vida das pessoas que recorrem às suas casas.

Enfim, a todos que direta e indiretamente, contribuíram com esse trabalho, que Deus os abençoe e os guarde. Muito obrigado a todos.

SUMÁRIO

RESUMO	1
ABSTRACT	2
AGRADECIMENTOS	3
INTRODUÇÃO	8
1 MÉTODO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	12
1.1 História de rezas e rezas com histórias	12
1.2 Em busca da experiência do sagrado e sua linguagem.	20
1.3 A fenomenologia da religião: um método de investigação	29
1.4 Situando nossa pesquisa	33
1.4.1 Um pouco de História: Município do Paulista	33
1.4.2 Um olhar sobre a atualidade desta cidade	35
1.5 Do Desenvolvimento da Pesquisa.	37
2 APLICANDO O MÉTODO À PESQUISA DO FENÔMENO DAS REZADEIRAS.	39
2.1 Classificação Temática das Entrevistadas.	39
2.1.1 Das Origens	40
2.1.2 Dos Gestos e Plantas	41
2.1.3 Dos Males que as rezas “curam”	44
2.1.4 Reza e renumeração pelo serviço.	45
2.2 Práticas populares e psicologia.	47
2.3 Aportes psico-sociais para compreensão do fenômeno das rezadeiras.	50
2.4 O rito e a benzeção, outras reflexões.	53
2.5 Experiência religiosa, entre a tradição e a modernidade.	64
3 SAÚDE E SALVAÇÃO, O SAGRADO ENTRE E ALÉM!	69
3.1 Prática popular de benzeção.	69

3.2 Um serviço gratuito e silencioso.	78
3.3 Força de resistência e misticismo	86
4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: LINGUAGENS E GESTOS, SINAIS DO QUÊ?!	92
4.1 O que se esconde e se revela nas práticas das rezadeiras?	92
4.2 Buscando saúde, encontrando salvação!	94
4.3 O sagrado expresso em símbolos: saúde e salvação, entre, através e além!	97
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
ANEXO 01 - Entrevista com D. Zilda	105
ANEXO 02 - Entrevista com D. Maria da Conceição	108
ANEXO 03 - Fichas das Entrevistadas	110
REFERÊNCIAS	123

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jardim de D. Maria José.	26
Figura 2 – Rezadeira Joseli.	48
Figura 3 - Pinhão Roxo – planta utilizada na prática na benzedura.	60
Figura 4 - Vassourinha de botão– planta utilizada na benzedura.	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização geral das rezadeiras	36
Tabela 2: Caracterização das rezadeiras entrevistadas.	39

INTRODUÇÃO

“O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento – o sentimento ‘religioso’ – do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra”¹.

Centralizamos nossa investigação no estudo do fenômeno religioso das rezadeiras na cidade do Paulista. Não pretendemos esgotar a temática, entretanto, nossa principal preocupação foi olhar a realidade destas mulheres com atitude crítica e reverente e, ao mesmo tempo, buscar caminhos de compreensão científica destas práticas de recuperação da saúde e da experiência religiosa.

Nossa reflexão sobre essa necessidade de integração entre saúde e salvação nos reportará aos teóricos das mais diversas áreas do conhecimento científico que pesquisaram sobre essa temática. Em um esforço transdisciplinar, buscaremos estabelecer relações dialógicas entre e através das nuances deste fenômeno religioso. Assim, nosso esforço de sistematização mostrará como a prática da benzeção contribui, de forma decisiva, para uma tentativa de integrar o bem-estar material com a saúde (*salus*) espiritual, de forma harmoniosa e simples.

Conscientes que a prática da benzeção materializa-se através de uma linguagem que lhe é própria e os gestos empregados são revestidos de força simbólica transformadora e integradora, buscamos, através de entrevistas, identificar as palavras e os gestos que integram e compõem essa prática. Contudo, outro componente indispensável, que não podemos

¹ NICOLESCU, Basarab. **Educação e Transdisciplinaridade II**. São Paulo: TRIOM, 2002, p. 60.

negligenciar, é a dos consulentes. Eles e elas, revestidos de fé e confiança, depositam nestas mulheres e em suas práticas a solução de suas “mazelas”.

Com isso, acreditamos que a prática da benzeção e a presença das rezadeiras possibilitam um novo olhar sobre o cotidiano, que se modifica qualitativamente, através de suas rezas e preces. Nosso desejo é analisar essa realidade apoiando-nos no método fenomenológico e hermenêutico, sem negar a contribuição das ciências sociais, antropológicas e psicológicas, que servirão de ferramentas na análise do fenômeno religioso.

Por isso, uma de nossas tarefas é revelar como as palavras e os gestos dessas mulheres contribuem com a construção de um referencial simbólico que dá novo alento aos consulentes que visitam suas casas. E, ao mesmo tempo, verificar como acontece o encontro entre as rezadeiras e seus consulentes, identificando o significado religioso e a dimensão de sagrado que se manifesta na ação da benzeção.

Sabemos, contudo, que esse fenômeno religioso enfrenta, ainda hoje, uma profunda e inconsciente resistência por parte de alguns setores e instituições oficiais da saúde pública e das igrejas cristãs, tornando-se foco de conflito explícito e implícito entre a sabedoria do povo e a racionalidade eclesiástica e científica. Por outro lado, identificamos que essa realidade vem mudando, com o passar do tempo. Pois é possível identificar iniciativas que valorizam as práticas das rezadeiras, tanto por parte dos setores e instituições oficiais, como por parte dos líderes religiosos.

Nossa viagem ao universo religioso das rezadeiras quer abrir um caminho de diálogo com o mundo pós-moderno, e ao mesmo tempo, estabelecer um encontro respeitoso e reverente ao mistério manifesto nessa experiência.

Dividimos o nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro, **Método das Ciências da religião**, apresentamos as justificativas teóricas que orientarão nossa investigação e sistematização do fenômeno religioso das rezadeiras, a partir dos referenciais históricos e

fenomenológicos em busca de uma compreensão mais detalhada da linguagem e da manifestação do sagrado nesta prática religiosa. Ainda neste primeiro capítulo, procuramos situar nossa pesquisa, tanto geográfica como historicamente, revelando alguns dados socioeconômicos da região estudada. Por fim, descrevemos com que critérios foram feitas as coletas de dados e a abrangência de nossa pesquisa.

O segundo capítulo, **Aplicando o método à pesquisa do fenômeno das rezadeiras**, relacionará os diferentes aportes teóricos com as práticas de benzeção identificadas em nossa pesquisa. Desta forma, procuraremos apontar caminhos dialógicos entre as mais diversas ciências com o fenômeno religioso das rezadeiras em vista de um caminho transdisciplinar capaz de esclarecer essa conexão entre a busca da saúde com o desejo de salvação.

O terceiro capítulo, **Saúde e salvação, o sagrado entre e além**, detém-se em apresentar as pistas oferecidas pelo método transdisciplinar na análise do fenômeno religioso das rezadeiras. As ciências precisam dialogar, estabelecer conexões, precisam de consciência. Desta forma acreditamos ser possível romper as fronteiras que o conhecimento fragmentado impôs aos mais diversos níveis de saberes. Mostraremos, ainda, ser possível uma aproximação do sagrado a partir das práticas de benzeção, e esta se estabelece entre e além destas práticas.

E finalmente, no quarto capítulo, **Diálogos possíveis: linguagens e gestos, sinais do quê?!** Contemplaremos algumas práticas de benzeção com o auxílio de uma nova lente de investigação. A complexidade, inerente ao fenômeno religioso das rezadeiras, nos desafiará a olhar com maior cuidado e atenção as inúmeras facetas desta prática religiosa. Ela é um tecido dobrado múltiplas vezes sobre si mesmo (*Complexus*). Isso exige de nós um olhar crítico e reverente, sensível e racional, que possibilite estabelecer vias dialógicas entre os diferentes níveis de realidade.

Assim, convidamo-los a aventurar-se nesta jornada pelo universo das ciências da religião, em busca do sagrado que se esconde nas práticas cotidianas das rezadeiras e se

revelam como apelo de alívio corporal e espiritual para aqueles que freqüentemente visitam suas casas.

Venham trilhar conosco esse caminho sagrado de rezas e benzeduras. Porque são de palavras muitos especiais que vamos tratar. Palavras que escorrem das bocas e dos gestos das rezadeiras, que invocando e trazendo dentro de cada uma delas a força de Deus, de nossa Senhora e dos santos, reencantam o mundo e as coisas do cotidiano.

1 MÉTODO DAS CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

“Deus te salve, casa santa, onde Deus tem a morada onde mora o cálix bento e a hóstia consagrada.”²

1.1. História de rezas e rezas com histórias.

O estudo do fenômeno religioso das rezadeiras é uma necessidade que se impõe aos pesquisadores das Ciências da Religião, pois está arraigado na mais genuína tradição cultural e profundamente inserida na experiência religiosa do ser humano. Não temos a pretensão de esgotar o tema, simplesmente, propomo-nos a olhar essa realidade com atitude respeitosa e reverente e, ao mesmo tempo, apresentamos alguns caminhos de compreensão científica das práticas da cultura e experiência religiosa das rezadeiras.

Refletindo sobre essa necessidade de integração entre saúde e salvação, reportar-nos-emos a alguns teóricos que pesquisaram essa temática e com o auxílio da antropologia e da sociologia, tentaremos traçar marcos referenciais para o estudo e a compreensão deste tema. Assim, analisamos essa realidade apoiando-nos no método fenomenológico e hermenêutico, sem negar a contribuição das ciências sociais, antropológicas e psicológicas, que serviram de ferramentas na análise do fenômeno religioso.

Nosso esforço de sistematização mostrou como a prática da benzeção contribui de forma decisiva nesta tentativa de integrar o bem-estar material com a saúde (*salus*) espiritual de forma harmoniosa e simples. Temos consciência de que a prática da benzeção materializa-se através de uma linguagem que lhe é própria e os gestos empregados são revestidos de força simbólica transformadora e integradora.

² ALVES, Aníbal Falcato. **Rezas e benzeduras**. Portugal: Campo das letras. 1998. p. 19.

Entretanto, outro componente indispensável que não podemos negligenciar é a dos consulentes. Eles e elas, revestidos de fé e confiança, depositam nas mulheres curandeiras e em suas práticas, a solução de suas “mazelas”. Com isso, acreditamos que a prática da benção e a presença das rezadeiras possibilitam um novo olhar sobre o cotidiano, que se modifica qualitativamente, através de suas preces.

Assim nossa pesquisa revelou como as palavras e os gestos dessas mulheres contribuem com a construção de um referencial simbólico que dá novo alento aos consulentes que visitam suas casas. Ao mesmo tempo, verificamos como acontece o encontro entre as rezadeiras e seus consulentes, identificando o significado religioso que se manifesta neste momento e como transparece a dimensão de sagrado na ação da benção.

Sabemos, contudo, que essa prática que está arraigada na experiência religiosa está revestida de profunda resistência por parte das instituições oficiais, tornando-se foco de conflito explícito e implícito, de preconceitos e rotulações. Nossa viagem ao universo religioso das rezadeiras quer abrir um caminho de diálogo com o mundo pós-moderno, e ao mesmo tempo, estabelecer um encontro respeitoso e reverente ao mistério manifesto nesta experiência. Em muitas orações encontramos elementos significativos da cultura e da experiência religiosa que de forma singular manifesta o sentimento de um povo que procura pelo transcendente.

“Tenho sede”³, é essa referência que nos anima na busca de uma maior integração entre ciência e religião, para melhor percebemos a conexão entre saúde e salvação. Podemos trilhar caminhos muito diversos na busca desta relação, e o método adequado que possibilitará uma visão objetiva da realidade é um desafio que se impõe. Diante disso, assumimos que as

³ Evangelho de São João cap.19 vers. 28 - Jesus manifesta seu desejo mais profundo e ao mesmo tempo a realidade existencial que está presente em todo ser humano. A sede de Jesus é a sede de todo ser humano que busca e quer saber mais. Nesta sede encontramos todas as insaciáveis buscas do ser.

ciências das religiões não se constituem uma disciplina à parte, e sim uma estrutura aberta e dinâmica como afirma Filoramo⁴.

Essa abordagem nos desafia a buscar, criativa e transdisciplinarmente, a experiência das rezadeiras e, ao mesmo tempo, perceber nelas o fenômeno religioso em suas múltiplas facetas. Outro conceito que orientou nossa investigação do fenômeno religioso das rezadeiras é o de cultura. Neste sentido Hans Küng nos oferece uma definição bastante abrangente e significativa, pois envolve elementos significativos na análise do sagrado. Assim escreve: “cultura é o conjunto de conhecimentos e procedimentos que caracterizam uma determinada sociedade humana, sejam eles de natureza técnica, econômica, científica, social ou religiosa”⁵.

Sabendo que a religião e a ciência descrevem aspectos diversos de uma mesma realidade e que ambas encontram-se em profunda relação no contexto social e cultural, contribuindo com elementos diferentes para o entendimento do universo humano, nossa tarefa principia pela delimitação dos conceitos do fenômeno religioso. “O sagrado é aquele conjunto de coisas que qualquer humano, em qualquer época ou lugar sempre considerou inviolável e digno de estima”⁶. Esse conceito auxiliará na nossa investigação e possibilitará uma maior compreensão dos fatores intrínsecos à realidade social e cultural, como um poder experimentado como outro, real, divino e misterioso.

Compreendemos ainda, como afirma Mircea Eliade, que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais”⁷. Desta forma, nos reportaremos ao campo específico da ciência da religião e ao mesmo tempo à sua

⁴ cf. FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As Ciências das Religiões**. São Paulo: Paulus, 2003, p. 13.

⁵ KÜNG, Hans. **Religiões do mundo: em busca dos pontos comuns**. Campinas : São Paulo. Versus Editora, 2004. p.22.

⁶ PADEN, William E. **Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. p. 131.

⁷ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.

legitimidade diante do conhecimento científico. Pois a religião precisa ser compreendida em sua multiplicidade fenomenológica.

Sabemos que ao analisar os fenômenos religiosos por entre as práticas de benção enveredaremos por trilhas sinuosas que envolvem aspectos dos mais diversos campos do conhecimento humano. Por isso, nossa investigação não negará a complexidade inerente a essas práticas, e ao mesmo tempo, lançará os questionamentos necessários para o estabelecimento do diálogo, caminho necessário para o conhecimento. A validade deste conhecimento reside na experiência cotidiana destas mulheres, entretanto, não podemos negar os condicionamentos que o contexto histórico-social impõe. Por isso, nossa preocupação fundante é penetrar nas embrenhadas teias da realidade para estabelecer uma relação dialógica com os significados dos fenômenos.

Na pós-modernidade, que pode ser caracterizada pelo declínio das grandes narrativas, a experiência religiosa adquire relevância significativa como fenômeno social e cultural. No entanto, se faz necessário delimitar o conceito de religião com os óculos multidisciplinares e transdisciplinares oferecidos pelas ciências sociológicas, antropológicas e fenomenológicas.

Como sabemos, falar de uma Ciência da Religião é algo muito recente, pois o fenômeno religioso e a própria religião como campo de investigação passa por um processo de reconhecimento de sua relevância para compreensão da realidade social⁸. Essa “novidade” tem possibilitado uma série de preocupações em torno do sagrado, e inquietado o coração humano em busca de um novo caminho para a humanidade. O próprio Mircea Eliade afirma:

“A ciência das religiões, como disciplina autônoma, tendo por objeto a análise dos elementos comuns das diversas religiões a fim de decifrar-lhes as leis de evolução e, sobretudo, precisar a origem e a forma primeira de religião, é uma ciência muito recente (data do século XIX), e sua fundação quase coincidiu com a ciência da linguagem”⁹.

⁸ Cf. MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Edições Paulinas, 1995. p.9.

⁹ ELIADE, 1992, p.1.

A possibilidade de investigação científica dos fenômenos religiosos nos favoreceu com uma nova abordagem das religiões e, ao mesmo tempo, estimulou uma maior compreensão dos aspectos inerentes a essa realidade social, cultural, pois não podemos entender a experiência religiosa desligada das mais profundas necessidades do homem/mulher. Na tentativa de delimitar o campo específico da ciência da religião somos desafiados a enveredar em uma abordagem histórico-fenomenológica, que garanta a manifestação dos objetos de estudo com uma maior clareza para uma maior compreensão da realidade.

Por isso podemos afirmar que “a ciência da religião é, neste sentido, uma hermenêutica da religião humana em seu caráter dado ou positivo”¹⁰. Um dos desafios ao cientista da religião é, então, o de procurar enfocar a especificidade da religião e dos fenômenos religiosos sem cair no dogmatismo e no reducionismo e ao mesmo tempo superar a tendência de apenas descrever os fatos (fenômenos) sem uma profunda vinculação com a multiplicidade da existência humana.

Partiremos desta compreensão da experiência religiosa do sagrado apresentado por Wach: “entendemos que a experiência religiosa - anteriormente definida como a experiência do sagrado - envolve atitudes definidas e diferentes formas de expressão”¹¹. Pois, como ele mesmo afirma: “Nenhum ato de adoração pode existir sem alguma concepção do divino, nem uma religião pode funcionar sem pelo menos uma quantidade módica de expressão cultural”¹².

Nossa aproximação do fenômeno religioso das rezadeiras buscará esclarecer e explorar as contradições e controvérsias presentes no interior da prática de benzeção, tentando entender o que se revela e o que se esconde entre e através das palavras e ações destas mulheres. Entretanto, outra atitude que se impõem ao cientista da religião é a de respeito ao mistério do

¹⁰ DREHER *In*: TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. p.175.

¹¹ WACH, Joachim. **Sociologia da Religião**. São Paulo: Edições Paulinas, 1990. p. 31.

¹² *Ibidem.*, p. 3.

outro, aquilo que não poderá ser compreendido em sua totalidade, que permanecerá oculto e inatingível.

Acreditamos como afirma Pondé, que “contextualizar a epistemologia é mostrar as bases ‘não científicas’ para aquele conjunto de enunciados que serão aceitos como verdadeiramente científicos”¹³. Faz ciência quem faz inter-relações, quem é capaz de penetrar no mistério sem perder as referências que iluminam a jornada em busca do conhecimento. Procuraremos entender como esse fenômeno penetra e modifica a realidade possibilitando uma nova interpretação da vida.

No olhar, nas palavras e nos gestos das benzedeiras ou rezadeiras, como são mais conhecidas em Paratibe, bairro da cidade de Paulista onde nossa pesquisa deteve-se de forma mais sistemática, descobrimos que essa força penetra o mais profundo do ser e interfere na vida e no cotidiano das pessoas. Elas, com suas práticas, modificam o dia-a-dia dos seus consulentes e criam uma atmosfera de confiança e, desta forma transformam-se em agentes do sagrado, atuando como verdadeiras porta-vozes do conforto, auxiliando com suas palavras e gestos uma nova atitude diante da vida e oferecendo a segurança necessária para desenvolver a paz e a tranquilidade aos seus consulentes.

Por tudo isso, ressaltamos a realidade das pessoas que se dirigem às casas das rezadeiras: eles não são agentes secundários, pois é a crença que as mobiliza a buscarem soluções nas casas das rezadeiras que desempenha papel fundamental na relação e no encontro destas pessoas. Neste contexto aparecem de forma inequívoca e relevante, mulheres que com ramos de plantas, movimentos ligeiros e palavras balbuciadas, invocam a proteção e a cura:

“É bem sabido que se o homem não precisasse de ‘salvação’ as religiões seriam inúteis, mas elas têm igualmente se tornado bastante

¹³ TEIXEIRA *In* TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. p. 31.

supérflua em outro caso: quando não são capazes de sanar as doenças e os incômodos físicos e psicológicos cotidianos do homem”¹⁴.

As rezadeiras de hoje, a exemplo de tantas outras do passado, ocupam um lugar de destaque e de confiança para todos os fiéis que visitam suas casas. Elas são senhoras da oração poderosa, suas preces possuem uma força que penetra e transforma a realidade e em contrapartida possuem uma concretização da experiência do mistério no dia-a-dia das pessoas. Rezam com fé, e sua confiança contagia aqueles que se dispõem a receber suas bênçãos contra vários tipos de mazelas.

Penetrando no sentido etimológico da palavra saúde, podemos perceber a imensa amplitude do papel desempenhado por essas mulheres. Desde o sânscrito *svasta* (bem-estar, plenitude), passando pelas línguas nórdicas e mais recentemente as anglo-saxônicas *heill*, *heil*, *whole*, *hall* (plenitude, integridade) como em outras línguas e culturas – *sóter* (grego), *salus* (latim) – essa palavra adquiriu um sentido de salvação, de regeneração, de vida plena, de dignidade¹⁵. Perceber o papel das mulheres nas tradições religiosas populares é um grande desafio ao pesquisador das ciências da religião. Elas, durante séculos, estiveram à margem da instituição religiosa oficial, e muitas vezes, foram confundidas com ações e práticas tidas como obscuras. Sofrendo todo tipo de perseguições e muitas vezes enfrentando a própria morte nas fogueiras das inquisições do passado.

A partir da abordagem acerca do que venha ser cultura popular¹⁶, é possível entender o papel dos “rezadores” no cenário sertanejo. Tidos como “cientistas” ou “médicos” populares,

¹⁴ TEIXEIRA In TEIXEIRA, 2001. p. 3.

¹⁵ Cf. TERRIN, Aldo Natale. **Introdução ao estudo comparado das religiões**. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. p. 154.

¹⁶ Na introdução do seu livro CHAUI, Marilena. Apresenta algumas reflexões fundamentais sobre esse conceito, complexo e de difícil conceitualização, pois abrange aspectos variados da realidade social. E assumimos um das definições. Cultura popular como um “conjunto disperso de práticas dotadas de lógicas própria, mas uma lógica que se constitui durante os acontecimentos, durante a ação, definida e temporalmente

possuem uma maneira peculiar de curar: combinam as práticas místicas da religião católica, magia e conhecimentos da medicina popular com a utilização de plantas medicinais e outros unguentos que tinham como finalidade a proteção do indivíduo e a cura de seus males físicos e emocionais. Tais nexos entre religião instituída e saberes advindos do paganismo fizeram desses atos de cura, práticas desviantes e hereges para as Igrejas cristãs. Entre os séculos XVI e XVIII, os “rezadores” foram perseguidos, oprimidos, punidos, rejeitados e alguns condenados a serem lançados ainda vivos nas fogueiras do Santo Ofício da Inquisição da religião cristã.

Diante desta realidade de marginalização, exclusão e preconceito podemos vislumbrar figuras significativas que brotam do chão da realidade, e florescem como sinais inequívocos da presença de um fenômeno religioso que possibilita a vida e favorece a saúde de comunidades desprovidas da assistência das instituições – tanto civis como religiosas. Antes, porém, de penetrarmos nas teias do tecido social e cultural das rezadeiras é necessário contemplar com profundidade a estreita relação que existe entre o conceito de saúde e de salvação, vislumbrando desta forma a fantástica aventura que se manifesta neste fenômeno religioso:

“As religiões desde sempre associaram de maneira bem estreita o conceito de salvação ao de saúde e bem-estar e, muitas vezes, usaram os dois termos indiscriminadamente com um único significado e para indicar uma única realidade geral, da qual o homem tem necessidade num mundo no qual ele está constantemente ameaçado”¹⁷.

Estes conceitos são, muitas vezes, conflitantes, numa concepção mais positivista, mas possivelmente integrados e harmoniosos, quando somos capazes de analisá-los com os olhos multidisciplinares. Assim, somos desafiados a vislumbrar com especial atenção o papel e o significado que a benzeção, como prática religiosa, e as rezadeiras desempenham, não só

por seus sujeitos.” CHAUI, Marilena. **Conformismo e resistência:** aspectos da cultura popular no Brasil. 3ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1989. pp. 9 – 45.

¹⁷ TERRIN, 2003, p. 189.

como agentes de um possível bem-estar que devolva a vitalidade, mas, sobretudo, como ação que restaura as forças dos seus consulentes.

1.2. Em busca da experiência do sagrado e sua linguagem.

“Hoje, o desafio que se coloca é procurar construir fundamentos comportamentais para a vida a partir da própria vida e de buscar o autoconhecimento ético no conhecimento científico, principalmente no estudo transdisciplinar de sistemas complexos aplicados aos processos humanos.”¹⁸

Neste momento, o elemento religioso surge como fator que não só reanima as energias vitais, mas, sobretudo, harmoniza as forças espirituais. “A fé religiosa adquire uma nova validade inteiramente dentro da confiança, da fé e do otimismo que uma pessoa expressa em relação a si mesma e ao mundo”¹⁹.

Aqui admitimos a possibilidade do encontro entre os fenômenos culturais e o sagrado, que faz emergir uma solicitude toda especial, não só através dos gestos e das palavras das rezadeiras, mas, sobretudo, pelo imenso valor hierofânico²⁰ que essa presença representa. Ligada a isso há que se ressaltar a fé dos consulentes, pois eles mobilizam toda uma energia em busca de restauração e vida. Pois o que podemos perceber é que a fé torna-se elemento imprescindível na transformação da realidade. A fraqueza cede lugar à força, a indisposição à vitalidade, a doença à saúde. “A fé tem um *proprium* irreduzível para as expectativas humanas e para os projetos intramundanos”²¹.

¹⁸ BOLSHAW, Marcelo. **Linguagens imaginais e complexidade**. In: **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2006. p. 141.

¹⁹ TERRIN, 2003, p. 190.

²⁰ Hierofânia. Essa terminologia está fundamentada nos conceitos desenvolvidos e apresentados por Mircea Eliade, sobretudo em seu livro *O sagrado e o Profano*.

²¹ TERRIN, *op cit.*, p. 191.

Durkheim procura “identificar o social com o moral e com o religioso”²². Desta forma a religião pode ser definida como a “efervescência coletiva de um grupo social”²³. Para esse autor a realidade é totalidade social. Por isso, “a experiência é constitutiva da religião, pois o sagrado é representado em símbolos, crenças e práticas religiosas, as quais, por sua vez, contribuem para alimentar e reforçar o próprio sentimento religioso”²⁴.

Para Durkheim, “o sagrado não é senão o símbolo da própria sociedade”²⁵. Diante disso ele próprio afirma que “o sentimento do sagrado não é senão o sentimento de dependência do indivíduo do grupo social”²⁶. Por isso, Durkheim define religião como experiência coletiva do sagrado, pois:

“O sentimento religioso, embora dirigindo-se a divindades diferentes, tem sempre a mesma origem em todos os lugares; nasce do sentimento de dependência que a sociedade, como poder coletivo e autoridade moral, inspira em seus próprios membros e que é projetado e objetivado fora das consciências em um objeto, depois considerado sagrado”²⁷

Weber, com sua teoria do carisma, deu uma importante contribuição à teoria da mudança social, mostrando o “influxo das idéias religiosas no surgimento de comportamentos inovadores.”²⁸ Para Weber “as religiões universais originam-se da pregação de um profeta ou de uma figura carismática, isto é, uma pessoa dotada de um ‘dom de graça’, ao redor do qual se reúnem discípulos”²⁹. O texto ainda afirma que “Weber define o carisma como ‘uma

²² MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-mordena**: entre secularização e dessecularização. Edições Paulinas: São Paulo, 1995. p. 157.

²³ *Ibidem.*, p. 157.

²⁴ *Ibidem.*, p. 157.

²⁵ *Ibidem.*, p. 158.

²⁶ *Ibidem.*, p. 158.

²⁷ *Ibidem.*, p. 158- 159.

²⁸ *Ibidem.*, p. 161.

²⁹ *Ibidem.*, p. 162.

qualidade considerada extraordinária... que se atribui a uma pessoa.”³⁰ É possível afirmar que “em Weber, o conceito de carisma não é exclusivamente usado em sentido religioso; de fato, ele aparece em relação com a análise dos tipos de poder e das estruturas do domínio.”³¹

O que irá distinguir o carisma dos outros tipos de idéias de poder indicados por Weber, isto é:

“O tradicional e o legal-racional, é o fato de que a sua ação se exerce mediante a via emocional, com base numa *metanóia*, numa conversão interior dos seguidores; estes assumem como um dever a obediência ao portador do carisma.”³²

Outra característica importante na definição de religião em Weber é o seu caráter irracional que pode ser identificado como “a falta de regras e o alheamento a considerações econômicas, e a labilidade”³³.

Assim para Weber a:

“religião pode ser tanto a legitimação do *status quo*, por meio da ‘ética social orgânica’, como pode produzir conseqüências revolucionárias, quando é ‘religiosidade de virtuosos’, os quais se propõem instaurar no mundo corrupto uma ‘lei natural absoluta e divina’”³⁴

Assim, a religião, pode reforçar, justificar e ou legitimar os modelos sociais, como subvertê-los e criticá-los. Por isso, para Weber “a secularização consiste no progressivo afrouxamento das relações entre Religião e Sociedade”³⁵.

“Weber descobre a origem da Religião na experiência que cada homem realiza do próprio sofrimento ou do sofrimento do outro, que tanto

³⁰ MARTELLI, 1995, p. 162.

³¹ *Ibidem.*, p. 162.

³² *Ibidem.*, p. 162 – 163.

³³ *Ibidem.*, p.163.

³⁴ *Ibidem.*, p. 164.

³⁵ *Ibidem.*, p. 165.

mais o fere, quanto mais lhe parece imerecido, e na conseqüente necessidade de encontrar uma resposta para esse escandaloso limite da condição humana.”³⁶

Tais teorias iluminam a experiência religiosa das rezadeiras, pois a experiência de dor e sofrimento dos consulentes favorece a relação-encontro entre as rezadeiras e os fiéis que as procuram. Em nossas visitas procuramos identificar essas figuras significativas que com gestos e palavras – muitas vezes confusos e misteriosos – desempenham um papel de proteção e alívio das dores físicas e espirituais. Somos assim, desafiados a vislumbrar e detectar, a profundidade deste fenômeno religioso, apoiado no serviço gratuito e amoroso de mulheres que herdaram uma tradição de seus antepassados, e se sentem obrigadas a dar continuidade a essa missão.

Não podemos negar a imensa contribuição cultural que construiu e consolidou essas tradições. Sobretudo, a tradição católica portuguesa, amalgamada por práticas religiosas indígenas e africanas. Nossa religiosidade sempre incluiu aspectos místicos que foram se difundindo na cultura em geral. E que de outro modo poderia ser, uma vez que uma das expressões humanas é o comportamento religioso – devotado a um deus, aos espíritos, à família? O comportamento religioso e místico é observado em todas as culturas e épocas, mesmo quando a Razão foi elevada à condição de deusa durante o Iluminismo. Sabemos que a primazia da razão ocupou espaços significativos na vida das igrejas tradicionais, e ao mesmo tempo afastou muitos fiéis que buscavam alento para suas vidas.

Desta forma abriu espaços significativos para o surgimento de manifestações religiosas que se utilizaram dessa “brecha” para congregar um número maior de fiéis. Reportamo-nos à afirmação de Terrin que diz que “é preciso que na igreja cristã sejam rapidamente encontradas

³⁶ MARTELLI, 1995, p. 168.

formas novas de cura, técnicas e orações espirituais aptas a curar os muitos enfermos de espírito de nossa civilização”³⁷.

É fato de que em muitas regiões do Brasil as pessoas confiam mais nas tradicionais rezadeiras do que nas práticas médicas convencionais. E em outras regiões, a prática médica convencional se alia a essas mulheres num esforço de construção de cidadania e participação.³⁸ O saber dito científico pode aliar-se ao saber popular em áreas onde a carência de assistência adequada impede a inserção das pessoas na vida da comunidade. Por isso, o apoio místico das rezadeiras foi, é e será, um alento em meio ao sofrimento físico, emocional e espiritual.

Na construção de ponte, acreditamos ser possível um diálogo entre os saberes, pois atendidas todas as necessidades materiais com o tratamento médico, acreditamos que faltaria algo mais que desse sentido à existência. Assim, pois, se pode correr o risco de perder a alma sem as rezadeiras. Entendemos alma aqui como raiz, cultura e espírito de uma comunidade.

Com o desenvolvimento das ciências biológicas, psicológicas e sociais, certamente os antigos xamãs, curandeiros, adivinhos e outros foram forçados a ceder lugar aos médicos, psicólogos e sociólogos. Os séculos XIX e XX demonstraram o triunfo da ciência e igualmente o da insanidade, contudo vislumbra-se com igual força, a busca do ser humano em libertar-se das correntes do obscurantismo que impedia a humanidade de buscar sua própria identidade. Não estamos nos referindo ao doente mental, que foi institucionalizado na

³⁷ TERRIN, 1998, p. 193.

³⁸ Em reportagens publicadas em revista de grande divulgação nacional mostrou como as práticas das rezadeiras podem se tornar um grande aliado na solução e na educação das pessoas quando são convocadas a participar de forma ativa no cuidado da saúde da população. Esta reportagem narrou a experiência bem sucedida de aliar as práticas de benzeção com os serviços de saúde pública. Os postos foram dotados de um espaço chamado “O cantinho da oração”. As rezadeiras orientam as mães em relação às vacinações das crianças e até a preparação do soro caseiro que é também abençoado pelas rezadeiras.

tentativa da sociedade exorcizar o seu próprio mal estar coletivo, personificado no indivíduo que perdia sua identidade:

“O que antes pudesse ser visto como manifestações de bruxaria, magia e feitiçaria, principalmente nos séculos XV e XVI, passa a ser analisado como manifestações de histeria que se tratavam em hospitais, no século XVIII. Nos séculos XIX e XX, intensificam-se as internações em manicômios, momento em que emerge o controle social pela psicanálise, que promove a ascensão da loucura como doença. Neste campo, ela reivindica para si o monopólio da consciência e o da inconsciência dos seus doentes”³⁹.

Referimo-nos aos que se julgando portadores da racionalidade científica jogaram o mundo em duas grandes guerras e em holocaustos, para dizer o mínimo, insanos. Nunca houve tanta ciência no mundo, e este conhecimento jamais se comprovou comprometido exclusivamente com o bem estar e desenvolvimento humano. Nosso estudo do fenômeno das rezadeiras é um registro científico da sua importância e relevância, como experiência religiosa por excelência e, ao mesmo tempo, uma contemplação do cotidiano destas mulheres, de suas raízes culturais que aproxima as suas ações rituais com as experiências xamânticas existentes em várias regiões do mundo, assim sendo, essa ação ritual reveste-se pela presença do sagrado com uma potência de vitalidade para todos que as procuram.

Hans Kűng nos oferece uma visão das mulheres aborígenes que auxilia na compreensão de seu papel religioso nas sociedades arcaicas. Ele afirma que elas são perfeitas conhecedoras da natureza, pois sabem onde encontrar aquilo que contribui com a vida e a saúde da comunidade. Outro papel importante, descrito por Hans Kűng, é o de educadoras e iniciadoras das crianças nos mistérios da natureza. A natureza possui segredos, mistérios e são as mulheres que conseguem penetrar com profundidade esse sagrado.

Tanto o curandeiro, que desempenha uma espécie de ofício sagrado, como o benzedor exerce papel terapêutico, na medida em que procura intervir na busca do restabelecimento da

³⁹ OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção?** São Paulo: Editora brasiliense, 1985. p. 22.

saúde física pela ação da palavra sagrada. O curandeiro também benze porque foi um estágio pelo qual passou. Com o tempo, por lidar com os males físicos que afligem ao homem, ele consegue entrar em contato com forças superiores. A sua atuação se reveste de gestos, às vezes de trajes especiais, de orações e o uso de implementos religiosos como sejam: cálice, garrafas cheia de certo líquido com vegetais em infusão ou cobra mergulhada em álcool, velas acesas, toalha no pescoço, à guisa de paramento.

A Rezadeira é aquela que tem um papel bem definido. Sua ação se concretiza pelas práticas de orações e bênçãos no corpo do doente. Contudo, sabemos que sua prática não se limita às orações, elas também cultivam ervas e recomendam chás, como complemento de suas práticas de oração e rezas. Elas acreditam possuir o dom da cura, e exercem esse ofício com consciência tranqüila de realizarem uma missão especial. Sua ação promove o benefício e o bem-estar das pessoas que as procuram.

Figura 01 – Jardim de D. Maria José.



Jardim de D. Maria José Vicente da Silva. Ela cultiva plantas medicinais e plantas utilizadas nas práticas de benzeção na área da frente de sua residência. Além de benzer, ela também orienta a utilização de determinadas plantas para os seus consulentes.

Os gestos que praticam são todos idênticos ao da religião dominante, rezam fazendo o sinal da cruz e suas palavras resgatam o imaginário católico em sua totalidade, aplicando-o ao resgate da saúde. Pensar em termos de saúde é, sobretudo, perceber a integração entre corpo e espírito: não é possível conceber um ser saudável sem que ele esteja bem corporalmente e espiritualmente.

Não basta curar as dores do corpo é preciso dar alento ao interior do ser humano, saciar e alimentar o espírito. Sabemos que a finalidade da vivência do sagrado é o transcendente, mas não podemos esquecer que essa experiência é sempre humana e se manifesta socialmente, ela é sempre relacional. Essa dimensão pode ser compreendida como socialização da experiência religiosa, “as expressões teórica e prática da experiência religiosa são complementadas por um terceiro aspecto, o sociológico. A religião vital, pela sua própria natureza, tem de criar e sustentar um relacionamento social”⁴⁰.

A vivência humana oscila entre o subjetivo e aquilo que socialmente é construído. Por isso, um conceito de religião que nos ajude a relacionar essas dimensões constitui elemento fundamental para a compreensão do sagrado. A religião e suas expressões podem ser caracterizadas como “uma forma universal de cultura que precisa ser entendida antes de ser explicada, e que entendê-la significa conhecer seus padrões e variedades transculturais de uma perspectiva equilibrada”⁴¹.

Mircea Eliade sustenta que a função dos historiadores da religião é “extrair os valores religiosos vivenciados pela religião, o ponto de vista do crente – pois, como ponte universal da cultura humana, os sistemas de símbolos religiosos têm dominado e inspirado a vida

⁴⁰ WACH, 1990, p. 41.

⁴¹ PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. p. 123.

humana por séculos”⁴². Aqui podemos perceber que essa abordagem, nos fornece de forma inequívoca um conceito indispensável, pois “a religião não é só uma expressão da sociedade, mas uma criadora de sociedades”⁴³.

Neste sentido, podemos afirmar que a religião, ao lado das relações econômicas e relações de parentesco, têm a função de dar sentido ao viver em sociedade, definindo mundos e organizando as mais diversas formas de relações sociais. E é a religião que consolidará as mais variadas manifestações e as mais diferentes concepções de mundo, dando-lhes sentido e harmonizando as mais diferentes expressões. “A linguagem religiosa não se apresenta como fantasia ou imaginação, mas como uma descrição daquilo em que o mundo está realmente fundamentado”⁴⁴. Aqui podemos notar que a experiência religiosa organiza uma linguagem própria que consolida e harmoniza o mundo, assegurando um sentido, pois “a linguagem religiosa liga os indivíduos a uma ordem moral, oferecendo histórias, ensinamentos e imagens sobre o sentido ou propósito da vida, e orientação para o comportamento correspondente”⁴⁵.

Nota-se que em várias regiões de nosso país, as autoridades começam a assumir uma atitude dialogal e de respeito às tradições religiosas. Desejamos aqui construir pontes que auxiliem teoricamente esse diálogo. Vejamos o exemplo citado em uma entrevista realizada em Brasília pela repórter Juliana Andrade da Agência Brasil à secretária de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde, do Ministério da Saúde, Maria Luiza Jaeger:

"À gente tem incentivado que haja uma articulação permanente entre esses movimentos sociais, uma troca de experiências, um viver que é um pouco o conceito de ver a integralidade da atenção à saúde", destaca Maria Luiza. A Secretária de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde conduz a política de educação permanente em saúde, que tem como um dos objetivos aproximar dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS) os médicos, enfermeiros e outros trabalhadores da área, considerando a realidade dos pacientes." O movimento social é o guardião da integralidade", defende. No

⁴² *Ibidem.*, p. 128.

⁴³ PADEN, 2001, p. 128.

⁴⁴ *Ibidem.*, p. 128.

⁴⁵ *Ibidem.*, p. 129.

movimento social, um cuidador popular de saúde, uma parteira, uma benzedeira, uma avó que trabalhe com medicamentos fitoterápicos, com plantas medicinais, são pessoas que ainda fazem uma medicina popular pensando no indivíduo como um todo, no que ele come, como ele vive, se ele está passando bem, se anda tendo muita contrariedade, se está estressado, e essa visão do todo é uma visão que interessa para a formação do profissional e para o trabalho dele no SUS", acrescenta.⁴⁶

Em outro trecho da entrevista destacamos a alusão do depoimento do médico

Rodrigo Cariri, consultor do Departamento de Gestão da Educação na Saúde:

“O médico destaca que o incentivo à participação dos movimentos sociais nas esferas de formulação e nas próprias ações educativas dos profissionais de saúde é uma estratégia para trazer o profissional de volta para essa prática mais integral em saúde, resgatar essa característica cuidadora desses profissionais”.⁴⁷

A preocupação central do cientista da religião é observar como as pessoas fazem e por que fazem, examinando e comparando a experiência religiosa para obter a isenção necessária para o entendimento dos fenômenos. Uma idéia importante assumida por essa concepção é que “se a religião é uma disciplina, não é apenas uma série de fatos isolados, mas uma série de fatos que se relacionam uns com os outros em termos de similaridade e diferenças, padrões e inovações”⁴⁸.

1.3. A fenomenologia da religião: um método de investigação

Pela linguagem religiosa os adeptos consolidam o seu ser no mundo. A linguagem religiosa se expressa por meio do sagrado. A neutralidade na compreensão e na explicação da

⁴⁶ ANDRADE, Juliana. **Movimentos sociais ajudam a aproximar profissionais de saúde da realidade popular**. http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=232381&editoria acesso no dia 24 de setembro de 2005.

⁴⁷ ANDRADE, Juliana. **Movimentos sociais ajudam a aproximar profissionais de saúde da realidade popular**. http://www.radiobras.gov.br/materia_i_2004.php?materia=232381&editoria acesso no dia 24 de setembro de 2005.

⁴⁸ PADEN, 2001, p. 134

experiência religiosa é uma característica importante da abordagem comparada assumida por Mircea Eliade. Nas ciências da religião a fenomenologia é um método importante. Sabemos que a fenomenologia é, antes de tudo, um recurso metodológico utilizado na “compreensão e na participação no mundo das religiões. Seu pressuposto fundamental está em querer manter a religião no plano de uma experiência vivida”⁴⁹. Essa abordagem metodológica nos ajudou na compreensão do fenômeno religioso e possibilitando uma visão mais abrangente e um maior engajamento epistemológico: que “favorecendo a experiência religiosa que cada religião é capaz de transmitir, por ser vivida por uma comunidade e ser parte essencial do modo de sentir e de entender o homem que crê”⁵⁰.

“A fenomenologia da religião repete assim o estudo comparado das religiões, porém num nível mais profundo, uma vez que tem a convicção de que é possível chegar à essência da religião e captar a própria verdade da religião e da experiência religiosa”⁵¹.

Aqui sentimos a necessidade de descrever com maior objetividade alguns elementos presentes neste método de investigação. Inicialmente, as abordagens do fenômeno religioso seguiram caminhos diversos e muitas vezes conflitantes, pois “ao modelo de explicação, válido no campo dos fenômenos naturais, opõe-se o modelo de compreensão, válido no campo dos fenômenos espirituais”⁵². A fenomenologia parte das experiências concretas. Por isso, ao mesmo tempo em que nos desafia a uma análise mais aproximada do fato, pode nos conduzir por desvios que nos afastam daquilo que desejamos perceber como essencial e permanente. A fenomenologia, “além de investigar as religiões em seu devir histórico, deveria também evidenciar os aspectos permanentes da religião”⁵³.

⁴⁹ TERRIN, 2003, p.23

⁵⁰ *Ibidem.*, p.23.

⁵¹ *Ibidem.*, p. 23.

⁵² FILORAMO; PRANDI, 2003, p. 9.

⁵³ *Ibidem.*, p. 9.

Neste momento, encontramos a análise fenomenológica como história comparada das religiões. Esse primeiro momento do método fenomenológico ofereceu contribuições significativas na análise da experiência religiosa e abriu desta forma, novos caminhos para outro tipo de abordagem que contribuísse, de forma mais significativa, para a compreensão da experiência religiosa. Sabendo que o método comparado é a base da fenomenologia, faz-se necessário identificarmos como ocorre a virada fenomenológica. Para tanto, precisamos delimitar nossa compreensão, pois:

“Por fenomenologia religiosa entende-se a análise descritiva e sistemática dos fenômenos religiosos, a partir de uma base comparada: por um lado, método comparativo cujos critérios e cujas modalidades variam com a variação das inclinações do estudioso de plantão; por outro, análise que em geral é desprovida de verdadeira consciência metodológica”⁵⁴.

Seguindo essa análise sobre o método fenomenológico é possível identificar que:

“A fenomenologia religiosa, no sentido mais estrito, técnico e consciente do termo, é filha, como se dizia, daquele mais amplo clima cultural que levou à consumação da rejeição e da superação do evolucionismo científico e do positivismo, no turbulento período de profunda e criativa crise que precedeu a primeira grande guerra”⁵⁵.

A grande preocupação dessa análise é olhar com profundidade a experiência de forma realista, por uma suspensão do juízo em busca da essência da realidade. Uma das grandes preocupações era o de não reduzir ou limitar a realidade, mas analisá-la com profundidade. Outro aspecto significativo desse método pode ser expresso pela afirmação dada pela autonomia das ciências do espírito. A fenomenologia pode ser caracterizada por uma atitude de volta às coisas, isto é, uma atitude que analisa a realidade por aquilo que ela manifesta. Cabe ao cientista uma atitude de profunda atenção. Conhecer significa, antes de tudo, interpretar:

⁵⁴ FILORAMO; PRANDI, 1999, p. 29.

⁵⁵ *Ibidem.*, p. 29.

“O ponto focal desse paradigma interpretativo – em torno do qual deveria girar também o novo modelo de fenomenologia da religião hermeneuticamente orientada – era mais uma vez a reivindicada autonomia do indivíduo e das suas produções espirituais”⁵⁶.

A experiência vivida ocupa lugar significativo na análise dos dados da realidade, pois “a virada hermenêutica, (...), devia representar uma parte central na construção de uma fenomenologia da religião não mais apenas descritiva, mas hermeneuticamente orientada”⁵⁷. A evolução do método fenomenológico orientou o estudo desta abordagem a outras características significativas e fundamentais para a compreensão da realidade. A primeira delas, a *epoché* e a visão eidética, que é a “suspensão do juízo que o fenomenólogo deve operar, se quiser captar a essência do fenômeno estudado (...) o objetivo da pesquisa é entender os elementos essenciais do fenômeno em questão”⁵⁸.

Outro componente, segundo os autores anteriormente citados, e que nos ajudará na compreensão da realidade, seria de caráter psicológico, pois “atribui grande valor à forma, ao conjunto em cujo seio se apresenta de modo unificado os diversos elementos psicológicos”⁵⁹. Por fim, os autores apresentam um terceiro componente, que seria o hermenêutico:

“A compreensão (*verstehen*) é a *arché* e *telos* de seu método fenomenológico. A primeira função do estudioso, de fato, é entrar em sintonia, no plano afetivo, com o objeto (*einfihlung*); essa é a *conditio sine qua non* da pesquisa, sem a qual nem se constituiria o objeto de pesquisa, o qual somente desse modo é isolado e justamente objetivado, dentro da massa caótica dos dados. O objeto transfere-se, assim, para o sujeito, ao mesmo tempo em que este se desloca (segundo sugere o próprio termo *verstehen*) para o objeto”⁶⁰.

Após navegar nesses mares de conceitos e métodos somos desafiados a ampliar nossa investigação sobre o fenômeno religioso, somos provocados a perceber que nossas atitudes

⁵⁶FILORAMO; PRANDI, 1999, p.30.

⁵⁷*Ibidem.*, p. 31.

⁵⁸*Ibidem.*, p. 32.

⁵⁹*Ibidem.*, p. 32.

⁶⁰*Ibidem.*, p. 32.

não podem ser reducionistas, nem tampouco simplistas. Por isso, tentamos compor um caminho de estudo e de compreensão da experiência religiosa das rezadeiras que se equilibra entre a suspeita e a simpatia, procurando revelar a essência dos seus gestos e rezas.

1.4. Situando nossa pesquisa

“Reconhecer sentido ou atribuir sentido à existência é tão natural e necessário quanto respirar. Precisamos disso para permanecer vivos. E para mudar a vida.”⁶¹

Os aspectos relevantes das práticas de benzeção encontram eco em muitas sociedades e em todos os grupos sociais. É possível perceber que pessoas dos mais diferentes níveis sociais e culturais já fizeram, e ainda fazem uso dessas práticas para garantir a proteção e o alívio das dores e incertezas da existência.

Diante desta realidade multifacetada e complexa, nossa investigação pretende investigar e sistematizar as práticas das rezadeiras no município do Paulista e mais especificamente nos bairros de Paratibe e Arthur Lundgren I. Por isso, descreveremos de forma bastante sintética as referências históricas e sociais deste município, situando nossa pesquisa e colocando dados indispensáveis para a análise desse fenômeno.

1.4.1. Um pouco de História: Município do Paulista⁶²

A cidade do Paulista está situada a 17 km do centro do Recife, fazendo parte da região metropolitana do grande Recife. Possui uma população de aproximadamente 262.237 habitantes. Sua história coincide com os eventos que marcaram o início da colonização do

⁶¹ ANTÔNIO, Severino. **Educação e transdisciplinaridade**: crise e reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002, p.35

⁶² Os dados históricos da cidade do Paulista foram elaborados a partir dos depoimentos orais coletados na pesquisa histórico do Pe. Renato, então pároco da cidade do Paulista nos anos de 1987 a 1990. Além de visitas realizadas na Prefeitura da cidade.

Brasil. Pois em 1689, um paulista chamado Manoel de Moraes Navarro comprou muitas terras na região, e daí originou-se o nome do atual município de Paulista. Por séculos, a vocação da região foi o cultivo e processamento de cana de açúcar; os engenhos prosperaram em toda a Capitania, e no século XIX já existiam várias usinas.

Dentro da estrutura de Olinda, antes da República, Paulista era uma vila com duas freguesias: Paratibe e Maranguape. A primeira freguesia, formada por grandes propriedades, teve sua formação quando as terras de Paratibe foram doadas por Duarte Coelho - donatário da Capitania de Pernambuco - ao seu cunhado Jerônimo de Albuquerque, em meados do Séc. XVI, por seus serviços prestados à Colônia.

Em 1555, Jerônimo de Albuquerque, doou aquelas terras ao Português Gonçalo Mendes Leitão, quando este se casou com sua filha D. Antonieta de Albuquerque, que iniciou ali uma povoação neste mesmo ano, construindo um engenho de água com o nome de Paratibe; uma Capela dedicada a Santo Antônio, um sobrado para sua residência, além de muitas outras obras indispensáveis para um estabelecimento agrícola de semelhante natureza. Posteriormente com a morte de Gonçalo Mendes Leitão, todas as terras de Paratibe foram vendidas pelos herdeiros, dividindo assim aquelas terras em Paratibe de Cima e Paratibe de Baixo.

A segunda freguesia também fazia parte da grande sesmaria doada por Duarte Coelho a Jerônimo de Albuquerque, sendo adquirida por João Fernandes Vieira no ano de 1656 que mandou construir uma capela votiva a Nossa Senhora dos Prazeres, a Casa Paroquial e um Sobrado para sua residência, iniciando assim uma povoação naquele local. Posteriormente, em 1698, o Engenho de Paratibe de Baixo e toda propriedade de Maranguape foi vendida ao mestre de campo Manoel Alves Moraes Navarro, natural da Capitania de São Paulo de onde viera comandando um terço da primeira linha dos Palmares, passando assim a propriedade a ser conhecida como “Engenho do Paulista”, dando origem ao atual nome da cidade: Paulista.

No período de 1710 a 1715, foi criada a freguesia de Nossa Senhora dos Prazeres de Maranguape que passou a integrar as outras freguesias da jurisdição política de Olinda, tendo, em 1838, 4.978 habitantes. A chegada da República, em nada modificou a situação político-administrativa de Paulista, que foi conservada Vila integrando a jurisdição de Olinda, de quem dependia economicamente.

O fortalecimento político-econômico da Região se dá por volta de 1904, quando a Família Lundgren compra a maior parte das ações de uma fábrica têxtil já existente no local, de propriedade de Rodrigues Lima. Isto aliado à ascensão dos membros da família a cargos políticos. Em 15 de novembro de 1913, Artur Herman Lundgren foi eleito Prefeito de Olinda e, em 1919, também foi eleito Alberto Lundgren. O fato de dois membros da família terem assumido quase que continuamente o comando do Município, evidencia a força total daquela família. Em 1930 foram empreendidas gestões no sentido de dar autonomia ao Município, mas com a revolução isto não foi possível, voltando o município a sua posição de vila.

O desmembramento de Paulista do município de Olinda só se deu na gestão do Prefeito Walfrido Advíncula, no dia 04 de setembro de 1935, e em 1937 o Sr. Manoel Mendes de Bezerra assumia o cargo de Prefeito Constitucional do Município do Paulista.

1.4.2. Um olhar sobre a atualidade desta cidade

Atualmente, a cidade do Paulista esta cercada por inúmeros conjuntos habitacionais, construídos entre as décadas de 1970 a 1980, que provocaram um grande impulso populacional. Destaca-se a construção dos conjuntos habitacionais de Jardim Paulista baixo e Jardim Paulista alto, Arthur Lundgren I e Arthur Lundgren II, responsáveis pela devastação da

antiga floresta de eucalipto e de parte da Mata Atlântica que cercava e embelezava essa região.

Paulista sempre foi conhecida pela forte presença da indústria têxtil, destacando-se a antiga Fábrica de Tecido Paulista – Companhia de Tecido Paulista (CTP), propriedade da família Lundgren, que no início de suas atividades promoveu o êxodo de várias famílias dos mais diferentes Estados e municípios do Estado de Pernambuco. Esse dado é relevante, pois em nossas entrevistas podemos perceber que a maioria das rezadeiras tem suas origens ligadas direta ou indiretamente à história dessa fábrica, como demonstraremos no quadro a seguir:

Tabela 1: Caracterização geral das rezadeiras⁶³

Idade	Origem	Profissão	Religião
01 com 39 anos	01 da Capital. 04 de Paulista. 06 da Região da zona da Mata de Pernambuco. 02 do Estado da Paraíba.	03 costureiras. 04 domésticas. 05 tecelãs da Companhia Tecido Paulista (aposentadas) 01 Artesã/professora	10 professaram a fé católica. 01 Igreja Batista Jardim das Oliveiras. 02 professam a fé católica, mas exercem outras formas de religiosidade (Candomblé, Joga cartas)
01 com 51 anos			
02 com 63 anos			
01 com 64 anos			
01 com 65 anos			
01 com 71 anos			
02 com 72 anos			
02 com 73 anos			
01 com 78 anos			
01 com 80 anos			

A retração do parque industrial em Paulista, a partir do final da década de 1980, provocou um forte impacto na população desta região. Hoje, Paulista pode ser caracterizado como uma cidade dormitório, pois a maioria da população trabalha fora da cidade. Sua

⁶³ Essa primeira caracterização tem como intenção revelar as origens das rezadeiras entrevistadas e quantificar as funções exercidas por essas mulheres e as religiões que professam, bem como mostrar sinteticamente, a distribuição etária das entrevistadas.

economia esta centrada nas áreas de serviços e comércio, ainda possui várias indústrias, entretanto a capacidade industrial da região foi bastante abalada nos últimos anos.

1.5. Do Desenvolvimento da Pesquisa.

Nossa pesquisa teve início em janeiro de 2006. Numa primeira fase, estudamos os autores que nos auxiliaram com suas referências teóricas e metodologias. Após o fichamento da bibliografia, com o auxílio de nosso orientador, iniciamos a pesquisa de campo. Optamos pelo método qualitativo, e a quantificação dos dados das entrevistas, mesmo que não qualifique essa pesquisa como quantitativa, teve com motivação o levantamento dos dados obtidos e sua sistematização, e estudo de caso, confrontando o que coletamos nos textos de bibliografia referente ao tema proposto com os depoimentos colhidos. Sabemos dos limites deste método. Entretanto, ele nos pareceu mais apropriado para o momento.

Nosso estudo do fenômeno religioso das rezadeiras se desenvolveu em três etapas distintas. Inicialmente procuramos identificar no bairro de Paratibe as mulheres que exerciam a prática de rezadeiras. Fizemos um contato inicial em que apresentamos nossa proposta de estudo. Em nossas visitas deixamos claro qual era o objetivo deste estudo e apresentamos as etapas do mesmo. Todas assinaram um termo de livre consentimento autorizando a utilização de seus depoimentos no presente trabalho. Foram visitadas 20 (vinte) rezadeiras, tanto no bairro de Paratibe como de Arthur Lundgren I. Realizamos 13 (treze) entrevistas com o fichamento e transcrições dos depoimentos. Neste primeiro contato fizemos o registro fotográfico com a devida autorização.

A segunda etapa de nossa pesquisa consistiu em uma segunda visita. Neste momento recolhemos o depoimento através de meio eletrônico (gravador de voz e filmadora). Através de um questionário de entrevista foram levantadas as questões pertinentes ao nosso estudo e, ao mesmo tempo, abrimos espaços de livre manifestação por parte das entrevistadas, onde

elas poderiam acrescentar outros depoimentos que não constavam no questionário. Neste momento, também tivemos a oportunidade de coletar outras informações, sobretudo, por parte dos consulentes que visitavam as rezadeiras, e por meio de questionários foram também coletadas algumas informações imprescindíveis a esse estudo.

A terceira e última etapa da pesquisa foi baseada numa análise dos dados, principalmente através da transcrição dos roteiros de observações e das entrevistas. Organizamos os depoimentos, relacionamos e confrontamos os dados das entrevistas com os autores que nos auxiliaram no estudo e sistematização.

Nossa opção pelos bairros de Paratibe e Arthur Lundgren I foi motivada, principalmente, por questões de deslocamento e proximidade, pois não dispúnhamos de tempo suficiente para ampliar o alcance territorial de nossa pesquisa. Além disso, o bairro de Paratibe é um dos mais antigos da região estudada. E o bairro de Arthur Lundgren I, um dos mais novos conjuntos habitacional da região. O que possibilitou um confronto espaço-temporal entre essas duas realidades.

2 APLICANDO O MÉTODO À PESQUISA DO FENÔMENO DAS REZADEIRAS.

“Situar-se em um universo de perpétua transformação exige do ser humano uma constante adaptação ao meio ambiente e a transmissão desta experiência entre grupos e gerações.”⁶⁴

2.1 Classificação Temática das Entrevistadas.

Segue abaixo tabela com a classificação das rezadeiras entrevistadas⁶⁵ que servirá de orientação para as citações dos depoimentos existentes neste trabalho.

Tabela 2: Caracterização das rezadeiras entrevistadas.

Rezadeiras	Idade	Origem	Lugar da Entrevista	Data da Entrevista	Religião
Maria da Conceição	72	Mamaguape – PB	Paratibe	19/05/2006	Católica Cartomante
Adiles Pereira	73	Arueiras – PB	Paratibe	14/04/2006	Católica
Celina Ambrósio	73	Vicência - PE	Paratibe	14/04/2006	Católica
Maria José Bonfino	74	Paudalho - PE	Arthur Lundgren I	16/04/2006	Católica
Antonia Avelino	80	Bom Jardim - PE	Arthur Lundgren I	21/04/2006	Católica
Maria José Sales	63	Brejo da Madre de Deus - PE	Arthur Lundgren I	21/04/2006	Igr. Batista Jardim das Oliveiras
Maria das Dores	78	Nazaré da Mata - PE	Arthur Lundgren I	01/05/2006	Católica
Inácia Rita	71	Limoeiro - PE	Paratibe	01/05/2006	Católica Espiritismo
Zilda Maria	64	Paulista - PE	Paratibe	01/05/2006	Católica
Severina Batista	63	Paulista - PE	Paratibe	01/05/2006	Católica

⁶⁴ BOLSHAW, 2006, p.142.

⁶⁵ As fichas das entrevistas com foto e todos os dados das rezadeiras estão nos Anexos do presente trabalho.

Jucyana Maria	39	Recife - PE	Paratibe	19/05/2006	Católica – Cartomante
Maria José Vicente	65	Garanhuns - PE	Paratibe	19/05/2006	Católica
Advanir Maria	51	Igarassu - PE	Paratibe	20/05/2006	Católica

2.1.1 Das Origens

Passamos agora a organizar, por temas e aspectos relevantes, os depoimentos coletados das rezadeiras e transcritos pelo pesquisador, a fim de facilitar a sua análise a seguir.

Ao registrar as motivações que levaram essas mulheres a realizarem rezas e preces, procuramos identificar as origens das práticas de benzeção, as motivações e o desejo que elas possuem em fazer o bem. Procuramos identificar quais as referências que nortearam essas práticas e revelar através de seus depoimentos o que se esconde e se revela na prática de benzeção.

“Quem me ensinou a rezar foi minha mãe e minha vó! Isso foi passado de geração em geração.”⁶⁶

“O primeiro bicho que eu curei foi um cachorro... Depois eu comecei a rezar pessoas.”⁶⁷

“Quando a doença é do médico, é do médico! E quando é pra gente curar a gente faz o trabalho da gente.”⁶⁸

“Eu rezo primeiramente o Pai-Nosso, a primeira reza que Jesus ensinou.”⁶⁹

“No início eu era muito jovem. Ninguém me ensinou. Foi por mim mesma, via um caso na minha frente. Senti vontade de rezar e rezei. E começou a surgir. Foi uma intuição. Essas

⁶⁶ Rezadeira Maria José.

⁶⁷ Rezadeira Zilda Maria de Santana.

⁶⁸ Rezadeira Maria José Sales.

⁶⁹ *Ibidem.*

intuições ela refletem no momento em que vê uma pessoa sofrendo, no momento em que vê uma situação difícil.”⁷⁰

“Na minha família não tinha rezadeiras, mas tinham dons. Minha vó tinha premunições e lia cartas. Acho que herdei esse dom dela.”⁷¹

“Quando eu tava com a idade de cinco anos. No quintal de casa, brincando com minhas amigas, eu vi uma pessoa passando e perguntei se ela queria que eu rezasse, eu rezei e ela ficou melhor. Foi assim que começou”.⁷²

“Eu olhava para as crianças e via que elas estavam doentes. Começou como uma brincadeira. Depois eu via que as pessoas ficavam melhores, eu era bem novinha.”⁷³

“Eu pegava um galhinho de mato e saía benzendo, eu era bem pequena, tinha uns sete anos.”⁷⁴

“Ninguém acreditava no que eu falava e minha mãe me batia muito”⁷⁵

“Minhas rezas vem em sonho. Eu sonho com uma mulher de branco. Muito bonita. Ela me diz o que devo dizer. Eu repito o que ela disse. É assim que eu rezo”.⁷⁶

2.1.2 Dos Gestos e Plantas

O uso de gestos, palavras e plantas fazem parte de um conjunto de ações que garantem sentido e harmonia às práticas de benzeção. Como perceberemos a seguir, algumas plantas são freqüentemente utilizadas para a realização das rezas, em outros casos, nota-se a importância dada a outros objetos e gestos que configuram de forma particular a ação

⁷⁰ Rezadeira Zilda Maria de Santana.

⁷¹ Rezadeira Severina Batista da Silva.

⁷² Rezadeira Antonia Avelino Barro.

⁷³ Rezadeira Maria das Dores de Oliveira.

⁷⁴ Rezadeira Zilda Maria de Santana.

⁷⁵ *Ibidem.*

⁷⁶ Rezadeira Adiles Pereira Silva.

curativa, mas em todos os exemplo e depoimentos, notamos a necessidade de articulação entre a palavra, o gesto e os objetos utilizados.

“Eu uso pião-roxo e vassourinha para rezar.”⁷⁷

“Depende muito da reza. Para mau-olhado eu uso pião-roxo, para cobreiro uso o talo da mamona, e durante a reza, vou cortando e formando um rosário”.⁷⁸

“Qualquer planta pode ser usada. A intenção é o que conta”.⁷⁹

“Nas rezas a planta que utilizo é o pinhão-roxo, vassourinha de botão que espanamos no rosto das pessoas que nos procuram”.⁸⁰

“Alfavaca, serve para pressão, ela serve de calmante, ela serve para gastrite, queimor. A hortelã miúda para criança... Uso também a colônia. Manjerição serve para tirar o mal do corpo. O pega-pinto serve para ovário. A raiz da vassoura de botão serve para inflamação. E pra homem que pega as doenças do mundo, a urtiga branca.”⁸¹

“Uso um copo para dor de cabeça, eu pego uma toalha branca e ponho na cabeça, para a dor de cabeça ficar na toalha. Então eu pego uma garrafa e vejo o que esta acontecendo, eu vejo o cérebro me apresenta, trabalhando. Então eu faço a oração, eu chamo a força de Deus e do Espírito Santo pra me ajudar, se e alguma coisa colocada, botada de coisa ruim, ou se e uma enfermidade. Uma coisa botada e um espírito mal, diz o povo, o mundo esta cheio de atrevimento de muita maldade, de coisa ruim. Então joga coisa ruim para aquela pessoa e às vezes aquela pessoa tem medo, muito medo. Aquilo se transforma numa doença. Às vezes essa doença não e mandada. Se for ai eu vejo que é. O funcionamento do cérebro é diferente. E eu vejo no copo ou na garrafa. O funcionamento do cérebro é diferente. Então Deus mostra

⁷⁷ Rezadeira Severina.

⁷⁸ Rezadeira Maria José Bonfino.

⁷⁹ Rezadeira Maria da Conceição de Amorim.

⁸⁰ Rezadeira Celina Ambrosio Rodrigues.

⁸¹ Rezadeira Severina.

a gente aquilo. E quando eu coloco o copo ou a garrafa ai eu vejo. Quando eu coloco o copo na cabeça sobre uma toalha branca porque a posição da toalha do copo. Quando a gente tem muita fé fica uma mancha na toalha, e borbulha, ferve e chega a rachar o copo ou a garrafa. Ai a gente sabe que não e coisa mandada por Deus. A rezadeira sabe. E não e uma coisa natural. A gente sabe, a rezadeira sabe. Por isso muitas rezadeiras não se atreve a rezar uma dor de cabeça. Muita gente que reza tem medo. Então quando eu faço minhas orações eu peço a Deus que não me de esse medo. Eu não que ter esse medo, para primeiramente ajudar meus irmãos. Com imposição do copo eu vejo. Às vezes a gente enche o copo e coloca sobre a cabeça, mas não vaza e quando a dor de cabeça é profunda ela chupa a água todinha. Ai a gente sabe logo que não é! Depois, com o restante da água eu derramo em água corrente, dobra a toalha novamente, enche o copo e faz a oração do pai-nosso. Coloca de novo e água vai suturando devagar e agente sabe que ali já passou.”⁸²

“Pela posição da mão eu sei que essa pessoa reza ou não.”⁸³

“Pra gente rezar uso qualquer uma destas plantas: pinhão-roxo, vassourinha de botão.”

84

“Eu uso a planta. Pra reza e necessário que tenha três folhinhas de pinhão-roxo. Pra rezar. Se for o caso de olhado, são três dias seguidos. Depois que eu termino a reza eu queimo as folhinhas de pinhão e jogo na rua. Tem que ser na porta da rua, com a porta da rua aberta. Vai limpando e jogando no ar. Também rezo com vassourinha de botão, essa não precisa queimar. Machuco e jogo na rua. Também rezo com outras plantas, mas o comum é pinhão-roxo e vassourinha de botão e a folha de arruda. Elas têm o poder de tirar o olhado. Tem que ser com essas folhas”.⁸⁵

⁸² Rezadeira Zilda.

⁸³ *Ibidem*.

⁸⁴ Rezadeira Celina.

⁸⁵ Rezadeira Adiles.

2.1.3 Dos Males que as rezas “curam”

Toda prática de benzeção pretende alcançar um benefício para aqueles que procuram nas casas das rezadeiras a solução de seus problemas. Ressaltamos aqui, alguns depoimentos que apontam nesta direção. O diagnóstico e o tratamento são realizados para aliviar os males que afligem o consulente. Nenhum deles sai sem uma resposta. Notamos, porém, em seus depoimentos a necessidade de distinção entre as doenças de tipo espiritual e aquelas que necessitam da ação do médico.

“Dor de cabeça, mal olhado, espinhela caída, peito aberto, quebradura, dores, vários tipos de dores eu rezo, dor de dente, dor de ouvido e outras doenças mais.”⁸⁶

“Quando uma pessoa quebra uma perna eu rezo. Não é para encaixar. É para tirar a dor.”⁸⁷

“Eu rezo olhado, vermelhão, estomago doendo, cabelo caindo, quando eu botar a mão na pessoa, eu pergunto: já foi pro médico.”⁸⁸

“Eu benzo diferente, eu sinto aquela mão gelado, aquele poder de Deus. Quando a pessoa sai de casa já sai boa.”⁸⁹

“Eu pego as planta e benzo a pessoa.”⁹⁰

“Eu rezo gritando o nome daquela doença. O movimento tem aquela ciência. Eu não posso dizer.”⁹¹

⁸⁶ Rezadeira Maria das Dores de Oliveira.

⁸⁷ *Ibidem.*

⁸⁸ Rezadeira Maria das Dores.

⁸⁹ Rezadeira Zilda.

⁹⁰ *Ibidem.*

⁹¹ Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

“Minha reza e diretamente para olhado, olho grande. Eu rezo o olhado, se ali for realmente o olhado eu sei, eu sinto. Procure o médico ou outra coisa”.⁹²

“Eu não rezo cobreiro, nem vermelhão, espinhela caída eu não rezo, mas ensino a pessoa a rezar em casa, utilizando as medidas e a pessoa fica boa”.⁹³

“Eu passo banhos de descarrego, de sal grosso e de perfumes”.⁹⁴

“Eu rezo só o mal olhado. Dor de cabeça, dor na garganta, dor de barriga, chega nervoso, de várias formas. Na reza eu sei. Se for olhado, em nome de Jesus, eu curo”.⁹⁵

“O gesto que utilizo é a cruz. Rezando em forma de cruz. Não deixando a pessoa cruzar a mão e o pé. Não pode cruzar as mãos e os pés”.⁹⁶

“No terceiro dia faz o oferecimento. Em louvor a Jesus e a Maria. Eu não rezo olhado a noite. Só com o sol de fora. Até as cinco horas da tarde.”⁹⁷

2.1.4 Reza e renumeração pelo serviço.

Neste aspecto, ressaltamos alguns depoimentos que comprovam a necessidade da gratuidade do serviço. Entretanto, percebe-se em alguns casos, a relação estreita entre retribuição, pagamento e gratidão formam uma linha tênue que garante, em certos casos, a continuidade do serviço prestado. O exemplo de D. Maria da Conceição (cartomante e rezadeira) é bastante significativo neste sentido, pois a prática da reza configura-se como uma atitude filantrópica e de retribuição pela prática de cartomancia realizada em sua residência.

“Eu não cobro nada pelas rezas que realizo”.⁹⁸

⁹² Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

⁹³ *Ibidem.*

⁹⁴ Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

⁹⁵ Rezadeira Advanir Maria da Silva.

⁹⁶ *Ibidem.*

⁹⁷ Rezadeira Maria das Dores.

“Reza não se cobra! Não, não, não!”.⁹⁹

“Nunca cobre! Mesmo quando alguém me vem dá um agrado, eu não aceito”.¹⁰⁰

“Tem gente que gosta de agradar! Já recebi perfumes, toalhas de prato, peça de tecido, correntinha e outras coisas. Uma vez, uma moça me enviou uma quantia em dinheiro, porque eu rezei para ela obter um tal de “*green card*”, eu nem sei o que é isso, eu rezei e ela recebeu. Ela disse que já tinha pedido ajuda a várias pessoas, pai-de-santo e tudo mais. Eu só rezei, e ela recebeu”.¹⁰¹

“Reza não se cobra, tem gente que gosta de presentear, mas reza não se cobra, de graça mesmo. Reza não, não, não, reza não se cobra, eu posso rezar o dia todinho, e não cobro um centavo! Eu posso dizer porque não cobro? Porque tenho do dom de ser cartomante, não porque estudei, mas porque tenho o dom de olhar para o baralho e lê e como cartomante a gente cobra nas cartas e cobramos para botar as cartas que é uma espécie de trabalho diferente não é uma espécie de religião, muito embora chegamos a doutrinar muita gente dentro das cartas. Há uma maneira dentro das cartas de se evangelizar, mas essa nos cobramos, agora quem bota cartas tem de prestar uma caridade por aquele trabalho que esta fazendo e essa reza que eu faço do olhado fê a caridade do meu trabalho”¹⁰²

“Eu não cobro nada. Tem algumas pessoas que nos procuram e oferece alguma coisa. Preciso de mim eu estou pronta para ajudar”.¹⁰³

⁹⁸ Rezadeira Zilda.

⁹⁹ Rezadeira Maria da Conceição.

¹⁰⁰ Rezadeira Maria José.

¹⁰¹ Rezadeira Adiles.

¹⁰² Rezadeira Zilda.

¹⁰³ Rezadeira Jucyana Maria de Amorim Almeida.

2.2 Práticas populares e psicologia.

É possível perceber, sobretudo, nos discursos das rezadeiras entrevistadas, uma forte relação entre suas práticas de benzedura e ações cultivadas durante a infância dessas mulheres. Nos discursos podemos identificar elementos que manifestam que é durante a infância que as rezadeiras entrevistadas deram início de suas práticas. “Quando eu tava com a idade de 5 anos e estava com as minhas crianças eu brincava muito com as crianças eu via alguma criança doente eu pegava um pedaço de mato e começava a benzer”¹⁰⁴.

É fato de que em muitas regiões do Brasil as pessoas confiam mais nas tradicionais rezadeiras do que nas práticas médicas e ou psicológicas convencionais, não é por acaso que em muitas cidades dos grandes centros formam-se filas em frente das casas dessas mulheres em busca de um conforto espiritual e alívios de seus sofrimentos. Certamente este dado evidencia uma sociedade organizada na desigualdade social, em que muitos nunca tiveram acesso a tratamentos médicos ou acompanhamentos psicológicos adequados e que o apoio místico das rezadeiras foi o único alento em meio ao sofrimento físico e emocional. Não estamos afirmando com isto que somente o tratamento médico resolveria todo o problema, pois, insistimos se pode correr o risco de perder a alma sem as rezadeiras ou benzedoras, de perder a raiz e o espírito de vida comunitária.

Quando analisamos as práticas de benzeção, somos desafiados a olhar com especial atenção todas as ações circundantes que imprimem significado e sentido ao universo simbólico desta experiência religiosa. De modo especial, somos desafiados a olhar com cuidado e atenção a relação que se estabelece entre as rezadeiras e seus consulentes: ela reveste-se de uma força, de um “*mana*”¹⁰⁵ que se projeta sobre a realidade reconfigurando-a.

¹⁰⁴ Rezadeira Zilda.

¹⁰⁵ Esse conceito é amplamente desenvolvido em DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes. 2003.

Neste sentido, percebemos que a benzeção torna-se uma das formas mais significativas de relacionamento com o mistério, com o sagrado nas periferias dos grandes centros e nas regiões rurais. A rezadeira toca no centro do mistério, canalizando as necessidades de bem-estar pessoal ao nível do sagrado, evocando forças que sensibilizam e mobilizam para um novo momento.

Figura 2 – Rezadeira Joseli.



Rezadeira utilizando o Pinhão Roxo (*Jatropha curcas*.) – planta comum na prática na benzedura.

Desta forma, o cotidiano, cheio de dicotomias, violências, rupturas, adquire uma força integradora pelos gestos ligeiros feitos com galhos de plantas especiais, mãos ágeis e palavras sagradas. Assim, podemos perceber que a eficácia da benzeção reside, sobretudo, no encontro. Situando nosso olhar na experiência religiosa e sua relação com os processos cognitivos, uma viagem pela psicologia do desenvolvimento auxiliará na compreensão dos processos internos

de cada indivíduo, e ao mesmo tempo, poderá contribuir com o entendimento do universo simbólico que envolve a pessoa em sua totalidade.

Sabemos que “a psicologia da religião parte de pressuposto de que o sentimento religioso é uma elaboração do *Eros* básico do ser humano. *Eros* entendido como um impulso inicial e fundamental ligado ao desejo e suas satisfações ou frustrações”¹⁰⁶. A aproximação do sagrado acontece de forma sistemática e de acordo com o grau de maturação do indivíduo. “É amplamente aceito que a criança vive a própria religiosidade, ao nível cognitivo, de acordo com os processos de maturação intelectual que caracterizam o relacionamento da criança com o mundo externo”¹⁰⁷.

Diante deste fato, os pesquisadores das ciências da religião são desafiados a utilizarem de forma sistemática as ferramentas disponíveis para auxiliá-los no processo de compreensão dos fenômenos religiosos nas diversas fases do desenvolvimento. Neste momento, Piaget, que contribui de maneira sistemática, para o entendimento desse processo, afirma que “as etapas do desenvolvimento intelectual (pensamento) da criança seguem períodos bem precisos, cada um com sua maturação, necessária para atingir a etapa posterior”¹⁰⁸.

As diversas fases do desenvolvimento do ser humano exposta por Piaget são, sem dúvida, uma contribuição necessária para todos aqueles que trilham os caminhos da relação entre aqueles que ensinam e aqueles que aprendem. Sabendo que a experiência religiosa é, em sua essência, um processo que se desenvolve culturalmente, não podemos negar as contribuições das teorias que tratam das questões cognitivas, pois cultura é algo construído historicamente por seres humanos em relação. A transmissão do conhecimento, da palavra utilizada na prática de benzeção é realizada de forma espontânea e obedecendo a critérios

¹⁰⁶ CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. São Paulo: Edições Paulinas, 2004. p. 19.

¹⁰⁷ LIBORIO, Luís Alencar. **Psicologia da Religião**. Apostila distribuída pelo professor. Recife: UNCAP. 2005. p. 39.

¹⁰⁸ *Ibidem.*, p. 39.

familiares. É uma tradição passada de geração em geração, e ao mesmo tempo, reformulada e reconstruída pela nova geração que herda a missão.

Desta forma, tanto a cultura como a experiência religiosa são transmitidas e assimiladas por indivíduos que estão em constante processo de relação-interação. Sabemos, contudo, que esse processo, sendo construído – reconstruído, possui suas bases nas relações iniciais em que esses indivíduos estão inseridos. Essa dependência leva-nos a pensar na possibilidade de um diálogo cada vez mais significativo entre as áreas de conhecimento, pois o que desejamos conhecer nunca se revela completamente, ele será sempre um mistério, uma incógnita, algo a ser descoberto.

2.3 Aportes psico-sociais para compreensão do fenômeno das rezadeiras.

A preocupação acadêmica pelo estudo das religiões motivou e ainda motiva debates significativos, sobretudo quando pensamos nos processos de transformações decorrentes da industrialização e de todos os conflitos inerentes às transições para a sociedade moderna. Sabemos que os clássicos, sobretudo Durkheim não abordaram os processos de transformação da sociedade moderna e industrial. Entretanto, o estudo deste autor poderá contribuir no entendimento de questões da dinâmica social que envolve as rezadeiras.

Para Durkheim “a religião origina-se da efervescência coletiva de um grupo social” e toda experiência religiosa, neste sentido, nasce “em momentos particulares de entusiasmo coletivo, como as festas religiosas”. Para Durkheim a experiência do sagrado é a totalidade social, desta forma, ela é sempre um fenômeno social e coletivo. Ele ainda acredita que não é plausível que os homens pudessem viver durante tanto tempo mergulhados numa ilusão, pois acredita que “o próprio sentimento de maravilha diante dos fenômenos naturais é uma

manifestação do sentimento do sagrado, e esse é o real fundamento da religião”¹⁰⁹. A experiência do sagrado manifesta-se sempre coletivamente. O sagrado não é senão o símbolo da própria sociedade. Ela vincula os indivíduos, e dá coesão ao corpo social. “A religião é a experiência coletiva do sagrado”¹¹⁰.

Desta forma, Durkheim encontra sete características do sagrado, são elas:

“Ele é um poder ou uma força, que se expande das coisas e dos símbolos considerados sagrado, e que é experimentado pelos fiéis; o sagrado é ambíguo: é tanto positivo como negativo, atraente e repugnante, benéfico e perigoso; o sagrado não é utilitário; não é empírico; não implica conhecimento fundado sobre a experiência sensível; dá sustentação e força; urge sobre a consciência humana como uma obrigação moral, um imperativo ético”¹¹¹.

Em sua análise da religião, Durkheim não aprofundou a questão da experiência religiosa enquanto fenômeno moderno do período industrial, entretanto abre caminho para que possamos entender com maior clareza as questões pertinentes ao tema. Seus pressupostos ainda são válidos e suas referências nos ajudam a penetrar nas entrelinhas sociais. A afirmação de Durkheim de que “não há religiões falsas. Todas elas são verdadeiras a seu modo; todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana”¹¹² expressa de forma singular a sua concepção deste fenômeno humano e nos dá condições de buscar neste contexto as realidades intrínsecas e extrínsecas desta experiência humana.

Durkheim em sua obra *As formas elementares da vida religiosa* aproximou o rito e religião, pois leva todos os fatos religiosos, tais como, signos, magias, superstição, a sério, atribuindo-os à categoria do religioso. Assim todas as religiões “podem ser analisadas

¹⁰⁹ MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**. Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1995. p. 158.

¹¹⁰ *Ibidem*, p. 158.

¹¹¹ *Ibidem.*, p. 159.

¹¹² DURKHEIM, 2003, p. vii.

sociologicamente evidenciando assim a sua ligação com as estruturas sociais das quais surgiram e que explicam o seu desenvolvimento”¹¹³. Em nossa pesquisa uma das preocupações fundamentais é com o rito, isto é, com a prática da benzeção. É preciso destacar que “as crenças religiosas são representações que expressam a natureza das coisas sagradas e as relações que estas mantêm, seja umas com as outras, seja entre elas mesmas e as coisas profanas”¹¹⁴.

Desta forma, “os ritos são regras de conduta que prescrevem como o homem deve se comportar em relação às coisas sagradas”¹¹⁵. Quando observamos as rezadeiras e suas práticas, podemos perceber que no entorno delas encontra-se um conjunto de atitudes e gestos que marcam profundamente as ações, referências, visíveis e invisíveis, isto é, os elementos sensíveis que enchem o ambiente com a força, o *mana*. Utilizaremos aqui, como referência a afirmação de Durkheim que diz que “o principio totêmico, portanto, é ao mesmo tempo uma força material e uma potência moral”. O totem aqui não é um objeto de veneração, ou figuras de animais, mas a própria rezadeira que se torna referência de cura, de salvação. E é neste momento que o rito adquire efervescência coletiva, pois:

“Os ritos só podem ser definidos e distinguidos das outras práticas humanas, notadamente das práticas morais, pela natureza especial de seu objeto. Com efeito, uma regra moral, assim como um rito, nos prescreve maneiras de agir, mas que se dirigem a objetos de um gênero diferente. Portanto, é o objeto do rito que precisamos caracterizar para podermos caracterizar o próprio rito. Ora, é na crença que a natureza especial desse objeto se exprime. Assim, só se pode definir rito após se ter definido a crença”¹¹⁶.

Mesmo que a prática da benzeção pareça, num primeiro momento, algo isolado do conjunto da sociedade, ela adquire sentido e significado em função da realidade social que lhe

¹¹³ SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 19.

¹¹⁴ *Ibidem.*, p.21.

¹¹⁵ *Ibidem.*, p. 21.

¹¹⁶ DURKHEIM, 2003, p. 19.

atribui valor simbólico de reconstrução do bem-estar e da saúde. A reza pronunciada no interior da casa dessas mulheres reúne a força da comunidade atribuindo a ela o poder de evocar, por meio de palavras, a restauração da vitalidade perdida por meio do “olho gordo”, “mal olhado”.

Lembremos aqui que, segundo Durkheim, o rito possui uma característica ambígua e de extrema plasticidade, pois os ritos têm por finalidade reunir o presente e o passado, o indivíduo e a comunidade. É importante lembrar que, para ele, “um rito produz estados mentais coletivos suscitados pelo fato de o grupo estar reunido”¹¹⁷. Mesmo que nas casas das rezadeiras o encontro entre elas e os consulentes ocorra de forma privada, existe sempre o fato que essa presença está respaldada nos referenciais oferecidos pela comunidade à qual pertencem. Vale ressaltar, que para Durkheim:

“Quando a vida coletiva alcança um determinado grau de eficácia – ou seja, quando estão reunidas as necessárias condições demográficas, sociais e culturais -, ela desperta a vida religiosa, pois determina um estado de efervescência que muda as condições da atividade psíquica. Não existe sociedade que não sinta necessidade de manter e consolidar os sentimentos coletivos a intervalos regulares”¹¹⁸.

As rezadeiras, com suas práticas curativas, fornecem uma visão da realidade que reconfigura as atitudes e o comportamento dos seus consulentes, esses acreditam receber aquilo que procuravam a cura física e o bem estar emocional que tanto buscavam. A palavra tem o poder de costurar as realidades fragmentadas. A palavra cura e reintegra.

2.40 rito e a benzeção, outras reflexões.

Outro clássico que auxiliou em nossa pesquisa é Marcel Mauss (1872 – 1950). Como Durkheim, ele tenta identificar como as forças coletivas podem agir na religião. Em seu livro,

¹¹⁷ SEGALEN, 2002, p.23.

¹¹⁸ *Ibidem.*, p. 24.

Sociologia e Antropologia, no capítulo IV, intitulado: *Análise e explicação da magia*, é apresentado um conceito indispensável para a compreensão da prática da benzeção, que é “a idéia da eficácia mágica”. “Mauss parte do conceito do sagrado e do sacrifício, que lhe parece ser o operador do conhecimento dos ritos e dos mitos”¹¹⁹. Neste sentido, ao analisar as práticas de benzeção podemos notar traços significativos dessa percepção e indícios que asseguram sentido às orações dessas mulheres.

Inicialmente, o autor define magia como objetos de crença que se fundem em função de objetivo específico, pois assim afirma:

“Eles são, todos, ao mesmo tempo, objeto de uma mesma afirmação, que não pesa apenas no poder do mágico ou no valor de rito, mas em todo o conjunto ou no principio da magia. Assim como a magia é mais real do que suas preces, a crença na magia é geral e mais enraizada do que a crença nos seus elementos. A magia, como a religião, é um bloco: nela se crê ou não se crê”¹²⁰.

Partindo dessa análise da eficácia da magia, somos desafiados a buscar referências nas práticas de benzeção e quando nos deparamos com esse fenômeno identificamos componentes significativos que sustentam essa afirmação de Mauss: “a crença em um caso de magia implica a crença em todos os casos possíveis”¹²¹. Quando falamos dos ritos e sua relação com as práticas de benzeção, somos desafiados a identificar três dimensões da vida humana que implicitamente e extrinsecamente estão ligadas à religião, são eles: medo, poder e desejo. Esses conceitos nortearão nossa investigação e possibilitarão um novo olhar sobre o fenômeno das rezadeiras. O medo, como atitude de reverência diante do mistério grandioso que nos envolve, conforme é apresentado por Terrin, “O medo tem relação com o assombro e o assombro se transforma numa afirmação do mistério (*mysterium – tremendum*)”¹²².

¹¹⁹ SEGALEN, 2002, p. 25.

¹²⁰ MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 2º edição. Trad. Paulo neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. pp. 121-122.

¹²¹ *Ibidem.*, p. 123.

¹²² TERRIN, 1998, p. 229

O poder é a afirmação da “potência”, da “força” que rege e controla a natureza em benefício de um grupo ou pessoa, por isso, o sagrado é “um poder que quebra os esquemas habituais e deixa entrever o religioso” ¹²³. E por último, a categoria do desejo: aqui encontramos o cume da busca do sagrado, pois ele é a expressão máxima na experiência religiosa, revela-se aqui a necessidade de superação dos elementos imanentes em busca da transcendência. “Na sua culminância, é a expressão da própria ‘necessidade de salvação’, onde exatamente ‘salvação’ denota a necessidade de ‘recuperar a própria totalidade’” ¹²⁴.

Essas categorias nos ajudam a entender a experiência religiosa e ao mesmo tempo colocam uma nova luz sobre a realidade das rezadeiras. Quando pensamos no medo, no sofrimento, nas dores e nas doenças que afligem a vida e o cotidiano das pessoas, nas “feridas simbólicas” ¹²⁵ que rompem com as referências que atribuem sentidos à existência, somos desafiados a reorientar nossa atenção ao conjunto da realidade social e podemos nos questionar se existe na cura, no tratamento das doenças, algo que não esteja vinculado ao sagrado. Não é possível analisar essas realidades sem um olhar multidimensional. Sem levar em consideração a complexidade que existe nestas relações. Se o cuidado com a saúde nos possibilita uma profunda integração entre o corpo e o espírito, o ser humano não pode ser visto isoladamente. O diálogo entre os mais diversos saberes se constitui função indispensável no presente estudo. Pois:

“Se, por um lado, a medicina pretende restringir a doença a seu aspecto meramente orgânico, por outro, em sua atuação, ela deixa transparecer as articulações da doença como o social, uma vez que a atuação médica se dissemina por todo o tecido da sociedade” ¹²⁶.

¹²³ TERRIN, 1998, p. 229.

¹²⁴ *Ibidem.*, p 229.

¹²⁵ cf. QUINTANA, Alberto Manoel. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e pistas de psicanálise**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1999. Onde define as feridas simbólicas como as rupturas da realidade que impossibilitam o sentido da vida. Neste sentido podemos perceber que a realidade precisa de referências e marcos simbólicos que dêem sentido ao cotidiano.

¹²⁶ *Ibidem.*, p. 26.

Nossa investigação pretende vislumbrar uma concepção de ciência em que tanto sujeito como objetos estão em relação, em busca dos significados que nos permitem entender o fenômeno, que não se esgota em si mesmo, mas abre-se dialogicamente ao contexto em que está inserido.

Desta forma, podemos compreender o fenômeno religioso das rezadeiras, que atuando como agentes de um encontro profundamente humano, de cuidado com a vida, possibilitam uma integração cada vez mais ampla entre o sagrado e o profano, entre a saúde e a doença, pois, “mesmo que a finalidade da vivência religiosa seja transcendente (por enquanto, o sagrado), trata-se de uma experiência humana, própria do ser humano e condicionada por sua forma de ser e pelo seu contexto histórico e cultural”¹²⁷.

Aqui encontramos uma referência que contextualiza, de forma singular, a importância e a necessidade das rezadeiras no conjunto da experiência religiosa, sendo elas revestidas de um poder sagrado e agentes revitalizadoras da vida, diante do medo que invade o cotidiano. Pois, “o homem não pode sobreviver sem os sistemas simbólicos”¹²⁸ e busca de forma incansável a harmonização entre as realidades que foram fragmentadas, feridas.

“O desejo, portanto não é somente um desejo limitado, particular, mas é entendido como um conjunto de impulsos em direção à própria completude estendendo-se numa escala muito ampla de preenchimento, que vão da necessidade de resolver pequenos problemas pessoais ou coletivos”¹²⁹.

Desta forma, a reconstrução da realidade adquire um sentido harmonizador e integrador das mais diversas dimensões humanas em busca da saúde-salvação. Vemos, assim, que “na medida em que o real abre brechas nessas construções simbólicas, obriga o homem a se

¹²⁷ CROATTO, 2001, p. 41.

¹²⁸ QUINTANA, 1999, p. 26.

¹²⁹ TERRIN, 1998, p. 229.

deparar com sua impotência, uma vez que esses padrões culturais lhe dão a ilusão de completitude da qual ele carece”¹³⁰.

Ressaltar a importância dessa manifestação da cultura e da experiência religiosa com seus aspectos antropológicos e sociológicos nos ajudará a entender mais profunda e sistematicamente essa experiência religiosa. Não é por acaso que muitas vezes a prática das benzedeiras ou rezadeiras foi tratada com atitudes de preconceito e discriminação, sendo desta forma um foco de resistência às práticas autoritárias de uma expressão religiosa que marginalizava todas as ações religiosas que estivessem fora dos padrões e orientações do centro. Em seu estudo sobre as formas de resistências, Marilena Chauí ressalta que:

“No que concerne à resistência, a situação das chamadas religiões populares é delicada e ambígua. Não só porque a Sociologia da Religião nos habituou às idéias de sincretismo, superstição, sectarismo e irracionalidade, mas também porque o populismo procurou convencer-nos de que as religiões populares, por serem populares, são boas em si, expressões da alma de um povo combatente”¹³¹.

Quando fala de resistência, estamos nos referindo ao conceito defendido por Marilena Chauí que acredita que essa ação pode ser difusa ou localizada em ações coletivas que são revestidas de uma lógica transformadora e de resistência:

“Resistência que tanto pode ser difusa – como na irreverência do humor anônimo que percorre as ruas, nos ditos populares, nos grafites espalhados pelos muros das cidades – quando localizada em ações coletivas ou grupais. Não nos referimos às ações deliberadas de resistências (...), mas a práticas dotadas de uma lógica que as transforma em atos de resistência”¹³².

Sendo assim, podemos afirmar que as rezadeiras, ligadas ou não às práticas da tradição religiosa católica, são agentes de um processo de resistência que se perpetua no decorrer do tempo, e ainda hoje, são referências de conforto e alívio para uma parcela significativa das

¹³⁰ QUINTANA, *op. cit.*, p. 29.

¹³¹ CHAUI, 1986, p. 74.

¹³² *Ibidem.*, p. 74.

populações periféricas dos grandes centros e nas zonas rurais, onde o poder oficial não é presença significativa e de confiabilidade. Tal resistência foi assim apresentada:

“As benzeções como a conquista e preservação de um espaço de resistência, uma demonstração de força, por pequena que ela seja, ao saber erudito.

Tal resistência se faz na nossa sociedade através de um processo permanente de embate entre as diferentes classes sociais, dominantes e dominadas, e os seus especialistas correspondentes (...).

As benzeções constituem práticas sociais realizadas não por pessoas isoladas que fazem o seu trabalho as escondidas, na periferia das cidades, mas por especialistas populares de cura que oferecem respostas compromissadas para os da sua classe social, por uma espécie de união com os excluídos”¹³³.

A ação das rezadeiras está estreitamente ligada às práticas religiosas, entretanto, elas não estão diretamente ligadas às instituições religiosas e, muitas vezes, são até mesmo, tratadas com desprezo e marginalização pelos membros dessas instituições religiosas. Em seu livro, *Médicos e curandeiros: conflito social e saúde*, Maria Andréa Loyola afirma que:

“Os curandeiros e os rezadores estão ligados à tradição católica ou, mais precisamente, ao catolicismo popular. De fato, muitas vezes, aqueles que organizaram preces coletivas nas capelas rurais costumam também dar bênçãos e rezar para curar as doenças; daí o nome rezadores (...)”¹³⁴.

Outra afirmação que acreditamos fazer parte da designação deste fenômeno é que:

“Essas denominações servem atualmente apenas para designar os indivíduos que praticam uma medicina estreitamente ligada à religião, mas cujo exercício não se efetua no quadro de uma religião institucionalizada. Eles são definidos e se definem como especialistas da cura e não como agentes ou membros de alguma religião. Em outras palavras, o que prevalece é sua função terapêutica e não sua função religiosa”¹³⁵.

Quando pensamos na prática da benzeção a primeira impressão é de espanto, pois somos levados a nos perguntar se é possível à existência de tal prática em meio ao progressivo

¹³³ OLIVEIRA, 1985, p. 68.

¹³⁴ LOYOLA, Maria Andréa. **Médicos e curandeiros: conflito social e saúde**. São Paulo: Difel, 1984, p. 91.

¹³⁵ *Ibidem.*, p. 92.

avanço tecnológico e as crescentes pesquisas no campo médico – terapêutico. Temos consciência dos limites impostos pela sociedade tecnológica que exclui e segrega o conhecimento a um grupo cada vez mais seletivo, que são aqueles que possuem a informação e são capazes de filtrá-la pelas lentes cibernéticas. Sabemos que “o homem contemporâneo é, antes de tudo, um ser doente de corpo e espírito, um paciente e um sofredor que sabe que está doente e pede, com absoluta prioridade, para ser ‘curado’”¹³⁶.

Desta forma, a religião adquire força significativa em meio a essa realidade cheia de ofertas sofisticadas e inovadoras de consumo, pois como afirma o antropólogo Aldo Natale Terrin, em seu livro, *O sagrado off limits*:

“A religião é chamada a mostrar sua força terapêutica, interessa-nos mais o *talitha kumi*: “menina, levanta-te”, do evangelho, interessa-nos reconhecer como a salvação tem ou pode ter uma antecipação significativa no momento em que se torna “saúde” e “cura” e quando, com a fácil promessa de um outro céu em um futuro mais ou menos distante, nos deixa, entretanto viver na angústia e na doença”¹³⁷.

Voltar à atenção para essas mulheres e suas práticas é um desafio que motiva e anima os pesquisadores de várias áreas de conhecimento, pois a busca da cura através da reza resiste ao tempo, e ao mesmo tempo, as rezadeiras tornam-se referenciais em suas comunidades e muitas se dispõem a atenderem os seus consulentes a qualquer hora. Elas ocupam o espaço do cotidiano, elas estão inseridas na vida concreta que clama por respostas que garantam um sentido ao existir, elas preenchem os vazios criados por um modelo social que privilegia as respostas teóricas e frias dos “cientistas”. Elas falam da vida pela própria vida. Elas sacralizam o tempo¹³⁸, a natureza¹³⁹, os gestos¹⁴⁰, as palavras¹⁴¹.

¹³⁶ TERRIN, 1998, p. 149.

¹³⁷ *Ibidem.*, p. 150.

¹³⁸ Essa categoria é bastante significativa na prática da benzeção, elas estipulam um determinado horário que deve ser seguido pelo consulente. A reza não pode acontecer depois do pôr-do-sol.

Algumas plantas são comumente usadas nas práticas de benzeção, destacam-se o pinhão - roxo e a vassourinha de botão, conforme as figuras abaixo:

Figura 3



Pinhão Roxo (*Jatropha curcas L.*) – planta utilizada na prática na benzedura.¹⁴²

Figura 4



Vassourinha de botão (*Borreria Verticillata*)– planta utilizada na benzedura.

¹³⁹ As ervas e plantas usadas nas práticas de benzeção ocupam um lugar significativo e importante no contexto desta prática, elas têm a função de limpar o corpo dos consulentes e expulsar as forças malignas que atuam na vida destas pessoas.

¹⁴⁰ As orações são realizadas com gestos simbólicos que lembram as antigas benções religiosas praticadas no interior das igrejas, tais como o sinal da cruz.

¹⁴¹ Os gestos estão sempre acompanhados por orações, que muitas vezes não é possível compreender com clareza, esse mistério na pronuncia das palavras revela a força que essas palavras possuem.

¹⁴² Em pesquisa realizada identificamos que duas plantas utilizadas nas “rezas” são também associadas a um determinado orixá. As plantas são: Pinhão-roxo e Vassourinha; ambas estão relacionadas ao orixá Exú. Esse orixá é identificado com a comunicação, a abertura dos caminhos, o axé.

<http://www.esalq.usp.br/siesalq/pm/pinhao.pdf#search=%22pinhao%20roxo%22> acesso no dia 08/10/2006.

Podemos ainda demonstrar pelo auxílio da ciência comparada das religiões que a busca do bem estar, da saúde propriamente dita está presente em várias manifestações religiosas do passado “as religiões do passado, e de modo particular também a tradição cristã, jamais dissociaram a própria missão de ‘salvação’ da sua tarefa ‘terapêutica’”¹⁴³. Em seu livro, *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem: um estudo sobre o terror e a cura*, Michael Taussig, afirma que:

“A cura consiste em tornar-se curador. Ao ser curado, ele também está se tornando um curador. Ao se tornar um curador, apresenta-se a ele a seguinte opção: ou sucumbirá à intrusão da morte, subsequente à perda da alma, ou permitirá que o trauma, causador da doença, e a ajuda do curador voltem a tecer as forças curativas em sua personalidade e em sua experiência de vida, transformando-as em uma força que transmite vida a ele mesmo e a outros. Na jornada empreendida pelo curador e pelo doente ao outro mundo e ao alto das montanhas, atravessando a paisagem sagrada do espaço tempo, é esta opção que está sendo percorrida”¹⁴⁴.

Vale salientar que quando nos referimos à prática da benzeção e das benzedeadas ou rezadeiras consideremos aquilo que, Elda Rizzo de Oliveira, em seu livro *O que é benzeção* nos diz:

“O ofício das benzedeadas se assemelha ao trabalho dos magos e xamãs nas sociedades primitivas, no que se refere a serem profissionais populares, embora os magos e xamãs criassem confrarias, corporações profissionais, e assim submetiam feiticeiros e xamãs menores aos seus trabalhos. A benzeção está inserida de modo particular na sociedade. Por isso seu trabalho é marcado por uma dimensão singular. Essa dimensão é o fundamento da sua autonomia profissional”¹⁴⁵.

Esse ofício identifica-se com as práticas dos antigos magos e xamãs, pois resgata de forma concreta a dimensão de cura que era e ainda é realizada em várias partes do mundo. Além disso, a benzeção adquire uma autonomia singular na prática da cultura e da experiência

¹⁴³ TERRIN, 1998, p. 151.

¹⁴⁴ TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem** : um estudo sobre o terror e a cura. Trad. Carlos Eugenio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1993, p. 418.

¹⁴⁵ OLIVEIRA, 1985, pp. 29-30.

religiosa, pois incorpora elementos e expressões que historicamente estão presentes no inconsciente coletivo desses povos. Outro dado significativo para compreender esse fenômeno é o fato de que:

“Apesar de serem considerados como especialistas de certas doenças tradicionais, tais como espinhela caída, cobreiro, picadas de cobra, feridas e, principalmente, de certas doenças infantis, como ventre virado (diarréia), coqueluche, falta de apetite, etc..., os rezadores são capazes de curar um número ilimitado de males, pois a cura é principalmente uma ‘questão de fé’”¹⁴⁶.

Sua sensibilidade toca o outro com profundidade e delicadeza, espantando com seus gestos os assombros da dor e do medo. Pois a doença é reflexo da realidade humana que nos coloca no “lado escuro” da vida. Somos fragilizados, sofremos e sofrem outros ao nosso redor. Outro elemento significativo estabelece relações entre os vários tipos de manifestações religiosas que visam à cura. O curador olha com profundidade a pessoa e é capaz de identificar o mal que nele existe. “O curador proporciona a visão”¹⁴⁷, “é o xamã quem vê com maior exatidão”¹⁴⁸. Em outras palavras é possível afirmar, tendo por base a antiga tradição dos xamãs, elas podem enxergar o mal porque são capazes de viajar para lugares e regiões onde essa realidade reside. Não é por acaso que as rezadeiras identificam com um simples olhar o mal que está presente no corpo de seus consulentes. Salientamos que a existência de uma integração entre o curador, benzedor e o paciente é real e relacional. Aqui se faz necessário outra citação significativa de Taussig que nos diz:

“É por isso que o xamã necessita do paciente, assim como o paciente, devido a razões talvez óbvias, necessita do xamã. O paciente que contorna o espaço da morte apenas para retornar a nós torna-se a voz do xamã. São estes dois pólos que balizam o terreno dialogístico do espaço da morte. Entre o paciente que entra nesse espaço e vacila no instante final da decisão e entre o curador que prosseguiu a fim de, com a mais alta intensidade, enredar os vivos com os mortos, encontramos um momento especial, embora

¹⁴⁶ LOYOLA, 1984, p. 93.

¹⁴⁷ TAUSSIG, 1993, p. 419.

¹⁴⁸ *Ibidem.*, p. 419.

masculino, da criação daquilo que denomino o conhecimento social implícito”¹⁴⁹.

Conforto e alívio são sinais inequívocos da passagem por essas mulheres. Ali, os seres humanos, fragilizados e oprimidos, recompõem, com simplicidade, os fragmentos espedaçados de sua realidade, e ao mesmo tempo, realinham seu existir-agir. Sabemos ainda que “como os pais, as mães-de-santo e os pastores, os rezadores também crêem na dupla natureza da doença (material e espiritual)”¹⁵⁰. Desta forma “não é possível trabalhar para a salvação da alma sem ao mesmo tempo empenhar-se na saúde total da pessoa do fiel”¹⁵¹.

Palavras e gestos, corpo e espírito, são integrados e devolvem a totalidade e a integralidade ao mundo fragmentado pela doença, pelo mal. Na prática da benzeção podemos perceber o desabrochar de uma experiência única e significativa, pois como a flor de lótus, que brota do pântano escuro e insalubre, essa prática surge em meio a realidades fragmentadas e sofridas, sem perder sua beleza e singularidade. A palavra que seduz e é capaz de curar, é muitas vezes incompreensível. Seu valor não está no que é dito, mas, sobretudo, no como é dito. Por isso é importante lembrar que “o homem não pode sobreviver sem os sistemas simbólicos”¹⁵². Quintana (1999), ainda faz uma afirmação bastante significativa:

“Nos momentos em que a coerência desses códigos culturais fica enfraquecida, o ser humano se depara com sua verdadeira condição de fragilidade diante do mundo. Na medida em que o real abre brechas nessas construções simbólicas, obriga o homem a deparar-se com sua impotência, uma vez que esses padrões culturais lhe dão a ilusão de completitude da qual ele carece”¹⁵³.

Desta forma, as “brechas simbólicas” são reparadas pelas palavras balbuciadas dessas mulheres, a palavra que tem um valor secundário, adquire sentido no conjunto simbólico dos

¹⁴⁹ TAUSSIG, 1993, p. 419.

¹⁵⁰ LOYOLA, 1984, p. 93.

¹⁵¹ TERRIN, 1998, p. 152.

¹⁵² QUINTANA, 1999, p. 29.

¹⁵³ *Ibidem.*, p. 29.

elementos significativos. Palavras balbuciadas, gestos ligeiros, expressões faciais, adquirem sentido no conjunto da ação. É a união dessas expressões que evocam o sagrado, que se manifesta plenamente no desejo da cura, da saúde. Terrin afirma que a definição que a OMS nos oferece de saúde é “um estado de completo bem-estar físico, espiritual e social”¹⁵⁴.

2.5 Experiência religiosa, entre a tradição e a modernidade.

Quando falamos em secularização a primeira impressão é a de superação de todo e qualquer aspecto religioso, o espírito secular é contrário ao espírito religioso. Essa visão limita uma compreensão mais ampla da realidade social e impossibilita uma análise que aprofunde os conflitos inerentes à realidade social. Neste sentido Berger nos ajudará a entender esse fenômeno como processo de reconstrução e resignificação.

Três etapas nos ajudarão nessa tarefa, a primeira é a de externalização que é o processo de “contínua efusão do ser humano no mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens”¹⁵⁵. A segunda é a de objetivação, que segundo Berger, é o momento em que a realidade externalizada ganha autonomia. Aqui compreendemos como a etapa da normatização, a etapa da doutrina, o momento do dogma. “É a percepção da sociedade como realidade objetiva que favorece ao ser humano um mundo para habitar”¹⁵⁶. Nesta etapa o mundo adquire plausibilidade, adquire sentido. Aqui “a própria biografia do indivíduo só é objetivamente real na medida em que possa ser compreendida dentro das estruturas de importância do mundo social”¹⁵⁷. E a última etapa desse processo é a da internalização, que

¹⁵⁴ TERRIN, 1998, p. 201.

¹⁵⁵ BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 1985. p. 16.

¹⁵⁶ TEIXEIRA, 2001, p. 223.

¹⁵⁷ BERGER, op. cit., p. 26.

“é o momento do processo dialético onde o mundo social vem reintroduzido na consciência mediante a dinâmica da socialização”¹⁵⁸.

Outros aspectos relevantes são identificados por Berger para nomear a realidade social, aqui gostaríamos de destacar o aspecto de legitimação, que é “o saber socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social”¹⁵⁹. A partir desse momento a sociedade ganha coerência e sentido e pode funcionar e estruturar-se, isto é, adquire *nomia*, tem sentido.

A ciência da religião como esforço de compreender os aspectos relevantes desse fenômeno vai adquirindo relevância e significado nos últimos anos:

“Ao lado dessa nova relevância social assumida nos anos 80 pelo fator religioso. Nota-se entre os cientistas sociais uma crescente consciência de que as mutações em ato na sociedade não se interpretam facilmente dentro da ótica tradicional do procedimento indefinido da modernização, entendida como difusão de princípio de racionalidade em todas as esferas da vida social”¹⁶⁰.

Neste sentido, não podemos esquecer que existem características bastante significativas que podem identificar esse conceito, por isso citamos algumas delas para ilustrar a compreensão que temos sobre pós-modernidade relacionando essa compreensão com as práticas de benzeção em nossa sociedade.

“O pós-moderno caracteriza-se pela ausência daquelas contraposições fortes, das quais a tese da secularização tomava vigor. Na ausência de fundamentos absolutos e com a transformação da própria idéia de verdade, o pós-moderno não se apresenta, de fato, nem como a superação da modernidade, nem como oposição a ela, mas sim como a sua derivação e a sua dissolução”¹⁶¹.

E será dentro deste contexto que caracterizaremos o homem pós-moderno em relação ao fenômeno religioso: como um ser religioso que “é eclético, heterodoxo, escandaloso com

¹⁵⁸ TEIXEIRA, 2001, p. 223.

¹⁵⁹ BERGER, 1985, p. 42.

¹⁶⁰ MARTELLI, 1995, p. 10.

¹⁶¹ *Ibidem.*, p. 18.

relação às tradições clássicas, mas é tudo o que temos à disposição para compreender o mundo religioso atual, fora das habituais acomodações do rito”¹⁶². Neste contexto plural e multifacetado, podemos identificar uma diversidade de expressões que de forma inequívoca refletem a sociedade atual. Por isso, “se a pós-modernidade tem algum sentido, ela significa a capacidade de compreender as culturas a partir das suas subjetividades particulares”¹⁶³.

Neste momento podemos perceber que “a religião é vista apenas como uma reserva de símbolos e significados à disposição do indivíduo, cuja eficácia é, portanto, limitada à esfera privada ou a grupos pequenos”¹⁶⁴. Essa concepção limitada pela idéia restritiva do fenômeno religioso é amplamente divulgada por um modelo de sociedade centrado em concepções que privilegiam um tipo de conhecimento científico.

Nossa tarefa neste momento se impõe como missão de abertura crítica aos novos paradigmas da modernidade, e ao mesmo tempo, uma releitura dos clássicos como possibilidade de fundamentar o conhecimento como construção de saberes. Da mesma forma que podemos nos referir ao fenômeno religioso como um processo de encantamento diante da vida e do mundo, podemos ainda perceber que o retorno ao sagrado acontece de forma inequívoca por um processo de desencantamento com a realidade social.

Esse desencanto reflete-se por uma profunda apatia diante dos conflitos inerentes à realidade e se manifesta por atitudes de indiferença, descrédito às instituições, sejam elas sociais ou religiosas. Diante dessa realidade, percebemos ainda que muitos buscam nas manifestações religiosas das rezadeiras e em suas experiências místicas algo que possibilite um sentido à vida sem sentido. São muitos os que buscam nas experiências esotéricas uma forma de estar no mundo com sentido. Aqui, mais uma vez, a relevância e pertinência das rezadeiras ocupam lugar de destaque.

¹⁶² TERRIN, 2004, p. 8.

¹⁶³ *Ibidem.*, p. 9.

¹⁶⁴ MARTELLI, 1995, p. 19.

“É dentro desse processo de legitimação que as benzedeadas se sentem comprometidas com o ensinamento da benzeção a outras benzedeadas, as noviças, observando-se sempre a relação mais velha/mais moça, isto é, mestra/aprendiz. Ensinam-lhes a partilhar segredos e cumplicidade com os deuses, a conhecer as orações, as artes, as técnicas e as estratégias para lidar com o sobrenatural, com o social, com os deuses e com os homens, recriando esse saber e vencendo os desafios”¹⁶⁵.

Notamos que a prática de benzeção não é transmitida unicamente como herança familiar, existem casos em que essa experiência pode ser transmitida pela formação de novas iniciantes, essa são convidadas a freqüentarem a casa da rezadeira e elas recebem as instruções necessárias para a realização da reza, desta forma a tradição é garantida. O ensino acontece de forma bastante informal, com isso não estamos afirmando que não exista uma sistematização deste conhecimento. Essa sistematização acontece na forma de transmissão do conhecimento, pois são ensinadas as palavras, os gestos e as características que devem ser observadas pelas futuras rezadeiras:

“Tenho duas meninas que estou ensinando a rezar. Toda semana elas devem vir a minha casa para que eu possa ensinar as orações. Sinto que uma delas não tem muito interesse em aprender. A outra não! É interessada, atenta, presta atenção aos ensinamentos e nunca falta. Essa sim, vai longe. A gente sabe quem tem ou não tem interesse”¹⁶⁶.

Desde muito tempo, elas estão presentes no imaginário das pessoas como aquelas que aliviam o sofrimento e espantam os “maus-olhados”, e essa tradição deve ser transmitida com fidelidade. Hoje, mais do que nunca, buscamos uma “terra do nunca”, onde os sonhos, as brincadeiras e até mesmo os perigos são enfrentados e vividos com a inocência da eterna criança. Esse conhecimento transmitido motiva e impulsiona a vida. Estabelecendo diálogos, criando interações, fazendo relações. O ser humano, que sonha e tem saudade do paraíso perdido, deseja reencontrar-se reencantando-se com mundo e com a vida, mesmo que sejam

¹⁶⁵ OLIVEIRA, 1985, p.42-43.

¹⁶⁶ Rezadeira Zilda.

em livros de Tarô, Fadas e Gnomos ou até mesmo na simplicidade das residências das rezadeiras.

Por tudo isso, falar do fenômeno religioso e da ciência das religiões é uma tarefa que deve animar e instigar as mentes que desejam conhecer. Sabemos que esta tarefa não pode cair na ingenuidade e nem na superficialidade, é necessário buscar o fio condutor dessas manifestações e penetrar na profundidade da realidade para entender as sutilezas que cada contexto apresenta. Da mesma forma que podemos nos referir ao fenômeno religioso como um processo de encantamento diante da vida, é possível perceber que o retorno ao sagrado acontece indiscutivelmente por um profundo processo de desencanto com a realidade social. Esse desencanto reflete-se em uma profunda apatia diante dos conflitos existentes na realidade e se manifesta por atitudes de indiferenças e descrédito pelas instituições. O sagrado ofertado pelas orações das rezadeiras está entre a anomia que a sociedade pós-moderna produz, sobretudo nas periferias, e a plausibilidade que emerge de suas palavras e de seus gestos.

3 SAÚDE E SALVAÇÃO, O SAGRADO ENTRE E ALÉM!

3.1 Prática popular de benzeção.

A validade do pensar a prática das rezadeiras sustenta-se pela pertinência deste tema no contexto cultural em que vivemos. Este mesmo contexto, paradoxalmente, fornece-nos novas lógicas, complexas e transdisciplinares, para resgatarmos e compreendermos melhor a benzeção. Utilizar de forma sistêmica os pilares metodológicos da transdisciplinaridade que são os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e da complexidade poderá nos auxiliar para uma compreensão mais ampla deste fenômeno. Salientamos, porém, que toda essa investigação poderá nos conduzir não a respostas prontas e absolutas, mas a inquietações e dúvidas que brotem da realidade.

Somos desafiados a contemplar a realidade deste “novo” método com a atenção e o cuidado daqueles que navegam por mares desconhecidos. Ousamos entender a realidade, durante muito tempo, fragmentando-a e criando disciplinas que pudessem revelar com maior clareza a realidade circundante. Desta forma, pretendíamos colocar toda a realidade numa lente microscópica, entendendo o todo pelas partes. Tornamo-nos especialistas de um saber cada vez mais fragmentado, substituímos o saber que contém sabor pela inteligência das acadêmicas, com suas múltiplas informações. Nosso esforço neste novo mar é transformar informação em conhecimento. É em nome da unidade do saber que o método transdisciplinar apóia e lança raízes nas mais diversas áreas de conhecimento. Unidade que favorece essa busca incessante do ser humano pelo conhecimento.

Nesta perspectiva surge a seguinte afirmação: “reglobalizar os saberes”, sim reglobalizar. Tornar o conhecimento capaz e possível de interagir com as mais desafiadoras

formas de saberes, e ao mesmo tempo, possibilitar um diálogo profícuo e enriquecedor da experiência humana com o processo de construção do conhecimento ao longo da história da própria humanidade.

“Esta perspectiva abre o caminho para que a filosofia passe a desempenhar um papel significativo na reglobalização dos saberes fragmentados, na medida em que permite a utilização de seus recursos para se construir uma representação mais totalizante e adequada de uma situação e que se torna mais receptiva às questões de ética, direito e política e às questões sociais postas pelas ciências humanas, instaurando um diálogo franco e fecundo entre os pesquisadores das diferentes disciplinas”¹⁶⁷.

Na busca de um conhecimento exato e especializado enveredamos por trilhas sinuosas que pretendiam ser a verdade absoluta sobre o real. Esquecemos que existe sempre algo que nos escapa, nunca conseguimos conhecer tudo, pois limitada é a nossa percepção da realidade. Arrogância de nossa parte pretender limitar a abrangência, a profundidade, a complexidade da realidade a explicações e teorias.

Nosso anseio fundamental consiste em buscar novas lógicas para o entendimento dos fenômenos e mais do que entender, precisamos hoje salvar os fenômenos, nos quais nos descobrimos envolvidos. Sabemos que não podemos usar de forma exclusivista uma lógica determinada: há necessidade de se formular e reformular princípios norteadores do pensar sobre a realidade e o real. Olhar o contraditório, fazer brotar a complexidade, entender que a inclusão de um terceiro permitirá a compreensão mais ampla do fenômeno. Interpretar com isenção os depoimentos que ouvimos. Sermos respeitosos e ao mesmo tempo críticos daquilo que ouvirmos. Onde está o sagrado transcendente na prática das rezadeiras e onde estão os condicionamentos psíquicos e sociais que condicionam práticas como essas? Aqui vale a pena afirmar que não pretendemos esgotar a temática apresentada, mas apresentar pistas de análise que auxiliem uma compreensão mais ampla deste fenômeno.

¹⁶⁷ JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar: e as razões da filosofia**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 2006, p.10.

Outro elemento que não pode ser desprezado é o da descontinuidade, pois este irá interagir com os níveis de realidade, iluminando de forma profunda a experiência das rezadeiras. Sendo “a transdisciplinaridade um modo de conhecer e de conhecer o conhecimento”¹⁶⁸, ela nos auxiliará na compreensão do fenômeno da benzeção, pois a complexidade inerente a essa manifestação da experiência religiosa está envolvida por um conjunto de realidades que não podem ser explicadas tomando-se por base a simples relação entre sujeito e objeto.

Carecemos de um novo olhar e de uma nova metodologia que, analisando os mais diferentes elementos da realidade, possam contribuir para sua maior compreensão. Na boca e nos gestos das rezadeiras as palavras ganham existência, são transfiguradas e transfiguram o contexto existencial. Os sentidos acolhem cada expressão e estes são envolvidos com a profundidade do sagrado, do mistério que está entre, através e para além da prática da experiência religiosa.

A palavra da rezadeira é sagrada e carregada de mistério, por isso para compreender o que se esconde e se revela na experiência religiosa, torna-se indispensável focalizar o sagrado presente nesta experiência religiosa: ela possui uma força recriadora de sentidos e de mundos, tudo ao seu redor transpira o sagrado.

“Eu benzo diferente, eu sinto aquela mão gelado, aquele poder de Deus. Quando a pessoa sai de casa já sai boa. Eu pego as planta e benzo a pessoa. Eu rezo gritando o nome daquela doença. O movimento tem aquela ciência. Eu não posso dizer.”

O abrir da boca, algo tão corriqueiro, assume aspecto de força mágica, manifesta a presença do mal que invadiu o corpo do outro e precisa ser expulso. Sabemos que a transdisciplinaridade “é o reconhecimento da interdependência de todos os aspectos da

¹⁶⁸ WEIL, Pierre; D’AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade:** sistemas abertos de conhecimento. São Paulo: Summus Editorial, 1993. p.27.

realidade”¹⁶⁹. Nenhuma palavra se perde, pois cada uma delas guarda dentro de si o mistério que cura, restaura, renova. “Ouvir com inteireza; falar como quem diz; dizer como quem vive como o outro”¹⁷⁰.

“Desde o início do século, os etnólogos se habituaram a utilizar como sinônimo os termos xamã, *medicine-man*, feiticeiro e mago para designar certos indivíduos dotados de prestígio mágico – religioso encontrados em todas as sociedades ‘primitivas’. Por extensão, aplicou-se a mesma terminologia ao estudo da história religiosa dos povos ‘civilizados’”¹⁷¹.

A palavra pronunciada é palavra conhecida e ao mesmo tempo ela esconde o mistério. Aqui podemos estabelecer uma profunda relação de complexidade. A mesma mulher que assume de forma fiel a tradição religiosa católica, participando dos movimentos da igreja, afirma sem receio:

“Eu sonhava trabalhando num campo diferente, eu não sabia o que era, eu sonhava essa coisa bonita, aqueles homis de branco, com aquela mulê de branco, dava para entender que era médico (...) eu não sinto mais eles, se afastou de mim devido que abandonado alguma parte e ai foi que comecei a trabalhar no espiritismo(...) mas só que eu era católica, esse tema eu não queria seguir, essa parte espírita, não acreditava. Mas só que a língua é o castigo do corpo, e isso é importante, pra gente falar em qualquer ambiente, porque muitas vezes, nos sofremos coisa, por causa da nossa boquinha, da língua muito comprida, do pensamento negativo”.¹⁷²

Neste depoimento podemos identificar como as concepções são criadas e recriadas de forma transparente. Podemos perguntar: onde está a verdade? Que tipo de experiência podemos identificar neste depoimento? Não cabem aqui respostas simples, é necessário superar o isolamento dos saberes e nos esforçarmos para trilhar o caminho em que se entrecruzam as várias ciências. Precisamos de uma nova epistemologia para que possamos entender a complexidade dos fenômenos humanos e suas implicações sociais.

¹⁶⁹WEIL; D’AMBROSIO; CREMA, 1993, p.31.

¹⁷⁰ ANTÔNIO, 2002, p.15.

¹⁷¹ ELIADE, Mircea. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase**. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.15

¹⁷² Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

Somos muitas vezes tentados a oferecer respostas simples a questões altamente complexas: diante da multiplicidade que o mundo oferece não podemos cair nesta tentação. A realidade não é unívoca, unilateral, homogênea. Por isso, nossa investigação não poderá limitar-se a buscar respostas em lugares comuns. Precisamos assumir conhecimento como multiplicidade e complexidade.

“A complexidade permanente do ser humano e do universo, acrescenta-se a complexidade do tempo presente. Hoje, muito mais vitalmente do que antes, precisamos saber interpretar. Não basta analisar os diversos discursos. É preciso interpretar. Traduzir. Transcriar”¹⁷³.

O fenômeno das rezadeiras revela e esconde essa multiplicidade no olhar e no agir. É desta forma que desejamos entender a complexidade de elementos que envolvem essa manifestação da cultura e da experiência religiosa. Assumimos uma atitude crítica no olhar, de desconfiança crítica no ouvir e reler esses depoimentos, de reverência diante do mistério que envolve essa prática sem jamais perder de vista os referenciais teóricos que devem nortear nossa investigação.

Por tudo isso, as coletas de dados de nossas entrevistas passaram sempre pelos filtros, por essas lentes determinadas: a compreensão o contexto histórico presente influencia e determina a realidade que podemos perceber e analisar. Por isso mesmo, nossa análise será sempre parcial e incompleta. Contudo, somos desafiados a dar algumas respostas e apresentar muitos questionamentos, pois se a resposta é a parte de um caminho já percorrido, os questionamentos e as perguntas são sempre etapas do caminho a ser construído.

Na experiência das rezadeiras podemos identificar essa complexidade, pois a lógica clássica não dá conta dessa rede complexa de relações. Quando nos deparamos com a pluralidade de referências presentes nesta prática popular, damos-nos conta das limitações deste saber fragmentado. Neste momento nos questionamos: elementos que aparentemente

¹⁷³ ANTÔNIO, 2002, p.35.

estariam desconexos, sem nenhuma relação, poderiam criar vínculos que explicassem sua pertinência e sua validade? Como entender a experiência de uma mulher que se reconhece como católica e ao mesmo tempo cultiva práticas não ortodoxas com a naturalidade e sabedoria que enchem os olhos de esperança e vitalidade? Que elementos promovem essa integração? Esses questionamentos iluminam nossa percepção e nos lança diante das possibilidades infinitas de compreensão deste fenômeno.

“O sagrado é, antes de mais nada, uma experiência que é transmitida por um sentimento – o sentimento ‘religioso’ – do que liga seres e coisas e, conseqüentemente, induz, no mais profundo do ser humano, a um absoluto respeito para com os outros aos quais ele está ligado por partilhar uma vida em comum na mesma Terra”¹⁷⁴.

Essa compreensão do sagrado, presente não só nas práticas de benção, mas, sobretudo, naqueles que, confiantes e cheios de esperança buscam a reintegração de suas expectativas pela restauração da saúde, possuirá papel determinante no caminho que esperamos trilhar. Dessacralizar a história e a experiência das rezadeiras em sua busca de restabelecer saúde e salvação na vida, não somente das pessoas que se dirigem às suas residências, mas no conjunto da sociedade fragmentada e sem sentido, é negligenciar o papel reintegrador do sagrado presente nesta prática de cultura e da experiência religiosa.

Em torno dessas mulheres anônimas e silenciosas é reconstruído o papel restaurador de uma identidade religiosa e cultural em um contexto social fragmentado e alienante. A tendência e o risco que o cientista-pesquisador pode correr é não levar em conta a contribuição e força que as rezadeiras ainda possuem em muitas comunidades dos grandes centros, nas periferias e nas zonas rurais deste nosso país continente. Marginalizadas e anônimas elas erguem a voz e as mãos como testemunhas de uma experiência religiosa que,

¹⁷⁴ COLL, Agustí Nicolau. *in*. NICOLESCU. *et al.* **Educação e Transdisciplinaridade II**. Coordenação executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002, p.60.

apesar dos avanços tecnológicos da modernidade, permanece fiel às tradições que receberam de seus antepassados.

Ousamos trilhar o caminho da complexidade para analisar o fenômeno das rezadeiras porque acreditamos que essa realidade não pode ser compreendida de forma superficial: buscar o que existe entre, através e além das práticas de benzeção adquire relevância no campo da ciência das religiões. Somos desafiados hoje a fazer convergir e conectar competência em vista de uma compreensão transreligiosa e transcultural desta realidade. “Uma vez que o pensamento da complexidade se apresenta como um modo de pensar os fenômenos naturais, humanos e sociais fazendo interagir uma multiplicidade de fatores também interdependentes.”¹⁷⁵. Entender a realidade como complexa desafia-nos a recompor o conhecimento fragmentado e, ao mesmo tempo, nos impulsiona a reformular nossas concepções do mundo, da realidade e do real.

“Valorizamos os conhecimentos multi- e interdisciplinares e promovemos o desenvolvimento, no ensino e na pesquisa, de um espírito ou mentalidade propriamente transdisciplinar. Porque num mundo em que ninguém mais parece entender ninguém, torna-se imprescindível que abandonemos a rotinização e as falsas seguranças de que ainda se vangloriam nossas disciplinas isoladas e nos entreguemos ao sonho da aventura transdisciplinar concertativa apresentando-se como meio de compensar as lacunas de um pensamento científico mutilado pela especialização e exigindo a restauração de um pensamento globalizante em busca de unidade, por mais utópica que possa parecer”¹⁷⁶.

Diante dessa realidade impõe-se um novo espírito científico, um novo método, um novo olhar que possibilite contemplar a realidade sem esconder os conflitos inerentes, sem apegos a “verdades absolutas”, mas abertos aos sinais que a própria realidade apresenta. Interagindo conhecimento, conectando informações, entendendo a realidade como um complexo multifacetado. Por isso:

¹⁷⁵ JAPIASSU, 2006, p. 16.

¹⁷⁶ *Ibidem.*, p.17.

“Os objetos de pesquisa revelam-se tão complexos que só podem ser tratados e solucionados por uma abordagem multi-, inter- ou transdisciplinar. Não basta mais o simples encontro ou justaposição das disciplinas. Torna-se imprescindível eliminar as fronteiras entre as problemáticas e os modos de expressão presentes para que se instaure uma comunicação realmente fecunda e mais profunda entre os saberes precisando se unir e convergir numa efetiva concertação globalizadora”¹⁷⁷.

Não nos deteremos em outros aspectos significativos do método transdisciplinar que são os níveis de realidade e a lógica do terceiro incluído, por acreditar que não estamos devidamente preparados para analisar as relações destas etapas do método com as práticas de benzeção. Entretanto, salientamos que esses aspectos não podem ser negligenciados em análises posteriores, sob pena de limitar o estudo deste fenômeno a apenas um pilar do método. Evocamos as palavras de Basarad Nicolescu que afirma:

“A percepção do transcultural é antes de mais nada uma experiência, pois diz respeito ao silêncio de diferentes atualizações. O espaço entre os níveis de percepção e os níveis de Realidade é o espaço desse silêncio; é o equivalente, no espaço interior, daquilo que é chamado de vácuo quântico no espaço exterior. É um silêncio pleno, estruturado em níveis. Há tantos níveis de silêncio quanto há correlação entre níveis de percepção e níveis de realidade”¹⁷⁸.

Diante disto, podemos afirmar que a questão do diálogo se impõe como possibilidade de abertura a novas vivências e a novas perspectivas relacionais, estabelecendo conexões entre, através e além dos conhecimentos, práticas e tradições das rezadeiras. Pois, para elas, as contradições existentes entre as práticas religiosas da ortodoxia católica não estão dissociadas das práticas que realizam e estas são assumidas com a simplicidade daqueles que descobriram a incrível e indescritível aventura do viver. O esforço em construir pontes manifesta-se concretamente na prática cotidiana que revitaliza o existir - “*primum vivere, deinde philosophari*” (em primeiro lugar, é necessário viver para, em seguida, filosofar) - e, desta forma, se estabelece integração entre e além da saúde e salvação. Assim podemos identificar

¹⁷⁷ JAPIASSU, 2006, p. 26.

¹⁷⁸ COLL *in* NICOLESCU, 2002, p.60.

nas práticas das rezadeiras um profundo diálogo transreligioso e transcultural, pois elas estão permeadas de elementos significativos e significantes do real.

Se anteriormente a prática curativa era propriedade de uns poucos escolhidos como *medicine-man*, pois “a ele se atribui a competência de curar, como aos médicos, assim como a de operar milagres extraordinários, como ocorre com todos os magos, primitivos e modernos”¹⁷⁹, hoje essa função é atribuída a essas mulheres que florescem com vitalidade nas comunidades e ganham suporte popular para suas ações. Ao estabelecer uma conexão entre as práticas xamânicas e as práticas de benzeção existentes nas periferias dos grandes centros e no interior deste nosso país continental, não podemos negar o que afirma Eliade:

“O xamanismo *stricto-sensus* é, por excelência, um fenômeno religioso siberiano e centro – asiático. A palavra chegou até nos através do russo, do tungue *saman*. Nas outras línguas do centro e do norte da Ásia, os termos correspondentes são o iacuto *ojun*, o mongol *buga, boga (buge, bu)* e *ugadan* cf. também o buriate *udayan* e o iacuto *udoyan*, ‘a mulher – xâma’”¹⁸⁰

“A vida mágico-religiosa gira em torno do xamã. O que não quer dizer, evidentemente, que ele seja o único a manipular do sagrado, nem que a atividade religiosa seja monopolizada pelo xamã”¹⁸¹. Assim também hoje, a casa da rezadeira é um local de referência na comunidade. Todos sabem onde ela mora e conhecem a sua reputação. Não há necessidade de propaganda. Ela é reconhecida pelo poder que possui de espantar o mal que pode habitar o corpo do consulente. Esse reconhecimento acontece quando suas orações têm um resultado imediato:

“A primeira vez que estive na casa de D. Maria, foi por indicação de meu vizinho ele tinha levado seu filho na casa da rezadeira, ele me disse que ela rezava muito bem, e não tem mal-olhado que resista. Por isso, fui

¹⁷⁹ ELIADE, 2002, p.16.

¹⁸⁰ *Ibidem.*, p.16.

¹⁸¹ *Ibidem.*, p.16.

procurá-la, e na primeira reza eu já me senti melhor, porem ela me disse que deveria vir mais três vezes para completar a reza”.¹⁸²

Neste encontro o sagrado adquire dimensão restauradora da vida e da saúde, a aquisição do bem-estar assume uma característica que lhe é peculiar. Pois se existem curandeiros e curandeiras e eles rezam e benzem doenças, elas fazem mais do que oferecer um receituário para ser seguido. As rezadeiras falam da vida e daquilo que se esconde aos olhos dos demais. As rezadeiras conhecem e aplicam longas ou curtas rezas em benefício das pessoas que as procuram e nada pedem em troca. Rezando e benzendo são capazes de mergulhar em realidades que se escondem e se revelam em nosso cotidiano.

3.2 Um serviço gratuito e silencioso.

Nas entrevistas realizadas percebemos a insistência, por parte dessas mulheres, em não aceitar nenhum tipo de pagamento para realização de suas práticas e orações, elas acreditam que são possuidoras de um dom e esse deve ser exercido de forma gratuita e silenciosa. “Eu tava muito diferente e tal, eu não tinha medo, a minha irmã é que dizia que morria de medo, eu não, neste caso, eu acho que deve vir de Deus, vir de Deus”¹⁸³. Essa confiança está presente em todas as rezadeiras ouvidas, elas estão convictas de que sua ação religiosa está envolvida por um mistério que ultrapassa sua existência e sua vontade. “Todo *medicine-man* cura, mas o xamã emprega um método que lhe é exclusivo”¹⁸⁴. É uma força maior do que elas, não há possibilidade de rejeitar esse dom. Essa vontade soberana de Deus as impulsiona a oferecer respostas a todos que visitam suas casas.

¹⁸² Depoimento de Eunice – consulente de rezadeira.

¹⁸³ Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

¹⁸⁴ ELIADE, 2002, p. 17.

Diante disso, percebemos que as rezadeiras recebem em suas casas, durante o dia, qualquer pessoa que as procuram, não medindo esforços para atender com imediata prontidão aqueles, que por indicação de um parente ou amigo, necessitam de uma oração para reencontrar o caminho da felicidade e da saúde. “Geralmente, o xamanismo coexiste com outras formas de magia e de religião”¹⁸⁵.

Neste ponto, observamos que essa disponibilidade altera de forma sistemática a vida dessas mulheres, pois elas devem estar sempre atentas aos consulentes que podem chegar a qualquer momento: “Aqui, em minha casa, eu recebo gente de todo tipo e a qualquer hora. Se chegar após o pôr-do-sol eu peço que venha na manhã seguinte, pois essa hora não é permitido rezar. É assim que eu faço”¹⁸⁶. Esses não encontram portas fechadas, as rezadeiras estão sempre prontas para atendê-los. Aqui o serviço adquire uma dimensão de solidariedade e compromisso com aqueles que as procuram, Dona Maria assim afirma: “Eu não cobro nada. Tem pessoa que me procuram às vezes para me dar alguma coisa. Eu aceito, mas cobrar eu não cobro não!”¹⁸⁷

Convictas da missão que receberam de Deus passam a exercer suas orações com a consciência clara de que estão realizando um serviço para o bem das pessoas. Em nenhuma delas percebemos outra motivação a não ser a de ajudá-los nas dificuldades. Assim afirma Dona Maria da Conceição, em um depoimento bastante significativo “a única reza que se cobra alguma coisa é a reza contra cobreiro, onde é pedido um grão de sal grosso ou uma pimenta malagueta, não sei a razão, pois eu não gosto de pimenta”¹⁸⁸.

Aqui não percebemos nenhum interesse de caráter econômico, mas, sobretudo, a necessidade de estabelecer um vínculo entre a rezadeira e o consulente. Um compromisso que estabelece reciprocidade para que a cura aconteça. Essa foi a única vez que ouvimos a

¹⁸⁵ ELIADE, 2002, p.17.

¹⁸⁶ Rezadeira Adiles.

¹⁸⁷ Rezadeira Maria da Conceição.

¹⁸⁸ *Ibidem*.

necessidade de “pagamento” pela reza recebida. Em outro depoimento nos chamou a atenção a necessidade de que a reza aconteça sem nenhum pagamento como compromisso de retribuição para outro serviço realizado:

“Reza não se cobra, tem gente que gosta de presentear, mas reza não se cobra, de graça mesmo. Reza não, não, não, reza não se cobra, eu posso rezar o dia todinho, e não cobro um centavo! Eu posso dizer por que não cobro? Porque tenho do dom de ser cartomante, não porque estudei, mas porque tenho o dom de olhar para o baralho e lê e como cartomante a gente cobra nas cartas e cobramos para botar as cartas que e uma espécie de trabalho diferente não e uma espécie de religião, muito embora chegamos a doutrinar muita gente dentro das cartas. Há uma maneira dentro das cartas de se evangelizar, mas essa nos cobramos, agora quem bota cartas tem de prestar uma caridade por aquele trabalho que esta fazendo e essa reza que eu faço do olhado fé a caridade do meu trabalho”.¹⁸⁹

Esse exemplo de prática de cartomancia vinculado à prática de orações, não representa uma constante entre as rezadeiras entrevistadas, entretanto, percebemos em seu depoimento a insistência de afirmar sua experiência religiosa católica, mesmo se a religião oficial não reconhece essa prática de cartomancia como algo legítimo. Essa experiência marginal¹⁹⁰ é assumida com a maior naturalidade por parte desta rezadeira. Ela não consegue perceber nenhuma descontinuidade entre as imagens de santos que cultua em sua residência, a profissão de fé católica e a prática de cartomancia exercida como profissão remunerada. Esse foi o único exemplo encontrado em que a rezadeira justificou o não recebimento de um valor econômico para realização de suas rezas. Vale à pena ressaltar que em muitos depoimentos houve a necessidade de afirmar que o recebimento de algum “agrado” era rejeitado de forma contundente e por algumas delas era aceito como forma de agradecimento: “Eu não cobro

¹⁸⁹ Rezadeira Maria da Conceição.

¹⁹⁰ Estamos caracterizando uma experiência marginal como aquela que acontece fora do círculo da religião oficial: aquela que não possuindo nenhum vínculo com a doutrina ou com os costumes da maioria dos fiéis pertencentes a essa experiência.

nada. Tem pessoa que nos procuram e oferece alguma coisa. Precisou de mim eu estou pronta para ajudar”.¹⁹¹

Estudando o fenômeno das rezadeiras nos confrontamos com uma série de desafios que necessitam de um sério aprofundamento das questões inerentes à realidade do fenômeno religioso como um todo. Conscientes dos limites que a própria realidade impõe aos pesquisadores somos desafiados a construir referenciais que nos auxiliem na compreensão deste fenômeno. O primeiro deles é perceber que todo processo de aprendizagem das rezadeiras acontece de forma assistemática, onde o único rigor exigido é a fidelidade à tradição e às palavras herdadas. Outro referencial importante percebido nas entrevistas é a consciência que elas possuem de estarem prestando um serviço que não podem se negar a fazer:

“Na aprendizagem pela experiência mística, os conhecimentos tanto das orações como dos chás, pomadas, unguentos etc... são atribuídos a informação de alguma entidade sobrenatural, como anjos ou guias, principalmente. É interessante constatar que aquelas benzedadeiras que faziam referência a uma aprendizagem desse tipo eram as que tinham um maior reconhecimento do seu grupo, o que se evidencia pela sua clientela”¹⁹².

Quando analisamos as práticas antigas nos deparamos com experiências do antigo xamanismo que acreditava que a alma era raptada para mundos e realidades infernais. "Se a alma do doente foi raptado por um morto, o xamã envia um de seus espíritos auxiliares para procurá-la. Este assume o aspecto de morto e dessas infernos. Lá, ao encontrar o raptor, tira repentinamente de seu peito do espírito em forma de um urso"¹⁹³. Essa realidade não é percebida nas práticas ou palavras das rezadeiras, entretanto, podemos identificar uma profunda vinculação da reza com essa percepção de resgate da saúde que é realizada pela

¹⁹¹ Rezadeira Maria da Conceição.

¹⁹² QUINTANA, 1999, p. 55.

¹⁹³ ELIADE, 2002, p. 249.

rezadeira, pois ela tem um compromisso de restaurar o bem-estar e a integridade do consulente.

Nas entrevistas realizadas com as rezadeiras, podemos identificar que muitas delas descobriram seu dom a partir da convivência com parentes próximos, tais como, mãe, avó ou outras pessoas de próximo relacionamento. Entretanto, vale à pena ressaltar que muitas das rezadeiras entrevistadas alegam que descobriram esse dom por mera coincidência e outras ainda atribuem o início deste serviço a situações limites, que as colocaram diante de uma situação que exigia uma resposta imediata.

“Ninguém nunca me ensinou rezar. Eu via o sofrimento das minhas colegas eu via muitas criancinhas doentes. Muita gente chegava sem saber o que está acontecendo e dizia Nilsa minha ajuda, eu tô doente e todo mundo me ajuda, mas a noite eu ficava angustiada eu cheguei chorava porque eu não podia ajudar. Eu não ajudava porque tinha medo que minha mãe me espancar sua era esse o motivo que eu sofrer que a sofria e pelos outros e muitas vezes eu pulava a janela e ajudar as crianças. Eu rezava no fundo do quintal. Eu me sentia alegre em fazer isso. Hoje, muitas vezes, eu vejo meus irmãos com minhas crianças felizes mesmo que a não seja feliz. Eu olho no olhar e vejo que você está calmo e silencioso no seu coração. Isso eu fico feliz. Se olho para você eu vejo os seus problemas. Deus me enviou aquela palavra para falar a você, às vezes eu tenho vontade de falar, mas tenho medo de quando as vezes chegou que em na minha casa estola na cozinha vou pedindo orientação a deus para que ele me oriente, se for uma coisa ruim olho gordo, mal olhado a deus vai me inspirando as palavras que eu devo dizer”¹⁹⁴.

Em alguns depoimentos podemos verificar a presença de outros fatores que foram determinantes na resposta que essas mulheres realizaram. Entre esses elementos, o que nos chamou a atenção foi o fato de muitas delas falarem de sonhos com mensagens que lhes revelavam o sentido daquilo que estavam por fazer. Neste ponto, assim nos diz Eliade:

“Vimos que uma das formas mais correntes de eleição do futuro xamã é o encontro com um ser divino ou semidivino, cuja aparição é favorecida por um sonho, uma doença ou alguma outra circunstância e que revela que

¹⁹⁴ Rezadeira D. Nilza.

ele foi ‘escolhido’, incitando-o a seguir daí por diante uma nova norma de vida”¹⁹⁵.

As etapas deste processo de iniciação obedecem alguns critérios bastante significativos. Inicialmente ocorre um reconhecimento do dom. A rezadeira começa a acreditar que possui uma força capaz de restaurar a saúde do corpo e da alma, ela começa a acreditar que pode curar. Em seguida, ocorre o reconhecimento social de suas práticas de benzeção, isto é, sua prática ganha função social, pois as pessoas da comunidade indicam e recomendam a rezadeira como alguém capaz de curar. Percebemos ainda uma necessidade de buscar novos aprendizados. A rezadeira não restringe sua prática a benção. Ela receita chás, banhos e outros procedimentos que acompanham a benzeção. “Esse é o momento em que a prática da benzeção se separa das demais atividades domésticas e começa a exigir da benzedeira um espaço para sua realização”¹⁹⁶.

Fica evidente aqui que, em muitos casos identificados nas entrevistas, todas as rezadeiras manifestam clara da consciência de que foram escolhidas para realizarem uma missão especial e não revelaram essa condição. Exemplo disso pode ser expresso nas seguintes afirmações:

“No início eu era muito jovem. Ninguém me ensinou. Foi por mim mesma, via um caso na minha frente. Senti vontade de rezar e rezei. E começou a surgir. Foi uma intuição. Essas intuições ela refletem no momento em que vê uma pessoa sofrendo, no momento em que vê uma situação difícil.”¹⁹⁷

“Na minha família não tinha rezadeiras, mas tinham dons. Minha vó tinha premonições e lia cartas. Acho que herdei esse dom dela.”¹⁹⁸

¹⁹⁵ ELIADE, 2002, p.85.

¹⁹⁶ OLIVEIRA, 1985, p 41.

¹⁹⁷ Rezadeira Advanir.

¹⁹⁸ *Ibidem*.

A necessidade de um local especial para a realização da reza, entretanto, não reflete uma exigência entre as rezadeiras entrevistadas. Todas afirmavam que esta deve acontecer com a porta da casa aberta, evitando assim que o ambiente familiar fique contaminado.

“Realizo as rezas na minha sala, no terraço, no quintal. Não existe um lugar especial para as rezas. Somente é necessário que esteja voltado para a rua para que as influências não entrem na casa. Por isso, é necessário oferecer as rezas no terceiro dia.”¹⁹⁹

Descrevendo as práticas e as atitudes das rezadeiras, identificamos, em alguns casos, que essa revelação aconteceu através de um sonho, em outros casos através de uma doença da qual foram vítimas, não somente elas, mas pessoas próximas que necessitavam de uma ajuda imediata. E em outras situações, o início do serviço coincide com a necessidade de ajudar as pessoas com as quais convivem.

“Quando eu tava com a idade de cinco anos. No quintal de casa, brincando com minhas amigas, eu vi uma pessoa passando e perguntei se ela queria que eu rezasse, eu rezei e ela ficou melhor. Foi assim que começou.”²⁰⁰

“Eu olhava para as crianças e via que elas estavam doentes. Começou como uma brincadeira. Depois eu via que as pessoas ficavam melhores, eu era bem novinha.”²⁰¹

“Eu pegava um galinho de mato e saía benzendo, eu era bem pequena, tinha uns sete anos.”²⁰²

Outro dado significativo nas entrevistas realizadas foi a constatação de que todas iniciaram suas práticas de rezas ainda na fase infantil, benzendo como uma brincadeira, objetos, animais e os próprios colegas de brincadeira. Isso demonstra que a iniciação em todos os casos observados não acontece de forma iniciática, como nos caso dos xamãs ou

¹⁹⁹ Rezadeira Advanir.

²⁰⁰ Rezadeira Zilda.

²⁰¹ *Ibidem.*

²⁰² *Ibidem.*

curandeiros antigos: é sempre uma experiência de imitação de forma lúdica, que assume um caráter de seriedade quando a brincadeira se transforma em realidade.

“Quando eu tava com a idade de 5 anos e estava com as minhas crianças eu brincava muito com as crianças eu via alguma criança doente eu pegava um pedaço de mato e começava a benzer. E ninguém acreditava que eu tava falado. Quando eu falava pra minha mãe sempre me batia. Minha mãe me batia muito por causa do que eu fazia. Eu sofri muito, eu sofri demais. Fui crescendo assim. Eu pensei em fugir de casa só pra ir rezar e pedia para que elas não dissessem nada para que eu não fosse espancada. Ela me chamava de bruxa, de catimbozeira, ela era muito católica meu pai era diácono. Eu não ligada para o que minha mãe. Ela só pregava no meu pé; só vim atender com idade de 7 anos em diante uma senhora do receio e levaram ela para o médico eu cheguei lá e disse ela não adianta o mal pela já passou para o corpo para os ossos dela e ela já estava forte e minha mãe me bateram no meu rosto na minha boca disse que não era para dizer isso, mas eu fiquei angustiada porque eu via e nada podia fazer se eu falasse eu apanhava e eu subia no pé de caju e chora e contava a Deus, ai Deus me consolava ai eu descia e lá eu tentava rezar duas ou três vezes aquela criança. Deus sempre me inspirou no que eu estava fazendo, mas eu não entendia. Fazia, mas não entendia. Quando completei 10 anos eu cheguei junto da minha mãe e disse: não adianta a senhora me espancar e nem sabia o que eu estava dizendo a minha mãe. Não adianta, o que o senhor Jesus me ensinou eu não busquei com ninguém foi Deus que está presente, foi ele que me deu esse dom. Ele sabe do meu dom eu nem sei o que estou falando não me adianta me espancar.”²⁰³

Nota-se, de forma bastante significativa, vários elementos que qualificam a prática da benzeção como uma ação marginal e seus agentes, as rezadeiras, como aquelas que resistem e superam as mais variadas formas de pressões, tanto familiar como social. Nada, porém, pode deter ou impedir que realizem sua missão, que é assumida como dom. No depoimento abaixo identificamos a função e a destinação deste serviço, adquirido de forma misteriosa e sem nenhuma iniciação especial.

“Hoje muitas vezes, eu vejo meus irmãos como minhas crianças felizes, mesmo que a não seja feliz. Eu olho nos olhos e vejo que você está calmo e silencioso no seu coração. Isso eu fico feliz. Se olho para você eu vejo os seus problemas. Deus me envia aquela palavra para falar a você, às vezes eu tenho vontade de falar, mas tenho medo. De vez em quando chega alguém em minha casa, estou lá na cozinha vou pedindo orientação a Deus

²⁰³ Rezadeira Maria da Conceição.

para que ele me oriente. Se for uma coisa ruim olho gordo, mal olhado, vou pedido a Deus que vai me inspirando as palavras que eu devo dizer”.²⁰⁴

Essa percepção de que o mal rodeia as pessoas assumiu dimensão significativa em nossa análise do fenômeno da benzeção. Pois, para as pessoas entrevistadas, toda realidade está envolvida por uma forte presença do sagrado. Ele rodeia e penetra todas as coisas e confere sentido aos objetos e as pessoas. Quando o desequilíbrio ameaça a estrutura da vida, os agentes da vida atuam e garantem o equilíbrio necessário para o existir, consolidam sua ação em prol da vida.

3.3 Força de resistência e misticismo

Sabidamente a confiança que as rezadeiras conquistam em suas áreas de atuação acontece inicialmente pela ausência das instituições que deveriam cuidar do bem estar das pessoas. Entretanto, isso não explica toda a realidade que circunda a prática da benzeção. Quando nos confrontamos com depoimentos que expressam um desejo pelo restabelecimento da saúde, da integridade, pela prática da benzeção, nos damos conta que somente uma explicação socioeconômica não poderá dar conta de toda complexidade que envolve essa realidade.

Fomos surpreendidos por depoimentos de pessoas que alegavam recorrer às rezadeiras com fonte de conforto e segurança, que aliviavam as dores do corpo e da alma:

“Minha família é formada, em sua maioria, por médicos, entretanto, uma das referências de minha infância é a presença de uma rezadeira que todos os meses visitava nossa casa e rezava a todos nos. Meu pai que era médico da região não dispensava ninguém das rezas e mensalmente ele fornecia uma cesta básica para ela. Ainda hoje, alguns dos meus irmãos, que também seguiram a profissão do meu pai, não dispensam os serviços de uma boa rezadeira”²⁰⁵.

²⁰⁴ Rezadeira D. Zilda.

²⁰⁵ Francinete, consulente.

Neste depoimento identificamos a estreita ligação entre as práticas de rezas e uma profunda experiência mística, demonstrando que apenas a assistência do especialista em saúde, realizado por um médico, não dá conta das “brechas simbólicas”²⁰⁶. Podemos aqui identificar níveis diferentes de realidade que podem explicar a convivência entre a prática de medicina tradicional e a preocupação manter uma rezadeira que cuide da dimensão espiritual da família. Pois, satisfeitas todas as necessidades materiais, sempre faltará algo mais que possa dar sentido ao existir. Algo que não podemos delimitar, ou conceituar, pois se encontra em um nível de complexidade maior do que nossas estreitas explicações.

Notamos que essa força de resistência presente nas práticas das rezadeiras adquire uma dimensão existencial que ultrapassa os limites impostos pelas práticas ortodoxas das religiões. Mulheres que desempenham um papel muito claro na comunidade de fé, como catequistas, não vêem incompatibilidade em realizar práticas curativas em nome desta mesma fé. Elas se percebem como agentes de uma missão especial, confiadas a elas por uma força espiritual maior, que elas não podem negar, nem muito menos deixarem de fazer.

“Todas as minhas orações eu aprendo dormindo, ninguém nunca me ensinou, vou me deitar, e durante o sonho uma pessoa vem e me revela as orações que devo disser. Esses sonhos são revelação. Eu aprendo dormindo. Eu sonho com uma pessoa que me ensina a rezar.”

Essa consciência comum a todas as rezadeiras entrevistadas demonstra a vitalidade que essa prática, ainda hoje, possui, nos mais diferentes níveis sociais. Para as rezadeiras esse conhecimento é uma fonte inesgotável, o que se aprende deve ser transmitido a todo custo.

²⁰⁶ Já fizemos referência a esse tema nas páginas anteriores quando tratamos das questões relacionadas ao processo psicanalítico inerente ao fenômeno das benzeduras. Esse tema foi trabalhado de forma sistemática no livro de: QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura: Mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. São Paulo: EDUSC, 1999.

“Na minha família não tinha rezadeiras, mas tinham dons. Minha vó tinha premunições e lia cartas. Acho que herdei esse dom dela.”²⁰⁷

Os males que afligem as pessoas necessitam de uma ação sagrada que devolva a saúde, não somente do corpo, mas, sobretudo, da alma. Essas orações podem fechar o corpo, livrar a pessoa de influências negativas, devolver o ânimo para pessoas abatidas, e servem também para livrar do mau-olhado, objetos, plantas ou animais.

“Eu tenho que fazer isso mesmo, não estou fazendo o mal a ninguém. Eu rezo fogo-selvagem, rezo cobreiro, um bocado de coisa, cada coisa que chegar eu rezo. Eu identifico quando a pessoa chega, eu tenho a revelação e vou rezar. Pra rezar olhado eu uso pinhão-roxo, mangiroba, vassourinha. E pra, todas essas doenças tem que ser mato verde. O terço é pra outra coisa, pra pessoas de longe. Pra quem precisa. A pessoa está longe eu rezo o terço.”

Em uma canção da música popular brasileira podemos encontrar um exemplo claro dessa ação

“Na morte de Chico Preto/ houve muita tristeza no arraiá/ ele era compadre de todos/ não havia criança pagã no lugar. Os grandes rezavam/ uma incelência/ a criança chamando/ o padrinho a chorar/ era mestre em benzedura/ curava quabranto, tosse e queimadura/ picada de cobra/ não soube curar.”²⁰⁸

A prática da benzeção constitui-se, desta forma, uma fonte inesgotável de aprendizado, sua ação não visa apenas à cura dos males físicos, mas, sobretudo, a reconquista da dimensão espiritual que em nossa sociedade ficou relegada a um segundo plano. Damos mais importância a conquistas no campo material, o bem-estar físico e a integridade mental, na casa da rezadeira, são religados através da oração: a palavra ocupa papel central no tratamento. Quando a medicina tradicional não pode resolver o problema é o balbuciar das

²⁰⁷ Rezadeira Severina Batista da Silva.

²⁰⁸ COZZA, Fabiana. **A morte de Chico Preto**. Geraldo Filme. Cd: O Samba é meu dom..

rezadeiras que, convocando o espírito perdido com suas orações curativas, orações fortes reintegram o mundo e as coisas.

Nas práticas de benzeção descobrimos possibilidades de diálogos e interações entre e através da fé e da cultura. Essas interações possibilitam um olhar diferenciado para as práticas e o cotidiano destas mulheres. Sensíveis aos sofrimentos dos outros, procuram oferecer alívio. O recurso para obtenção deste bem-estar situa-se na vivência de uma experiência de fé que se expressa em forma de palavras, promove a “cura” e devolve a esperança para os seus consulentes.

Nas várias entrevistas realizadas percebemos que as rezadeiras estão inseridas no imaginário cultural e religioso daqueles que livremente ofereceram seus depoimentos. Elas ocupam esse imaginário como referencial de saúde quando todas as alternativas oferecidas pela sociedade tecnológica não alcançou seus objetivos. A busca pelo consolo e alívio das dores físicas e espirituais abre a possibilidade de diálogo entre e através das práticas das rezadeiras, pois elas constroem conexões que muitas vezes são negadas pelas instituições religiosas e médicas de nossa sociedade.

Vale à pena lembrar que suas casas não são santuários, elas não ocupam a categoria de espaço sagrado, como algo intocável, entretanto, o sagrado permeia e dá sentido ao agir destas mulheres. Em muitos casos observamos que o cotidiano, tido como profano, insere-se nas práticas de benzeção e reforçam os vínculos com os consulentes.

Não só o tratamento, mas as prevenções de doenças são largamente empregadas. Elas orientam sobre como evitar determinadas enfermidades e aconselham um tratamento preventivo para resolver determinadas situações. Para isso, existem plantas, simpatias, conselhos que os consulentes devem seguir. Há uma infinidade deles, e com aplicação para qualquer doença:

“Dor de cabeça, mal olhado, espinhela caída, peito aberto, quebradura, dores, vários tipos de dores eu rezo, dor de dente, dor de ouvido e outras doenças mais.”²⁰⁹

“Quando uma pessoa quebra uma perna eu rezo. Não é para encaixar. É para tirar a dor.”²¹⁰

“Eu rezo olhado, vermelhão, estomago doendo, cabelo caindo, quando eu botar a mão na pessoa, eu pergunto: já foi pro médico.”²¹¹

“Eu benzo diferente, eu sinto aquela mão gelado, aquele poder de Deus. Quando a pessoa sai de casa já sai boa.”²¹²

“Eu pego as planta e benzo a pessoa.”²¹³

“Eu rezo gritando o nome daquela doença. O movimento tem aquela ciência. Eu não posso dizer.”²¹⁴

“Minha reza e diretamente para olhado, olho grande. Eu rezo o olhado, se ali for realmente o olhado eu sei, eu sinto. Procure o médico ou outra coisa”.²¹⁵

“Eu não rezo cobreiro, nem vermelhão, espinhela caída eu não rezo, mas ensino a pessoa a rezar em casa, utilizando as medidas e a pessoa fica boa”.²¹⁶

“Eu passo banhos de descarrego, de sal grosso e de perfumes”²¹⁷

Os exemplos acima demonstram a eficácia que as rezas desejam oferecer aos consulentes que recorrem às rezadeiras. As orações e preces, em síntese, as palavras reconfiguram a vida dos que a elas recorrem. A necessidade de restaurar a saúde, por meio de tais práticas, garante às rezadeiras uma frequência, na medida do possível, fiel de seus consulentes, que nas necessidades, recorrem às suas práticas. A palavra cura, a palavra restaura. Esse fenômeno, eminentemente complexo, revela e esconde o sagrado que se

²⁰⁹ Rezadeira Maria das Dores de Oliveira.

²¹⁰ Rezadeira Maria das Dores de Oliveira.

²¹¹ *Ibidem.*

²¹² Rezadeira Zilda.

²¹³ *Ibidem.*

²¹⁴ Rezadeira Inácia Rita do Nascimento.

²¹⁵ *Ibidem.*

²¹⁶ *Ibidem.*

²¹⁷ *Ibidem.*

manifesta na prática da benzeção. Por isso, não é estranho notar que em muitos casos, os próprios médicos orientem seus pacientes a procurarem as rezadeiras: “Eu estava com umas manchas avermelhadas na barriga, e o médico do posto de saúde me disse para procurar uma rezadeira, eu procurei e ela me disse que era cobreiro, fiz as orações e as manchas desapareceram.”²¹⁸

Nesta perspectiva alinham-se a prática oficial da medicina, tendo como representante o médico do posto de saúde com a prática religiosa e sagrada das rezadeiras. Saúde e Salvação agrupam-se formando um todo que se complementa em meio aos conflitos existentes e camuflados. Temos consciência que essa realidade não se constitui em um elemento absoluto e constante, entretanto é possível perceber práticas como essas em várias regiões de nosso país.

²¹⁸ Sandra – Consulente.

4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: LINGUAGENS E GESTOS, SINAIS DO QUÊ?!

“A palavra não é uma coisa que se diz, é um rito que se vive. Ela não é, ou não devia ser, apenas uma condutora de informações. Ela é, ou deveria ser, um gesto cotidiano de criação. Dizer, falar, escrever é trazer palavras à existência.”²¹⁹

4.1 O que se esconde e se revela nas práticas das rezadeiras?

O tratamento de determinadas doenças ou “males” pode ser realizado pela ação revitalizadora das palavras. É desta forma que as rezadeiras acreditam poder realizar a cura. Se pelo ar, pelo olhar, ou até mesmo pela palavra, a pessoa pode sofrer a influência de determinados agentes nocivos, será a palavra e o gesto da rezadeira que devolverá a dignidade perdida. A oração adquire uma dimensão eminentemente sagrada. Não pode ser pronunciada de qualquer maneira. Essas doenças são curadas tanto pela oração ou a invocação de uma reza específica.

Aqui descrevemos uma das rezas utilizadas pela rezadeira Adíles para curar espinhela caída:

“Quando Deus andou no mundo
De tudo Ele curou,
Arcas, peitos abertos.
Espinhela caída levantou.
Eu, com as três pessoas
Da Santíssima Trindade
Peco pelo amor de Deus
As tuas arcas levantadas
Os teus peitos fechado
E tua espinhela erguida
Com o nome de Deus Pai,
Deus Filho e Deus Espírito Santo”²²⁰

²¹⁹ ANTÔNIO, 2002, p. 13.

²²⁰ Rezadeira Adíles.

Outros procedimentos são exigidos para identificação deste mal, uma medição com cordão é feita para sua identificação. Em seguida outras práticas e rezas são recomendadas. O mau-olhado, segundo a crença das rezadeiras, altera a saúde e deve ser tratada pela benzeção, pois outro remédio não existe. O mau-olhado pode provocar febre, moleza no corpo, olhos avermelhados e outros sintomas que são rapidamente percebidos pela rezadeira. Outra característica observada é que durante a benzeção a rezadeira demonstra alguns sentimentos que confirma e qualifica o mau-olhado, são eles, o bocejar e o lacrimejar. A partir daí, a rezadeira pode afirmar que o olhado é de homem ou é de mulher.

Numa sociedade desigual, de exclusões e discriminações a função de curar ocupa um lugar todo especial na vida das pessoas. Ela ocupa o vazio deixado pelas instituições oficiais que deveriam cuidar da vida. Entretanto, vale à pena ressaltar que mesmo garantindo essa assistência, ainda faltaria algo para preencher os vazios da existência. Por isso, a pertinência das rezadeiras não está unicamente vinculada a situações de empobrecimento de uma determinada classe social. Elas ocupam o lugar em que o sagrado adquire uma função integradora e relacional.

As rezadeiras desempenham um papel simbólico significativo quando são capazes de integrar em suas práticas a dimensão da saúde com o símbolo da salvação evocada em suas preces. Pois o símbolo emerge da experiência religiosa com a força renovadora das palavras balbuciadas. Palavras que não podem ser claramente reveladas, pois perderiam sua força de cura. Ressaltamos, porém, que essas palavras nada têm de misteriosas. São as mesmas palavras que recitamos em nossas comunidades de fé. Evoca-se o nome de Jesus, o Espírito Santo, a Trindade, Maria, os Santos. Neste encontro de experiências religiosas, a cura não é vista com algo extraordinário, pois o cotidiano é sacralizado pela presença do mistério que nos envolve.

“Então eu vejo o que está acontecendo, sempre às vezes o celebro se apresenta trabalhando. Então eu faço a oração, chamo a força de Deus e do espírito santo pra me ajudar. Se é alguma coisa colocada, coisa butada. Coisa butada é espírito mal.”²²¹

Rezando, benzendo e receitando elas atraem uma parcela significativa de pessoas que recorrem aos seus serviços. É uma legião de crentes em busca de saúde, de bem-estar, de felicidade. A rezadeira é, ainda, uma figura que se impõem pelo testemunho daqueles que recorrem a seus serviços. É o depoimento dos consulentes que assegura que ela possui uma força extraordinária. “Fui à casa de D. Conceição. Ela me rezou três vezes, mas na primeira eu já me senti melhor, mas tive que visitá-la durante três dias. Sempre que alguém precisa de uma reza, eu a indico.”²²² É essa fé inabalável que motiva e impulsiona a prática da benzeção, pois eles vêm nela a solução de seus infortúnios e de seus males.

4.2 Buscando saúde, encontrando salvação!

O ser humano tem sede, como afirmamos inicialmente, busca incessantemente algo que possa satisfazer suas necessidades e desejos. Quando a dor, o sofrimento e a angústia se instalam na vida, procuramos algo que possa recompor e reestruturar nossa existência. Entretanto, a busca do bem-estar físico, orgânico, por si, não possibilita na sua integralidade a felicidade que tanto buscamos. Cientes desta condição humana somos impulsionados a olhar com profundidade as experiências realizadas nas casas das rezadeiras.

A rezadeira Maria da Conceição tem 72 anos de idade e mora em Paratibe, apesar de ter aprendido a rezar fora de seu ambiente familiar, em Mamaguape, no Estado da Paraíba. Ela não quis nos revelar o conteúdo de suas rezas. Quando solicitamos que nos relatasse as rezas ela respondeu:

²²¹ Rezadeira Zilda.

²²² Rezadeira Maria da Conceição.

"Isso eu não vou dizer, porque eu quero que a reza seja para mim: É um segredo. Eu quero rezar assim, em segredo. Se eu disser a minha reza não tá sendo um segredo prá mim nem prá ninguém. Aí não tem força de jeito nenhum"²²³

Reza para tirar o "mau-olhado":

"Deus te fez, Deus te criou,
Deus te livre de quem mal olhou.
Deus é Verbo,
Verbo é Deus."²²⁴

E reza para cobranto, ou quebranto, segundo a descrição encontrada no livro de origem portuguesa:

“(nome da pessoa), Deus te fez, Deus te criou,
E Deus perdoe a quem mal te olhou.
Eu te benzo do cobranto, em nome do Pai, do Filho
E do Espírito Santo.
Credo, credo é Deus.
Se o teu mal é cobranto, benza-te Deus.
Credo é Deus e Deus é credo.
Se o teu mal é cobranto, a quem to deu, entrego. (É rezada três vezes)”²²⁵

São pais que levam seus filhos, adultos que levados pela dor e a angústia, antes de irem ao médico, procuram o alívio de suas dores, físicas e espirituais. Sabemos que nas casas das rezadeiras não existem um conjunto de ritos e rituais complexos como nas instituições religiosas oficiais.

“Ao lado dos ensalmos, conta o curandeiro com uma vasta série de remédios com que acode na doença. A reza tem a sua indicação e possui os seus efeitos; os remédios, os mais variados, alguns razoáveis porque não prejudiciais, outros estapafúrdios, sumamente nocivos, fazem parte do rico arsenal do curandeiro. De animais, vegetais e minerais tiram o tanto para as suas manipulações sem conta e as substâncias empregadas, isoladas, ou conjuntamente, de acordo com a indicação, pois sabem o efeito de cada substância.”²²⁶

²²³ Rezadeira Inácia.

²²⁴ ALVES, 1998, p.86.

²²⁵ *Ibidem.*, p.87.

²²⁶ AMORIM, José Pimentel de. **Medicina popular em alagoas**. Editora Graciliano Ramos: Maceió, 2006, p. 71.

A simplicidade é a marca desta experiência de fé. Uma cadeira, três galinhos de mato, uma mulher. Talvez estes elementos não satisfaçam aqueles que buscam experiências mais sofisticadas e esteticamente elaboradas. A experiência é algo relacional e a estética choca pela ausência de um estilo. Sentadas em suas cadeiras de balanço, estão sempre à disposição. “Eu rezo em qualquer lugar, no terraço, na sala, no quintal da frente. Tem que está voltada para a rua. Para que o vento leve as coisas ruins embora.”²²⁷ Algumas das rezadeiras possuem um pequeno jardim com plantas que são utilizadas nas rezas e chás. Outras recomendam que o consulente, trouxesse de casa, as plantas para que a rezas fossem realizadas, mas todas estão sempre disponíveis.

Em nossas observações verificamos que as rezas obedecem a um determinado rito. Inicialmente é feita algumas perguntas, uma conversa preliminar. Geralmente a rezadeira identifica de imediato se o consulente está acometido do “mau-olhado”. Durante as rezas, observamos que elas abrem e fecham a boca várias vezes, o bocejar é um sintoma de que o consulente está verdadeiramente com o “mau-olhado”. Olhos maus alteram a saúde, e se a doença é provocada por um mau-olhado o caminho é a reza, a benzeção. Todos, crianças, adultos, homem, mulher, podem ser afetados por esse olhar.

Segundo a rezadeira Maria José Sales, residente em Arthur Lundgren I, em Paulista, com 63 anos de idade, e participante da Igreja Batista Jardim das Oliveiras, o sintoma de "mau-olhado" é:

"Uma vez uma mulher veio de noite com uma menina; estava vomitando, chega estava molinha . Eu rezei, no outro dia ela disse que não tinha dado remédio nenhum e a menina estava boa."²²⁸

Essa confiança na prática de benzeção estabelece confiança e respeito por parte dos consulentes que vêm nas rezadeiras um novo alento para suas dores físicas e emocionais.

²²⁷ Rezadeira Maria José Sales.

²²⁸ *Ibidem*.

Desta forma, suas orações e preces carregam a força restauradora da vida e possibilita ao consulente uma atitude de valorização desta expressão religiosa, para além de suas convicções religiosas e formação intelectual.

4.3 O sagrado expresso em símbolos: saúde e salvação, entre, através e além!

Deter-nos-emos, nesta última parte do nosso trabalho, a descrever e analisar uma prática de benzeção encontrada durante nossas entrevistas. Selecionamos este caso para uma análise e descrição mais detalhada, por acreditar que ela poderá contribuir com posteriores estudos do fenômeno da benzeção e da relação entre saúde e salvação.

“Eu pego uma toalha branca, coloco na cabeça, é pra dor de cabeça ficar na toalha, então eu pego, faço uma imposição, eu gosto de trabalhar com uma garrafa. Então eu vejo o que está acontecendo, sempre às vezes o cérebro se apresenta trabalhando. Então eu faço a oração, chamo a força de Deus e do espírito santo pra me ajudar. Se é alguma coisa colocada, coisa butada. Coisa butada é espírito mal.”²²⁹

Inicialmente ela descreve como realiza a reza. Relatando que faz uso de toalhas na cor branca, garrafas ou copos, esses objetos ajudam a identificar o mau que aflige o consulente. Esse método de oração é frequentemente utilizado, segundo a rezadeira, para livrar o consulente de dores de cabeça. Ela ainda atribui de forma bastante contundente essas dores a razões naturais e/ou “sobrenaturais”, isto é, forças que estariam influenciando de forma negativa a vida do consulente.

“Quando eu coloco o copo ou garrafa, em cima da cabeça, ou garrafa, por cima da toalha, a posição do copo, da garrafa a gente vê. No copo quando a gente emborça, quando a gente tem muita fé, sobre essas orações fica a mancha na toalha, e quando não é, a borbulha a gente vê como é, borbulha demais, ferve. Ferve de tal maneira que às vezes chega a rachar o copo ou uma garrafa, quando a dor de cabeça é muito profunda. Ai a gente saber que não é uma coisa mandada por Deus, e não é uma coisa natural, a gente sabe, a rezadeira sabe. A não ser que muita reza, mas não se atreve a rezar uma dor de cabeça, muita gente que reza tem medo. Então quando eu

²²⁹ Rezadeira Zilda.

faço minhas orações eu peço a Deus para não ter esse medo, eu não quero ter esse medo para primeiramente ajudar meu irmão.”²³⁰

Essa prática de benzedura reflete a criatividade e a espontaneidade deste fenômeno religioso e sua multiplicidade de expressões. A utilização de objetos e plantas se configura em artifícios significativos, e até mesmo teatrais, na busca da reconquista do bem-estar. Ao colocar o copo ou a garrafa na cabeça do consultante a rezadeira acredita poder visualizar a enfermidade que aflige a pessoa, ela faz o diagnóstico, e através deste método, ela pode, de forma precisa, realizar as preces e orações que afligem o consultante, ou até mesmo, orientá-lo a procurar o serviço médico. Ela conta:

“Um dia uma senhora chegou a minha casa acompanhada de suas filhas, elas diziam que a mãe estava com muita dor de cabeça. Eu coloquei a toalha e o copo com água sobre sua cabeça e vi o cérebro coberto com sangue. Então eu disse que não podia fazer nada, pois não era doença que se cura com oração. Pedi que levasse para o hospital. Não disse nada para elas, mas já sabia que era um derrame. Após algumas horas, as filhas voltaram do hospital e me disseram que a mãe ficou hospitalizada com derrame.”²³¹

Aqui, fica claro, a consciência que essa rezadeira tem, de possuir uma capacidade especial para identificar uma doença física e, ao mesmo tempo, sua limitação em realizar um tratamento que realize a cura. Como já afirmamos essa prática de benzeção não se configura uma ação comum entre as rezadeiras entrevistadas ou visitadas. Entretanto, fizemos questão de relatar essa experiência para posteriores análises por parte dos investigadores das ciências da religião.

Neste, e em outros exemplos, de práticas de benzedura, o objetivo central da reza é devolver ao consultante a ordem, o sentido, o bem-estar físico, e, sobretudo, o bem-estar espiritual. Em última análise, a benzeção tem essa finalidade, reestruturar a vida por meio das palavras curativas das rezadeiras. Essa palavra reestruturadora do sentido da vida abre caminho para que a cura se realize. A invocação do nome de Deus, de Jesus, de Nossa

²³⁰ Rezadeira Zilda.

²³¹ *Ibidem*.

Senhora e, até mesmo, dos santos, serve de veículo transmissor que provoca as mudanças necessárias para a efetivação da cura. Mesmo que ela seja temporária, em muitos casos, o que conta de forma decisiva é a disposição para se obter, de forma imediata, a satisfação desejada.

Outro elemento que merece destaque na análise deste método de benzedura é o fato de apoiar-se na detecção do mal que aflige o consulente, isto é, que forças atuam no sujeito e como elas interferem na vida de cada um. A partir daí, a demanda da rezadeira incide em diagnosticar e realizar as orações específicas para cada caso.

Não obstante tantas práticas de benzeção, o fenômeno das rezadeiras, com suas preces e orações, desempenham, ainda hoje, papel decisivo na consolidação de uma experiência religiosa que reate o ser humano às diversas dimensões do seu existir. Reconstruindo símbolos e significados para o cotidiano tantas vezes fragmentado por um modelo social que investe de forma sistemática na mediocrização da vida, as práticas das rezadeiras possibilitam um novo olhar e um novo agir para todos os que as procuram.

Reler as práticas das rezadeiras poderá nos ajudar a reencontrar o encanto e a magia de viver e sentir a experiência do sagrado em sua totalidade. Redescobrimo uma ciência com consciência, capaz de integrar e conectar os seres humanos com ele próprio, com os outros, com o cosmo e com Deus.

Ao descrever uma das práticas de benzeção identificadas na pesquisa, desejamos contar a história escondida na obscuridade de nossas periferias. O exemplo narrado explicita a enorme variedade de manifestações que podemos encontrar no campo do sagrado. Desta forma, a ciência da religião poderá servir de chave de leitura destas realidades escondidas. O copo translúcido de D. Zilda, não somente revelam as dores físicas de seus consulentes, ele revela também a força desta manifestação religiosa que transcende o conhecimento científico e as explicações teóricas que nos são oferecidas. Desta forma, somos chamados a contemplar

essa forma de manifestação religiosa com a serenidade daqueles que são sensíveis aos mistérios do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O conhecimento não é nem exterior nem interior: é simultaneamente exterior e interior.”²³²

Durante nossa investigação nos deparamos com realidades, que por sua complexidade, despertaram nossa curiosidade e estimularam nosso estudo deste fenômeno religioso tão significativo. Ao estabelecer a relação, entre saúde e salvação, procuramos construir caminhos de diálogo entre realidades que foram dicotomizadas por um modelo de conhecimento que fragmentou os saberes e excluiu aqueles que não atendiam aos parâmetros impostos por uma ciência de tipo positivista.

Nossa viagem ao universo da benzeção e das práticas das rezadeiras em Paulista, nos possibilitou olhar para o conhecimento, a sabedoria, com a atitude daqueles que saboreiam e contemplam a vida com reverência e entusiasmo. Entretanto, não excluimos as contribuições que as diversas áreas do conhecimento nos ofereceram para entender e sistematizar essas práticas. Descobrimos que as rezadeiras, com suas “rezas”, “chás” e “conselhos”, transformam-se em símbolos referenciais para várias parcelas de nossa sociedade. Elas têm penetração nos vários níveis sociais, culturais e econômicos. Quem nunca visitou uma rezadeira? Quem, em algum momento de sua vida, não recorreu às suas rezas, preces e orações?

Ouvimos seus depoimentos com a reverência daqueles que contemplam o sagrado e escutamos as atitudes daqueles que analisam as experiências humanas de forma crítica, superando desta forma, uma análise epidérmica, superficial dos fenômenos religiosos e das práticas de benzeção.

²³² NICOLESCU, Basarad, 2002, p. 56.

Os que chegam com dores físicas saem revitalizados pelo poder de suas palavras. Nas casas das rezadeiras a palavra ganha uma potência de regeneração, e de confiança. Nos gestos e nos movimentos ligeiros de suas mãos, com os ganhos de pinhão-roxo, vassourinha e outras plantas, reintegram a existência e preenche os buracos simbólicos que a sociedade “pós-moderna” abriu e consolidou através de um modelo social que valoriza o Ter em detrimento do Ser. Nas casas das rezadeiras, o Ser readquire sua identidade, o consulente não é um número, ele é um ser humano que carece de atenção, de cuidado, de vida.

Neste sentido, o método transdisciplinar ofereceu uma contribuição riquíssima para nossa análise. Pois “o modelo transdisciplinar da realidade traz uma nova luz ao significado do sagrado.”²³³ Ele nos possibilitou contextualizar a multiplicidade dos fenômenos sem perder de vista a pluralidade destas manifestações, tanto no contexto histórico como na realidade atual. O método transdisciplinar nos ajudou a entender que é impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tanto quanto conhecer o todo sem conhecer, particularmente, as partes, como afirmava Pascal. “A zona de não resistência absoluta do sagrado surge como a origem desse duplo movimento, que é simultâneo e não-contraditório, subindo e descendo pelos níveis de Realidade e de percepção.”²³⁴

Pleiteamos uma ciência com consciência, como propõe Edgar Morin, pois sem ela, é ruína da alma. E “o segundo sentido da palavra consciência é intelectual”²³⁵. Por isso, “o pensamento científico é incapaz de se pensar sua própria ambivalência e sua própria aventura”²³⁶. Nossa preocupação na sistematização das práticas de benzeção foi a de pensar, meditar, refletir e discutir o conhecimento que emerge da vida e das ações das rezadeiras.

²³³ NICOLESCU, Basarad, 2002, p. 61.

²³⁴ *Ibidem.*, p. 61.

²³⁵ MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. p. 11.

²³⁶ *Ibidem.*, p. 11

Descobrimos e revelamos que a prática da benzeção configura-se como um fenômeno complexo, isto é, possuidor de constituintes heterogêneas inseparavelmente associadas. Por complexidade entendemos o “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico.”²³⁷

Que as rezas possam ser instrumentos de construção de pontes integradoras, que possibilitem uma atitude dialogal da ciência com a sabedoria que brota da vida e para ela retorna, quando somos capazes de romper com as atitudes preconceituosas e prepotentes de um conhecimento fragmentado. Saboreando cada palavra em forma de oração, de prece a Deus, reverenciamos a experiência destas mulheres que mantêm viva a tradição de benzer e “curar” as pessoas que as procuram. Que a sensibilidade e a delicadeza dessas mulheres abram caminhos de vida e de esperança. Pois, a oração feita com fé, pode realizar maravilhas, e a ciência, feita com paixão, pode revelar mundos e possibilidades incríveis para cada um de nós.

Que essa memória do sagrado, escondido e revelado nas práticas de benzeção, ilumine nossa trajetória em busca da experiência religiosa e do fenômeno religioso que permeia toda a realidade, entre e além de nossas expectativas. Nas orações destas mulheres a força da palavra restaura o equilíbrio e a dignidade que nossa sociedade tecnológica negou aos que estão à margem, sem vez e sem voz, escondida e negada em sua identidade. Olhar suas posturas nos ajudou a mergulhar na complexidade deste fenômeno com a preocupação de não impor um tipo de conhecimento fragmentado, mas articular outras possibilidades, e desta forma, analisar com maior profundidade as enormes contribuições que essa prática poderá fornecer, ainda hoje, para todos nós.

Sensíveis aos apelos de uma nova visão de conhecimento, isto é, uma epistemologia que, ao invés de fragmentar o conhecimento, integra as mais diversas possibilidades do saber

²³⁷ MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento moderno**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. p. 13.

na busca do ser. Diante disso, somos desafiados a valorizar a experiência das rezadeiras com a reverência daqueles que contemplam o sagrado nas suas mais variadas formas e a atitude crítica daqueles que olhando para o fenômeno religioso, buscam referências epistemológicas para explicação desta manifestação.

Sabemos que o fenômeno das rezadeiras é mais amplo que nossas explicações e teorias, por isso nossa investigação não pretendia esgotar a temática abordada, mas apresentar em linhas gerais as referências teóricas que poderão iluminar outras pesquisas em relação ao tema. Nossa contribuição, neste sentido, oferece a possibilidade de diálogo com o universo científico numa perspectiva de integração transdisciplinar. Desejamos sinceramente ter contribuído com a construção deste caminho de vida e de esperança que é o papel fundamental da ciência, isto é, oferecer ao ser humano a possibilidade de viver com sentido no mundo.

ANEXO 1

ZILDA MARIA DE SANTANA

Apresentamos agora trecho da entrevista com a rezadeira Zilda Maria de Santana, residente na Rua Conde de Irajá, Paratibe – Paulista. Nascida no dia 24 de fevereiro de 1942, com 64 anos de idade. Professa a religião católica, catequista e participa do grupo Apostolado da Oração na comunidade de Arthur Lundgren I, reside neste bairro há 50 anos. Segue abaixo trecho da entrevista realizada no dia 01/05/2006.

“Quando eu tava com a idade de 5 anos e estava com as minhas crianças eu brincava muito com as crianças eu via alguma criança doente eu pegava um pedaço de mato e começava a benzer. E ninguém crê tava do que eu falava minha mãe sempre me batia atores minha mãe me batia de imagens que eu sofri muito a eu sofrer demais eu fui crescendo assim eu fugir de casa e ia rezar e pedia para que elas não dissessem nada para que eu não fosse espancada ela me chamava de bruxa de catimbozeira, ela era muito católica meu pai era diácono, ligada minha mãe e que pregava no meu pé só vim atender com idade de 7 anos em diante uma senhora do receio e levaram ela para o médico eu cheguei lá e disse ela não adianta o mal pela já passou para o corpo para os ossos dela e ela já estava forte e minha mãe me bateu no rosto e na minha boca disse que não era para dizer isso mas eu fiquei angustiado e nada podia fazer. Falava e apanhava eu subia no pé de caju e ia chorar pedindo a deus mais deus e mais deus de confortável e eu descia e lá eu tentava rezar duas ou três vezes a um como criança eu sempre me inspirou no que eu estava fazendo mas eu não entendia fazia mas num entende quando completei 10 anos eu cheguei junto da minha mãe e disse não adianta a senhora me espancar e nem sabia de estava dizendo a minha mãe não adianta o que o senhor

Jesus me ensinou eu não busquei com ninguém foi deus que está presente e eles sabem o meu dom eu nem sei o que estou falando a senhora não me adianta me espancar.

Ninguém nunca me ensinou rezar. Eu via o sofrimento das minhas colegas eu via muitas criancinhas doentes. Muita chegava sem saber o que está acontecendo e dizia Nilsa minha ajuda, eu tô doente e o todo é o que me ajuda, mas a noite eu ficava angustiada eu cheguei chorava porque eu não podia ajudar. Eu não ajudava porque tinha medo que minha mãe me espancar sua era esse o motivo que eu sofrer que a sofria e pelos outros e muitas vezes eu pulava a janela e ajudar as crianças. Eu rezava no fundo do quintal. Eu me sentia a Alegre em fazer isso Hoje muita vezes hoje eu vejo meus irmãos com minhas crianças felizes mesmo que a não seja feliz. Eu olho no olhar e vejo que você está calmo e silencioso no seu coração. Isso eu fico feliz. Se olho para você eu vejo os seus problemas. Deus me enviou aquela palavra para falar a você, às vezes eu tenho vontade de falar mas tenho medo de quando às vezes chegou que em na minha casa estola na cozinha vou pedindo orientação a deus para que ele me oriente, se for uma coisa ruim olho gordo, mal olhado a deus vai me inspirando as palavras que eu devo dizer.

Eu percebo no olhar das pessoas eu acho que a transmissão do pensamento dele vai a minha aí eu percebo que as pessoas têm e o que as pessoas está passando então eu pergunto a deus se aquela pessoa está bem porque até eu mesmo fico despeitada. Será que estou falando a verdade medo será que estou ajudando o meu irmão do meu pensamento não é a rede senhor me orienta aí eu vejo a orientação eu vejo o olhar da Pessoa vejo a calma o índice suspiro o sumido a discórdia das pessoas só em olhar então é aí que as orações é aí que a oração chega a minha mente senhor me ajuda me ilumina nessas palavras eu começo a fazer aquela oração eu sei eu já estou sabendo que eu vou falar. Já tô sabendo quais são as oração que eu vou recitar. Então se chegou a pessoa me pedindo socorro eu posso estar fazendo que estiver, mas eu venho ajudá-lo. Em oração também. Eu realizo em oração e muitas vezes eu me ajoelho aqui

peço a deus sou feliz porque recebam orientação e oração de Jesus que me toca em meu coração. Vai ficar feliz quando faço minhas orações. Ontem eu ia fazer uma visita a minha irmã. Eu estava almoçando e no momento aquilo diz no meu ouvido do jeito que estou falando com você, diz no meu ouvido que precisa fazer uma visita.

Senhor qual das duas então. Já tô sabendo qual das duas às vezes a imagem a visão delas se apresenta aí eu pergunto meu deus com o que eu sou assim é o meu dom, foi o senhor que me deu. Graças a deus por que o senhor me ama por mais que eu seja pecadora por masca tenha pouca fé eu sei que o senhor me ama o muito obrigado a Jesus fez e pergunta mãe achar está conversando sozinha eu respondo não estou conversando com deus ele que me inspira tudo é ele não é ninguém aqui da terra é ele que me inspira tudo feliz graças a deus porque deus minha mãe e na hora que eu preciso e o chão por erros senhor me ajuda me orienta para que eu não faça nada contra o seu agrado.”

ANEXO 2

MARIA DA CONCEIÇÃO

Apresentamos agora trecho da entrevista com a rezadeira Maria da Conceição de Amorim Almeida, residente na Rua da Saudade, Paratibe – Paulista. Nascida no dia 07 de abril de 1934, com 72 anos de idade. Professa a religião católica, não frequenta a igreja da comunidade, reside neste bairro há 26 anos. Segue abaixo trecho da entrevista realizada no dia 01/05/2006.

Eu era muito jovem quando comecei, quando iniciei, foi por mim mesmo via um caso pela frente tive vontade de rezar, rezei e começou a surgir à intuição, como fazer como rezar. E vi os resultados e nunca mais parei. Elas refletem no momento as pessoas sofrendo, no momento em que vê uma situação difícil, aí vem uma vontade seria bonita de fazer alguma coisa e esse algo que é tão importante ele surge tão voluntário. Rezadeira não, mas sempre teve dons espirituais. Acreditavam, chamavam rezadeiras, isso e para rezadeira. Eu tenho fé, eu tenho fé.

A minha reza é diretamente para o olho, olho mal que existe, o olho grande. Eu vou rezar o olho. Se for olho eu sei, se for doença eu sei, na hora da reza eu sei. Eu sinto. Também se não for eu digo não é, procure um médico e outra coisa, mas você não está com olho. Porque às vezes o olho acarreta doenças, várias doenças, às vezes coisa que acontece com a criatura, vem do olho grande, outras não. E existe coisa que vem eu digo essa reza não é para mim, vem como cobreiro, também se cura com reza. Eu não rezo cobreiro. Vem a perna vermelha, porque existe rezadeira para esse fim. Aí já vem espinhela caída, eu não rezo, mas ensino a rezar e fazer em casa, mas do meu jeito. Que existe o jeito da rezadeira do rezador, que reza ali mesmo, de fazer as medidas necessárias, eu sei, mas não faço. Eu mando fazer e se fizer, ela ficou boa e vem me dar a resposta. Sempre é gratificante saber que a pessoa ficou boa.

A gente se sente mal para atender alguma pessoa de fora, a gente se sente mal, se sente mal mesmo. A gente sente vergonha. Depois vem de uma maneira tão leve, tão, muito

diferente, gratificante. Eu creio que sim. Tenho um dom, e vem de Deus, de Jesus, porque e nele que eu creio. E só vem dele porque e de Jesus que vem, só e bom e mais nada. Eu uso a planta, para rezar e necessário que tenha três folhinhas de pinhão roxo, para rezar. Se tiver com olhado, são três dias seguidos. Depois que eu terminar a reza, eu queimo aquela folhinha joga na rua. Para iniciar tem que ser na porta da rua

ANEXO 03 – Fichas das Entrevistadas

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião

01. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Celina A. Rodrigues (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Celina Ambrosio Rodrigues**

Endereço: **R. Cariolando, n. 144 Paratibe – Paulista – Pernambuco. Fone: (081)**

34388425

Data de Nascimento: **02 de fevereiro de 1933**

Local de Nascimento: **Vicência - Pernambuco**

Grau de Escolaridade: **Analfabeta**

Quanto tempo reside neste Bairro: **55 anos (aproximadamente)** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **não morou em outro bairro**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **não**

Quantas pessoas moram nesta residência: **sozinha (minha filha vem sempre me ajudar)**

Qual a sua profissão: **Trabalhei durante 10 anos na Companhia Tecido Paulista**

Existem outras fontes de renda: **Recebo Benefício do meu marido falecido**

Sua casa é própria: **Casa da minha irmã (não pago aluguel)**

14 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 02. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Adiles Pereira Silva (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Adiles Pereira Silva**

Endereço: **R. Amaro Cármino Mendonça de Souza, n. 21 Paratibe – Paulista - Pernambuco Fone: 3371 1381**

Data de Nascimento: **02 de fevereiro de 1933**

Local de Nascimento: **Arrueiras – Campina Grande - PB**

Grau de Escolaridade: **cursou até a 5º série**

Quanto tempo reside neste Bairro: **50 anos (aproximadamente)** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **não morou em outro bairro**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Sim**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Sim** Qual: **Espírita**

Quantas pessoas moram nesta residência: **Com o esposo e uma filha adotiva**

Qual a sua profissão: **Costureira**

Existem outras fontes de renda: **Aposentada**

Sua casa é própria: **própria**

14 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 03. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Maria Jose Bonfino (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Maria Jose Bonfino**

Endereço: **R. Feliciano, casa, 55 Arthur Lundgren I – Paulista - Pernambuco Fone: 34373064 (Mari)**

Data de Nascimento: **03 de Abril de 1932**

Local de Nascimento: **Paudalho – Pernambuco**

Grau de Escolaridade: **Analfabeta**

Quanto tempo reside neste Bairro: **10 anos (aproximadamente)** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Coelhos - Recife**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Às vezes**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Sim** Qual: **Igreja Batista**

Quantas pessoas moram nesta residência: **Com a filha, o genro e duas netas.**

Qual a sua profissão: **Doméstica**

Existem outras fontes de renda: **Aposentada**

Sua casa é própria: **própria**

16 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião

04. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Advani Maria da Silva (21/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Advani Maria da Silva**

Endereço: **Rua Conde de Irajá, 3735 – Paulista – fone: 3437 6978**

Data de Nascimento: **10 de maio de 1955**

Local de Nascimento: **Igarassu**

Grau de Escolaridade: **3º serie do ensino fundamental I**

Quanto tempo reside neste Bairro: **27 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e
quanto tempo: **Igarassu**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **sim**

Já freqüentou ou participou de outra religião: ----- Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **05 pessoas (esposo e filhos)**

Qual a sua profissão: **Cabeleireira**

Existem outras fontes de renda: **Salão de beleza**

Sua casa é própria: **sim**

21 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 05. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Maria José Sales (21/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Maria José Sales**

Endereço: **Rua Barreiros, 346 – Arthur Lundgren I – fone: 3438 4243 (88973394)**

Data de Nascimento: **04 de março de 1943**

Local de Nascimento: **Brejo da Madre de Deus**

Grau de Escolaridade: **Educação de Jovens e Adultos**

Quanto tempo reside neste Bairro: **25 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Casa Amarela – Recife**

Que religião professa: **Igreja Batista**

Você participa frequentemente desta religião: **Sim**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Sim** Qual: **Católica**

Quantas pessoas moram nesta residência: **04 (esposo e filhos)**

Qual a sua profissão: **aposentada – doméstica**

Existem outras fontes de renda: **Aposentadoria**

Sua casa é própria: **Sim**

21 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 06. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Zilda Maria de Santana (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Zilda Maria de Santana**

Endereço: **Rua Conde de Irajá – fone: 9181 1549 – 9204 3219**

Data de Nascimento: **24 de fevereiro de 1942**

Local de Nascimento: **Paulista**

Grau de Escolaridade: **Alfabetizada**

Quanto tempo reside neste Bairro: **50 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **não**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Não**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **03 (filha e netos) viúva**

Qual a sua profissão: **Tecelã (CTP) - Doméstica**

Existem outras fontes de renda: **Benefício**

Sua casa é própria: **Sim**

21 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 07. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Antonia Avelino Barro (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Antônia Avelino Barro**

Endereço: **Rua Bezerras, 16 – Arthur Lundgren I – fone: 3437 6792**

Data de Nascimento: **28 de junho de 1926**

Local de Nascimento: **Bom Jardim - Pernambuco**

Grau de Escolaridade: **Analfabeta**

Quanto tempo reside neste Bairro: **10 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Nobre - Paulista**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **às vezes**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **05 pessoas**

Qual a sua profissão: **Tecelã (CTP)**

Existem outras fontes de renda: **Aposentada**

Sua casa é própria: **Sim**

21 de abril de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião
08. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Severina Batista da Silva (01/05/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Severina Batista da Silva**

Endereço: **Rua Agamenon Magalhães – fone: 3437 2688**

Data de Nascimento: **27 de setembro de 1943**

Local de Nascimento: **Paulista - Pernambuco**

Grau de Escolaridade: **Ensino Fundamental Completo**

Quanto tempo reside neste Bairro: **30 anos**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Sim**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **05 pessoas**

Qual a sua profissão: **Costureira**

Existem outras fontes de renda: **Filha e genro**

Sua casa é própria: **Sim**

01 de maio de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião
09. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: Celina A. Rodrigues (01/05/2006) Sandro Roberto

Nome do Pesquisado: **Inácia Rita do Nascimento**

Endereço: Data de Nascimento: **Rua Agamenon Magalhães, 45 A**

Local de Nascimento: **10 de novembro de 1935**

Grau de Escolaridade: **Limoeiro - Pernambuco**

Quanto tempo reside neste Bairro: **53 anos**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Às vezes**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **sim** Qual: **espiritismo (Umbanda e**

Candomblé)

Quantas pessoas moram nesta residência: **Meu filho**

Qual a sua profissão: **Tecelã**

Existem outras fontes de renda: **Pensionista**

Sua casa é própria: **Sim**

01 de maio de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião

10. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome da Pesquisada: **Maria da Conceição de Amorim Almeida**

Endereço: **Rua da Saudade, 32**

Data de Nascimento: **07/ 04/1934**

Local de Nascimento: **Mamaguape - PB**

Grau de Escolaridade: **Cursei até a 8º série**

Quanto tempo reside neste Bairro: **26 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Afogados – Recife**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Às vezes**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **02 pessoas**

Qual a sua profissão: **costureira**

Existem outras fontes de renda: **pensionista**

Sua casa é própria: **sim**

19 de maio de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
Programa de Mestrado em Ciências da Religião

11. Ficha de Identificação do Pesquisado

Obs.: A entrevistada não autorizou o registro fotográfico.

Nome da Pesquisada: **Jucyana Maria de Amorim Almeida**

Endereço: **Rua da Saudade, 32**

Data de Nascimento: **28/ 08/1967**

Local de Nascimento: **Recife**

Grau de Escolaridade: **Ensino Médio - completo**

Quanto tempo reside neste Bairro: **26 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Recife**

Que religião professa: **Católica**

Você participa freqüentemente desta religião: **Não**

Já freqüentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **duas (com a mãe, também rezadeira e cartomante)**

Qual a sua profissão: **artesã e professora**

Existem outras fontes de renda: **artesanato**

Sua casa é própria: **sim**

19 de maio de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 12. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome da Pesquisada: **Maria José Vicente da Silva**

Endereço: **Rua da Saudade, 160**

Data de Nascimento: **19/ 05/1941**

Local de Nascimento: **Garanhuns**

Grau de Escolaridade: **Série inicial - Alfabetizada**

Quanto tempo reside neste Bairro: **35 anos** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **Vila Torres Galvão - Paulista**

Que religião professa: **Católica**

Você participa frequentemente desta religião: **Às vezes**

Já frequentou ou participou de outra religião: **sim** Qual: **espiritismo**

Quantas pessoas moram nesta residência: **09 pessoas**

Qual a sua profissão: **aposentada**

Existem outras fontes de renda: **aposentadoria**

Sua casa é própria: **sim**

19 de maio de 2006

Universidade Católica de Pernambuco
 Programa de Mestrado em Ciências da Religião
 13. Ficha de Identificação do Pesquisado



Foto: (14/04/2006) Sandro Roberto

Nome da Pesquisada: **Maria das Dores de Oliveira**

Endereço: **Rua Uraim, s/n**

Data de Nascimento: **06/ 03/1928**

Local de Nascimento: **Nazaré da Mata**

Grau de Escolaridade: **Série inicial - Alfabetizada**

Quanto tempo reside neste Bairro: **Desde 1939** Se morou em outro bairro, onde foi e quanto tempo: **No centro de Paulista**

Que religião professa: **Católica**

Você participa frequentemente desta religião: **Sim**

Já frequentou ou participou de outra religião: **Não** Qual: -----

Quantas pessoas moram nesta residência: **sozinha**

Qual a sua profissão: **aposentada**

Existem outras fontes de renda: **aposentadoria**

Sua casa é própria: **sim**

14 de abril de 2006

REFERÊNCIAS

ALVES, Aníbal Falcato. **Rezas e benzeduras**. Porto: Campo das Letras – Editores S.A., 1998. 127p.

ALVES, Rubem. **O que é religião?**. 6º Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 131p.

AMORIM, José Pimentel de. **Medicina popular em Alagoas**. 2º Edição. Maceió: Editora Graciliano Ramos, 2006. 165p.

ANTÔNIO, Severino. **Educação e transdisciplinaridade**: crise e reencantamento da aprendizagem. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002. 192p. (coleção educação & transdisciplinaridade).

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. Org. Luiz Roberto Benedetti. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985. 194 p. (Coleção sociologia e religião).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do Sagrado**: estudos de religião e ritual. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 265p.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 3º Edição. São Paulo: Editora brasiliense, 1989. 179p.

CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**: uma introdução à fenomenologia da religião. Trad. Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. São Paulo. Edições Paulinas, 2001. 520 p. (Coleção religião e cultura).

COLL, Agustí Nicolau; NICOLESCU, Basarad; ROSENBERG, Martin E. *et al.* **Educação e transdisciplinaridade II**. Coordenação executiva do CETRANS. São Paulo: TRIOM, 2002. 216p.

DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus:** diálogo entre psicanálise e fé. Petrópolis: Vozes, 2002. 157p.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 609 p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano:** A essência das religiões. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992. 191 p.

_____. **O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase.** 2ª Edição. Trad. Beatriz Perrone-Moisés e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins fontes, 2003. 559p.

_____; COULIANO, Ioan P. . **Dicionário das religiões.** Colaboração de H. S. Wiesner. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 342p.

FILORAMO, Giovanni; PRANDI, Carlo. **As ciências das religiões.** Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1999. 295p.

GOTO, Tommy Akira. **O fenômeno religioso:** a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus. 2004. 164 p. (Coleção filosofia).

JAPIASSU, Hilton. **O sonho transdisciplinar:** e as razões da filosofia. Rio de Janeiro: Imago, 2006. 240 p.

LOYOLA, Maria Andrea. **Médicos e curandeiros:** conflito social e saúde. São Paulo: DIFEL, 1984. 198p.

KÜNG, Hans. **Religiões do mundo:** em busca dos pontos comuns. Trad. Carlos Almeida Pereira. Campinas: Versus Editora, 2004. 283 p.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna.** Trad. Euclides Martins Balancin. São Paulo: Edições Paulinas, 1995. 493 p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. 2ª edição. Trad. Paulo neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 9ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 344p.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006. 128 p.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. Porto Alegre: Editora Sulina, 2006. 120 p.

PADEN, William E. **Interpretando o sagrado**: modos de conceber a religião. Trad. Ricardo Gouveia. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. 234 p. (Coleção Religião e cultura).

PETERS, Ted; BENNETT, Gaymon (orgs). **Construindo pontes entre a ciência e a religião**. Trad. Luís Carlos Borges. Sup. Cient. Eduardo R. Cruz. São Paulo: Edições Loyola. Edições UNESP, 2003. 317 p.

SEGALEN, Martine. **Ritos e rituais contemporâneos**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: FGV, 2002. 161p.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, colonialismo e homem selvagem**: um estudo sobre o terror e a cura. Trad. Carlos Eugenio Marcondes de Moura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. 481p.

TEIXEIRA, Faustino (org). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil**: afirmação de uma área acadêmica. São Paulo:Edições Paulinas, 2001. 346 p. (Coleção Religião e cultura).

_____. **Sociologia da religião**: enfoques teóricos. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. 270 p.

TERRIN, Aldo Natale. **O sagrado off limits: A experiência religiosa e suas expressões.** São Paulo: Edições Loyola, 1998. 278 p.

_____. **Antropologia e horizontes do sagrado: culturas e religiões.** Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2004. 420 p.

_____. **Introdução ao estudo comparado das religiões.** Trad. Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. 423 p. (Coleção religião e cultura).

WACH, Joachim. **Sociologia da religião.** São Paulo: Edições Paulinas, 1990. 495p.

WEIL, Pierre; D'AMBROSIO, Ubiratan; CREMA, Roberto. **Rumo à nova transdisciplinaridade: sistemas abertos de conhecimento.** São Paulo: Summus Editorial, 1993.

ENTREVISTAS INÉDITAS

ALMEIDA, Jucyana Maria de Amorim. Paulista, 19 de maio de 2006. (Entrevista inédita)

ALMEIDA, Maria da Conceição de Amorim. Paulista, 19 de maio de 2006. (Entrevista inédita)

BARRO, Antônia Avelino. Paulista, 21 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

BONFINO, Maria Jose. Paulista, 16 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

DA SILVA, Advani Maria. Paulista, 21 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

DA SILVA, Maria José Vicente. Paulista, 19 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

DA SILVA, Severina Batista. Paulista, 01 de maio de 2006. (Entrevista inédita)

DE SANTANA, Zilda Maria. Paulista, 21 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

NASCIMENTO, Inácia Rita do. Paulista, 01 de maio de 2006. (Entrevista inédita)

OLIVEIRA, Maria das Dores de. Paulista, 01 de maio de 2006. (Entrevista inédita)

RODRIGUES, Celina Ambrosio. Paulista, 14 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

SALES, Maria José. Paulista, 21 de abril de 2006. (Entrevista inédita)

SILVA, Adiles Pereira. Paulista, 14 de abril de 2006. (Entrevista inédita)